

CRISTIANE FERREIRA AURIEMO

A PRODUÇÃO E A REESCRITA DE TEXTOS: O TRABALHO
DOCENTE E DISCENTE NO QUARTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL.

Rio Claro

2012



CRISTIANE FERREIRA AURIEMO

A PRODUÇÃO E A REESCRITA DE TEXTOS: O TRABALHO
DOCENTE E DISCENTE NO QUARTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL.

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, como parte dos
Requisitos para obtenção do título de
Mestre Educação.

Comissão Examinadora

Rio Claro, ____ de _____ de 2012.

Rio Claro

2012

Ào meu companheiro de vida Wanderley

À Gabriella e Vinícius

Meu eterno amor

Poema de agradecimento

Escolhi ser professora
e me orgulho da profissão.
Exige muito empenho e trabalho,
estudo e dedicação

Escrevi esta pesquisa
motivada pelas inquietações
que a profissão me impõe todos os dias
sem vergonha ou lamentações

Ganhei amizades, apoio e orientação,
que clarearam meus pensamentos.
É por isso que, nesse momento
quero tecer alguns agradecimentos:

Sua sabedoria me inspira,
Preciosa foi sua orientação.
Cecília, sou grata pela sua paciência,
respeito, competência e por sua
animação.

Angela, Fabiana e Luciana Antunes
e tantas outras colegas de mestrado.
Karin, Adriana P. e Vanessa S.
Sou grata por essas amizades ter
conquistado

À Secretaria de Educação e aos
professores,
alunos das escolas visitadas,
Obrigada por me acolherem com
entusiasmo
E assim a pesquisa pode ser realizada.

Fiz grandes amizades, tive ótimas aulas,
estudei nossa língua com dedicação
Sou grata, Profa. Eliete D'Onófrio
pela vossa preciosa revisão.

Agradeço aos funcionários do IB -
UNESP,
que possuem competência de sobra
Nos ajudam com presteza e atenção
E também participaram dessa obra.

E a banca, o que dizer?
importante foi a colaboração
Dra. Maria Antonia Azevedo e Dra.
Claudia Reyes
Sou grata e lhes tenho profunda
admiração

A família, essencial a todos
Sempre presente nessa caminhada,
Rubens, Nancy, Renato e Danielle
Me apoiaram nessa jornada
Gabriella e Vinícius
Desculpo-me por estar ausente
Vosso amor, carinho e compreensão
são o meu maior presente

Meu companheiro, amigo e marido
sempre forte, pronto e generoso
Obrigada Wanderley, querido
por dedicar a mim e à nossa família
Esse amor grandioso

E para finalizar esses versos
singelos, mas de coração
Agradeço a Deus todos os dias
Por dar-me saúde e cobrir com sua
bênção.

Ensinar... O que é ensinar? O que é ser professor?

Ensinar... Tirar de dentro de nós mesmos o que sabemos, o que conseguimos angariar de bom na vida. Se procuro hoje atentar para as coisas dignas é porque quero amanhã, transmitir para alguém o que sei.

Ensinar não é só uma profissão, ensinar é uma arte. O ensino necessita da arte de um verdadeiro juiz, da pureza de um verdadeiro sacerdote, da paciência de um verdadeiro médico. O professor é um médico espiritual, cura os erros do intelecto, livra a alma da ignorância.

O ensino é uma profissão espiritual. O professor é guia que nos leva pelos caminhos cheios de beleza das ciências. Que imensa beleza, que enorme beleza existe no fato de um mestre tirar a dúvida de um aluno, de um professor ensinar uma coisa nova a um aluno, de um professor ser justo e compreensivo.

Ensinar é a milagrosa arte que abre caminhos, largos horizontes...

Texto feito por Caetano Veloso, 03/07/59, aos treze anos, em uma prova de português com o professor Nestor Oliveira em Santo Amaro – BA

RESUMO

AURIEMO, Cristiane Ferreira. **A produção e a reescrita de textos: o trabalho docente e discente no quarto ano do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2012.

Esta pesquisa focaliza o trabalho de escrita e reescrita de textos, realizado por alunos e professores do ensino fundamental. Para compreender as relações que se estabelecem entre os procedimentos docentes e discentes, procuramos verificar como ocorrem os encaminhamentos didáticos dados a este trabalho e como os alunos procedem diante desses encaminhamentos. Para descrever e analisar as práticas de produção e reescrita de textos foram realizadas observações de aulas. Participam da pesquisa 9 turmas de 4º ano do Ensino Fundamental, de cinco escolas públicas municipais de cidade do interior paulista. A seleção das escolas e dos sujeitos participantes foi feita aleatoriamente pela tabela de Fisher e Yates. Os procedimentos metodológicos envolvem observações diretas das aulas destinadas à produção textual e a realização de uma oficina de escrita e reescrita de textos, na qual os alunos foram convidados a participar. Os dados obtidos na observação de aula, os referentes à produção textual realizada nessas aulas com a orientação da professora e em oficinas de escrita e reescrita de textos foram analisados e confrontados. Para a análise do trabalho realizado pelo professor nas aulas de escrita e reescrita de texto e da produção textual dos alunos consideramos os níveis de conceitos linguísticos apresentados por Jolibert (1994), especialmente no tocante à superestrutura do texto, à linguística do texto e à linguística da frase. Descrevemos comparativamente os desempenhos dos alunos na primeira escrita e na reescrita de um texto para identificar os efeitos de orientação didática na produção textual. Ao compararmos as produções foi possível observar a ênfase dada pelo professor nas questões de ordem ortográfica do texto além da excessiva preocupação com a aquisição do código do sistema de escrita. Observamos também que a releitura do próprio texto não foi valorizada nos momentos oportunos e que não há consenso, entre esses professores, sobre o trabalho didático de escrita e reescrita de textos. Na Oficina de produção textual constatamos que, embora o conhecimento dos critérios de avaliação de escrita apresentado aos alunos sob forma de roteiro de autoavaliação tenha contribuído para que efetuassem correções mais profundas nos textos na maior parte dos casos os alunos tenderam a reproduzir as práticas de reescrita as quais foram submetidos no cotidiano escolar.

Palavras chaves: produção textual; práticas didáticas; interação com a reescrita.

ABSTRACT

AURIEMO, Cristiane Ferreira. The production and rewriting of texts: the work of teachers and students in the fourth year of elementary school. Dissertation (Master of Education). Institute of Biosciences. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2012.

This research focuses on the interactions between students and their teachers in the work of writing and rewriting of texts, performed by students and elementary school teachers. To understand the relationships established procedures among teachers and students, we see how the referrals occur didactic data for this work and how students proceed on these referrals. To describe and analyze the production practices and rewriting texts were conducted classroom observations. Participating research groups from nine 4th of elementary school, five public schools in the city of São Paulo. The selection of schools and participants' table was made randomly by Fisher and Yates. The methodological procedures involve direct observation of classes intended for textual production and conducting a workshop on writing and rewriting of texts, in which students were invited to participate. The data gathered during the lesson, referring to textual production carried these lessons with the teacher's guidance and workshops on writing and rewriting texts were analyzed and compared. For the analysis of the work done by the teacher in class writing and rewriting text and textual production of the students consider the levels of linguistic concepts presented by Jolibert (1994), especially regarding the superstructure of the text, the text's linguistic and linguistic the sentence. We report compared the performance of students in the first writing and rewriting a text to identify the effects of didactic orientation in textual production. The comparison the text was possible to observe the emphasis given by the teacher in order issues spelling of text beyond excessive preoccupation with the acquisition of code writing system. We also note that the reading of the text itself was not valued at the right times and that there is no consensus among these teachers on the job teaching writing and rewriting of texts. In Workshop of writing found that, although knowledge of evaluation criteria presented in writing to students in the form of self-assessment script has contributed to deeper corrections to performed in the texts in most cases students tended to reproduce practices rewritten which were submitted in the school routine.

Keywords: textual production, teaching practices, interaction with the rewrite

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	07
INTRODUÇÃO	08
1-A PRODUÇÃO E A REESCRITA DE TEXTOS.....	12
2- AS PESQUISAS SOBRE REESCRITA DE TEXTOS PELOS ALUNOS.....	22
3- O ESTUDO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS EM PRODUÇÃO TEXTUAL: O PERCURSO METODOLÓGICO.	28
3.1 .MÉTODO	29
3.2.SUJEITOS PARTICIPANTES	30
3.3.INSTRUMENTOS DE COLETA	30
3.4.PROCEDIMENTOS DE OBSERVAÇÃO	31
3.5 .REALIZAÇÃO DA OFICINA DE PRODUÇÃO E REESCRITA DE TEXTOS	32
3.6. ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM QUE SE REALIZARAM AS OBSERVAÇÕES E AS OFICINAS.....	34
3.7. A OPÇÃO METODOGÓGICA PARA A ANÁLISE DOS TEXTOS NAS OFICINAS.....	35
4- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	37
4.1. A PRODUÇÃO TEXTUAL SOB A ORIENTAÇÃO DAS PROFESSORAS	37
4.2. A PRODUÇÃO TEXTUAL E SUAS IMPLICAÇÕES NAS OFICINAS.....	60
5- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	99
6- REFERÊNCIAS.....	103
7- ANEXOS	
Anexo 1- Autorização assinada pela professora.....	108
Anexo 2- Autorização assinada pelo responsável pelo menor.....	110
Anexo 3- Autorização assinada pelo aluno.....	112
Anexo 4- Relato das observações.....	113
Anexo 5- Textos produzidos pelos alunos.....	166

INTRODUÇÃO

A aprendizagem da linguagem escrita tem sido tema de investigação entre os pesquisadores, por constituir um dos problemas educacionais no qual as crianças têm apresentado maiores dificuldades, sobretudo na produção textual.

Como professora de quarta série do ensino fundamental, temos observado o desempenho insatisfatório dos alunos no campo da produção textual. É crescente o número de crianças que chegam a essa série sem as competências mínimas em leitura e escrita.

Os alunos brasileiros têm obtido resultados alarmantes em leitura e escrita nas avaliações externas à escola. Podemos citar como exemplo os resultados que tiveram na última avaliação do Programa Internacional de Avaliação Comparada¹ (PISA - 2009), em que respondem ao 53º lugar, dentre 65 países participantes. Embora os alunos brasileiros tenham demonstrado desempenho superior ao apresentado nos anos anteriores, nosso ensino ainda está longe de mostrar-se eficiente com relação à leitura e à escrita. Apesar de o país aplicar, há mais de duas décadas (desde 1988), exames nacionais de rendimento dos alunos, seus efeitos sobre a qualidade no ensino ainda não são observáveis.

Segundo Pinho (et.al. 2011), isso ocorre porque, de fato, não há um sistema nacional de avaliação, mas um conjunto de testes padronizados de âmbito nacional e internacional (SAEB, Prova Brasil, Enem, PISA), estadual (SARESP) ou municipal, que não se articulam entre si e cujos resultados pouco servem para a definição de prioridades.

Explicar o desempenho das crianças brasileiras em avaliações como as acima citadas requer reflexões sobre o contexto pedagógico em que esses alunos se inserem, especificamente sobre o trabalho realizado com textos em sala de aula, que é o objeto deste estudo.

Durante o percurso profissional, observamos situações que nos provocaram inquietações sobre as práticas escolares, sobretudo as relacionadas às escritas feitas na sala de aula. A preocupação em realizar um trabalho no qual a leitura e a

¹ O PISA avalia o letramento em leitura. O termo letramento foi escolhido para refletir sobre a amplitude dos conhecimentos, habilidades e competências que estão sendo avaliados.

escrita de textos ocorressem de maneira eficiente nos fez buscar, na Universidade, embasamento teórico para pautar e modificar nossa prática como professora.

Graduada em Pedagogia (UNESP – Rio Claro/SP), especialista em Alfabetização pela mesma instituição, conhecemos a proposta sócio-construtivista de Josete Jolibert e colaboradores durante a especialização e buscamos aprofundar-nos participando do Grupo de Pesquisa em Alfabetização da referida instituição, no “Projeto Raios de Sol”, vinculado a RED Latinoamericana para a transformação da formação docente em linguagem, coordenado no Brasil, pela Profa. Dra. Maria Cecília de Oliveira Micotti.

A busca pelo Grupo de Estudos ocorreu numa tentativa de mudar nossa prática como professora de ensino fundamental e para encontrar respostas para questões relacionadas à dificuldade que os alunos, sobretudo os de 4º série, demonstram no momento em que são solicitados a escrever um texto em língua materna.

Uma reflexão mais cuidadosa de como o estudo de língua portuguesa acontece no ensino fundamental revela, segundo Antunes (2003 p.19), “a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas”. O ensino da língua materna fica reduzido ao treino de decifrar códigos escritos.

A esse respeito, Micotti (2009, p. 33) acrescenta que os professores, em geral, foram alfabetizados e aprenderam a alfabetizar mediante cópia, ditados e leitura em voz alta, com material estruturado para facilitar a associação entre elementos da língua oral e escrita.

O que podemos observar é uma considerável distância entre a escrita que existe na sociedade e aquela que a escola insiste em ensinar.

Sabemos que a escrita está presente na maioria das práticas sociais, influenciando a interação e a comunicação entre os povos. Desse modo é função da escola proporcionar ao aluno condições para essa interação criando condições para fazer uso da linguagem com competência.

Podemos dizer que o trabalho pedagógico com escrita de textos tem acontecido de maneira que não privilegia o aprendizado dos alunos, como indicam desempenhos discentes nas avaliações externas à escola.

Dessa forma, coloca-se a questão: como a produção textual é trabalhada na escola?

Pensar sobre a produção de textos é pensar sobre o aprendizado da língua materna, como ela tem acontecido nas escolas e, inevitavelmente, analisar a concepção do professor sobre o trabalho com textos em sala de aula.

São vários os aspectos relacionados à educação que podem contribuir para o entendimento sobre a dificuldade dos estudantes para se expressarem por meio da língua escrita. Entretanto, optamos por nos aprofundar e discutir o processo de apropriação da escrita de textos e os procedimentos utilizados pelos professores no trabalho pedagógico de produção e reescrita textual. Para tanto é importante nos remetermos à observação do cotidiano escolar.

Diante dos dados apresentados sobre o insucesso dos estudantes brasileiros em leitura e escrita e frente às vivências como professora de ensino fundamental é inevitável que pensemos:

Como as situações de escrita de texto são propostas ao aluno? Como professores e alunos realizam essas propostas? Em quais situações os alunos escrevem na escola? Com qual objetivo? Como essas aulas são planejadas? Há reescrita de tais textos? Como são propostas? Os alunos tem oportunidade de reler e refletir sobre o que escreveram?

Essas inquietações nos suscitam as indagações que nortearão esta pesquisa:

Quais são as estratégias utilizadas nas atividades de produção textual - escrita e reescrita de texto? Como esses procedimentos interferem ou colaboram nesse processo considerando a superestrutura do texto, linguística do texto e a linguística da frase?

Propusemo-nos a investigar, descrever e analisar, no cotidiano escolar, as aulas destinadas à produção e reescrita de textos, com o propósito de verificar em que medida as estratégias utilizadas pelos professores colaboram ou interferem na apropriação da língua escrita pelos alunos.

O primeiro capítulo desta dissertação é composto por uma reflexão sobre a concepção de escrita e reescrita de textos contida nos documentos oficiais que norteiam o ensino da língua portuguesa no país. Trata-se de um breve histórico sobre como é proposto trabalho com textos no cotidiano escolar e suas mudanças ao longo dos anos.

O segundo capítulo procura conferir as pesquisas realizadas com as reescritas feitas por crianças em contexto escolar. Essas pesquisas foram de

especial importância para observamos em que medida a reescrita colabora com a produção inicial da criança, de acordo com a estratégia utilizada.

O terceiro capítulo traz o caminho metodológico utilizado, descrevendo como se deram as escolhas ora tomadas no que tange ao método de coleta e análise dos dados, à participação dos sujeitos e aos procedimentos adotados para observação das aulas e para a realização das oficinas.

No quarto capítulo, procuramos descrever e discutir os dados coletados nos dois momentos desta pesquisa: o da observação nas aulas destinadas pelas professoras à atividade pedagógica de produção textual, e o da realização das oficinas de produção textual. Apresentamos a primeira e a segunda versão dos textos feitos pelos alunos nas oficinas visando a estabelecer parâmetros de comparação entre os textos feitos sob a orientação da professora e os feitos nas oficinas de produção textual.

A apresentação das considerações parciais ocupou o quinto capítulo desta dissertação.

Apresentamos, em forma de anexos, o relato, na íntegra das observações realizadas e das oficinas de produção textual, bem como os originais dos textos produzidos pelos alunos.

1- A PRODUÇÃO E A REESCRITA DE TEXTOS NA ESCOLA

No dia-a-dia, escrevemos em diversas situações de interação comunicativa. Escrevemos para nos lembrar de compromissos, escrevemos cartas, bilhetes, listas de compras, e-mails, entre outras formas de escrita, tomando o cuidado de adaptar os textos às diferentes situações. Dessa forma, podemos dizer que escrever textos configura-se em importante modo de interação social.

Sabemos que aprender a escrever não é tarefa fácil. Moraes (et.al 2009) destaca a aprendizagem da escrita como complexo, resultante de um intenso trabalho cognitivo e linguístico e dependente de vários mecanismos, de uma “pluralidade de gêneros textuais, com características distintas” (COELHO, 2009 p. 16).

A escrita e sua aprendizagem pela criança constitui tema frequentemente estudado, gerando uma vasta bibliografia, sobretudo a partir da metade do século passado. Ao longo dos anos as pesquisas sobre a aquisição da escrita estabelecem discussões sobre a concepção do ensino da expressão de escrita, provocando diferentes propostas pedagógicas para o ensino da língua portuguesa.

Numa perspectiva histórica, ao focalizar o ensino e a aprendizagem da língua materna escrita, BRASIL (1998), Geraldi (2002) e Soares (2004) trazem importantes contribuições sobre as mudanças ocorridas ao longo dos anos na disciplina “Língua Portuguesa”.

As antigas “aulas de redação”, ministradas pelo professor na década de 60, tinham como foco o domínio da gramática, e as práticas de atividades de leitura em sala de aula objetivavam o ensino dos principais gêneros do discurso: o narrativo, o descritivo e o dissertativo. Geraldi (2002) assinala que há diferenças entre as produções de textos e as chamadas redações.

Na década de 70, as propostas de reformulação do ensino de Língua Portuguesa indicavam mudanças no modo de ensinar, valorizando a criatividade como condição para desenvolver a eficiência da comunicação e expressão por parte do aluno.

É no início da década de 80 que uma nova crítica ao ensino de Língua Portuguesa se estabelece, principalmente no que se refere à aquisição da escrita, possibilitando avanços nas áreas de educação.

O motivo para as mudanças deve-se, de acordo com Geraldi (2003 p. 115), à democratização do ensino, pois várias camadas da população, antes marginalizadas, tiveram acesso a ele, trazendo para as escolas todos os grupos sociais. Antes, os professores pertenciam à “elite” cultural e os alunos, à “elite” social. Os alunos aprendiam mesmo com as falhas didáticas, com professores altamente capazes e também pelas condições favoráveis como, saúde, alimentação e disponibilidade de leitura.

Nas últimas décadas, o país presenciou a democratização da educação escolar. O direito à matrícula e à permanência na escola se estendeu e está assegurado por dispositivos legais; no entanto, de acordo com Micotti (2011, p.245), apesar de serem medidas necessárias, isso não é suficiente para garantir o aprendizado; o acesso aos bancos escolares não significa acesso à herança social da humanidade - os saberes construídos e sistematizados pela humanidade ao longo do tempo.

A esse respeito, Soares (2002) verificou que as mudanças estão relacionadas a cada momento histórico que o país vivenciou. A história da disciplina “Português” se definiu pelas condições sociais, econômicas e culturais que determinaram a escola e o ensino,

“sobretudo, das possibilidades de acesso a escola, que vai exigindo a reformulação das funções e dos objetivos dessa instituição, o que acarreta, entre outras alterações, mudanças disciplinares, (...) (p. 166)

A autora comenta, ainda, que a profunda modificação no alunado e em consequência disso, o recrutamento mais amplo e, portanto, menos seletivo de professores para acompanhar a demanda contribuiu sensivelmente para a modificação nos conteúdos da disciplina.

Mudanças curriculares são necessárias (e justificadas) diante do atual cenário da educação como forma de garantir a aprendizagem da Língua Portuguesa nas escolas.

No Estado de São Paulo, a Proposta Curricular para o Ensino de Língua Portuguesa, de 1988, orientava que esse ensino se fundamentasse numa concepção de linguagem como atividade humana, histórica e social. O documento salienta que a proposta:

“não deve ser lida como uma solução, um receituário ou um rol de conteúdo a ser seguido; ela pretende, antes de tudo, ser um estímulo à reflexão, visando a uma mudança de ponto de vista e de atitudes em relação à linguagem e à língua e a uma consciência do papel do professor de Língua Portuguesa, para que seja capaz de adequar suas ações a esse papel”.

(São Paulo, Proposta Curricular para o ensino de Língua Portuguesa, 1988, p. 12).

Nessas afirmações, é possível perceber a intenção do documento de propor o ensino da língua materna de modo construtivo o que segundo Zuin e Reyes (2010), é um processo coletivo que resulta de um longo período histórico, do sistema linguístico e comunicativo utilizado em uma dada comunidade – a língua.

Ainda segundo as autoras, (p. 21) nessa concepção, a linguagem é uma atividade sujeita a “regras” não somente regras relativas ao modo de construir e interpretar as expressões gramaticais, mas também regras para conduzir uma conversação.

Essa concepção de linguagem envolve uma concepção de sujeito ativo, que reflete e interage com a língua, pois a atividade linguística não se faz nas palavras ou frases isoladas para análises e exercícios escolares, mas se faz nos processos reais de comunicação como discurso ou texto.

A Proposta Curricular traz a definição de texto como “todo discurso falado ou escrito que constitui um todo unificado e coerente dentro de uma determinada situação discursiva, ou seja, o que define texto não é sua extensão, mas sua unidade de sentido em relação a uma situação”. (p. 18)

Em 1997, os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN), documentos elaborados pelo Ministério de Educação, surgiram com a mesma tentativa (em âmbito nacional) de fundamentar e alicerçar práticas significativas do ensino da língua materna.

Na introdução dos PCN, é possível perceber uma preocupação grande com o fato de a escola ter dificuldade em ensinar a ler e a escrever. As práticas tradicionais de alfabetização utilizadas na década de 60 não foram capazes de preparar alunos

aptos a ler, interpretar e produzir textos, dado o elevado número de repetência e evasão logo na primeira série. De acordo com o documento:

“O conhecimento disponível nos anos 60 levava a buscar no aluno a causa do fracasso escolar — o que tinha sua lógica, visto que para uma parte dos alunos o ensino parecia funcionar. Uma boa ilustração dessa abordagem são os exercícios de "prontidão". Pensava-se que aos alunos que fracassavam devia faltar algo, sendo, então, necessário compensar esse déficit para que pudessem aprender.”

No início dos anos 80, começaram a circular, entre educadores, livros e artigos com diferentes propostas para a alfabetização, provocando mudanças na forma de compreender o processo; deslocavam a ênfase habitualmente posta em "como se ensina" e buscavam descrever "como se aprende". Tiveram grande impacto os trabalhos que relatavam resultados de investigações, em especial a psicogênese da língua escrita de Emilia Ferrero e Ana Teberosky (1985).

Esses trabalhos ajudaram a compreender aspectos importantes do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, permitindo, por exemplo, que se começasse a desvelar as razões pelas quais as crianças que vinham de famílias mais favorecidas pareciam ter muito mais desenvoltura para lidar com as demandas escolares que as de famílias menos favorecidas.

Ao mudar o foco das investigações das questões do ensino para as questões da aprendizagem, foi possível compreender que as crianças sabiam muito mais do que se poderia supor até então, que elas não entravam na escola desinformadas, que possuíam um conhecimento prévio sobre leitura e escrita. As diferenças entre elas podem ser explicadas pelas interações com a escrita.

Os resultados dessas investigações também permitiram compreender que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e que, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Isto significa uma mudança no que diz respeito ao estudo da língua materna, a qual deixa de ser reflexo de pura gramática para produzir textos em situações reais de comunicação.

Segundo Geraldi (2002) e Brasil (1997), para o ensino de língua portuguesa ultrapassar os limites da escola e utilizar a língua de maneira não artificial, é preciso

que ele seja centralizado em três práticas: leitura de textos, produção de textos e análise linguística.

Sobre a proposta apresentada nos PCN, quanto ao trabalho com textos no ensino fundamental, Kleiman e Moraes (1999) destacam seu caráter cultural. Chamam a atenção para o fato de o texto ser um produto cultural, fruto de uma construção entre sujeitos contextualizados sócio-historicamente e, justamente por essa razão, seu sentido resulta dessa estruturação entre eles. O significado do texto, segundo as autoras, não se limita ao que nele se estrutura, mas resulta da intersecção com outros textos.

Estudos recentes apontam contribuições teóricas que permitem elaborar outras propostas para o ensino da língua materna. Esses estudos mostram caminhos possíveis de êxito e sucesso na produção de textos, redimensionando o trabalho nas escolas.

Abaurre (1992), Jolibert (1994, 2006, 2008), Geraldi (2006), Cagliari (2001), Micotti (1999, 2000, 2005, 2009), Leite (2003), Smolka (2008), Zuin e Reyes (2010) destacam os aspectos sociais da escrita, o ensino dotado de sentido para os aprendizes, desenvolvido em situações significativas e o contexto em que a escrita é realizada.

Esses autores ressaltam que o trabalho com a escrita deve envolver textos reais utilizados em situações de comunicação. Entretanto, observa-se que o trabalho realizado pelos professores em sala de aula é, em geral, fragmentado e descontínuo, privilegiando a correspondência entre sons e grafias, a oralização das sílabas, das palavras e frases soltas e desconexas.

Nas aulas, há a escrita de textos; no entanto, percebe-se a falta do trabalho de produção de textos por parte dos alunos, de formação de sujeitos produtores de textos.

Geraldi (2003, p.135) considera a produção de textos como ponto de partida e de chegada de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. É no texto que a língua se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, ou enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões. Na concretização dos textos, um sujeito produtor de discursos articula um ponto de vista sobre o mundo. O sujeito não precisa criar o “novo”, mas se

utilizar de velhas formas e velhos conteúdos, articulando individualmente, com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando não está consciente disso.

Geraldi (2003) estabelece, no interior das atividades escolares, uma distinção entre produção de textos e redação. Nesta, produzem-se textos para a escola; naquela produzem-se textos na escola.

O autor ressalta que, para produzir um texto, é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se institua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz, para quem o diz;
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d) (GERALDI, 2003, p.137).

Ainda de acordo com o autor, observando o ato de escrever para a escola, pelos textos produzidos, há muita escrita e pouco texto (ou discurso), pois se constroem nessas atividades, para cada um dos aspectos acima, respostas diferentes daquelas que se constroem quando a fala (e o discurso) é para valer.

Para que se tenha o que dizer, é necessário que o escritor seja também um bom leitor, como já se afirmou anteriormente, já que a leitura é uma excelente forma de aquisição de cultura e conhecimento. Para se ter o que dizer, também é necessário a utilização da leitura de mundo do próprio escritor.

A proposta dos PCN (1997) para o trabalho com a escrita de textos evidencia a importância da sua produção em situações significativas de comunicação. Antunes (2003), Micotti (2003, 2009), Jolibert (1994, 2006, 2008), Smolka (2008), Zuin e Reyes (2011) compartilham desse pressuposto, tendo em vista que um dos objetivos do ensino da língua materna, segundo o documento, é formar alunos leitores e produtores de textos.

A proposta enfatiza ainda a necessidade do ensino de texto como objeto sócio histórico, inscrito em modos de funcionamento sociais e comunicativos, visando, dessa forma, à “formação de escritores competentes” (BRASIL, 1997, p 65).

O documento, que deve nortear a atuação do professor na prática de produção escrita na escola, destaca o texto como unidade básica de ensino, tanto

para a língua falada como para a língua escrita, trazendo critérios que, espera-se, sejam atingidos pelos alunos. Dentre eles destacamos:

- 1- Escrever textos coerentes e coesos, observando as funções pelo gênero;
- 2- Escrever textos sabendo utilizar os padrões da escrita, observando regularidades linguísticas e ortográficas;
- 3- Revisar os próprios textos com o objetivo de aprimorá-los

O documento alerta também para a importância da compreensão dos diferentes tipos de textos, com o objetivo de a escola formar cidadãos capazes de compreender os textos com os quais se defrontam,

“é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola (...) é preciso, portanto, oferecer-lhes textos do mundo”. (PCN, 1997, p. 19).

A proposta para a produção de textos nos PCN é vasta; por exemplo, o documento sugere, como estratégias para auxiliar a produção de textos, entre outras, a utilização de sequência de imagens. Diante da constatação das dificuldades inerentes ao ato de escrever textos decorrentes da exigência de coordenar muitos aspectos ao mesmo tempo, são apresentadas propostas para os alunos iniciantes que, de certa forma, possam "eliminar" algumas delas, para que se concentrem em outras. (BRASIL, 1997)

No entanto, o trabalho com textos na escola ainda privilegia uma abordagem desvinculada das situações de comunicação vivenciadas pelo aluno, sem considerar aspectos relativos ao processo de desenvolvimento da competência textual.

Kaufman e Rodriguez (1995, p.7), em um projeto de investigação-ação com professores, afirmam:

nem todos os docentes tinham conhecimento adequado das características peculiares dos diferentes tipos de texto. Por este motivo, seu trabalho limitava-se a permitir e a propiciar um contato geral dos alunos com tais textos, porque faltavam ao professor ferramentas mais específicas para enriquecer este contacto, que otimizaría o aprendizado.

Como advertem as autoras, apesar do avanço das pesquisas e da mudança conceitual, o ensino da escrita ainda ocorre privilegiando a correção puramente gramatical e gráfica do produto final, sem que o aluno e, até, muitas vezes, o professor conheçam o processo de elaboração das atividades de produção. O

ensino da produção escrita reduz-se, assim, à classificação e quantificação de erros, o que resulta em trabalho estéril e improdutivo.

Sabe-se que escrever textos não é uma tarefa fácil. Produzir textos em contexto escolar configura-se, segundo Araújo (2004), uma situação particular de enunciação, na qual os alunos atendem à solicitação do professor e, de certa forma, elaboram seus textos a partir da imagem que fazem das expectativas de correção e avaliação.

Jolibert e seus colaboradores (1994, 2006, 2008) trazem estudos teórico/práticos sobre a produção de textos em sala de aula. Defendem a ideia da escrita inserida em situações reais de comunicação, privilegiando o contato da criança com os diferentes tipos de textos, para que possa compreender o uso consciente da escrita. Propõem a utilização de procedimentos de auto e coavaliação da produção de textos (2006 p.156), que pode variar de acordo com a situação de escrita, com o objetivo de orientar o aluno na reescrita do texto.

De acordo com Jolibert (1994, p.15),

“é primordial que cada criança, durante sua escolaridade como leitora e produtora de textos vivencie: a utilidade das diferentes funções da escrita; o poder que dá o domínio suficiente da escrita; o prazer que a produção de um texto pode proporcionar. Escrever textos em situações reais de uso, considerando as funções sociais da escrita, faz com que o aluno encontre um motivo para escrever. Escrever para comunicar, para ser lido não com o objetivo de ser avaliado.”

Dessa forma, o trabalho com produção de textos deve partir da necessidade real de escrevê-lo. E a reescrita², da mesma maneira, deve ter o objetivo de melhorar a escrita, torná-la de fácil compreensão por parte de quem vai ler, além de obedecer à norma culta da língua.

Jolibert e colaboradores (2008 p.17) afirmam ainda, que a leitura deve ocorrer desde a educação infantil, com o objetivo de construir ativamente a compreensão de um texto-em-contexto, em função de seu projeto, de suas necessidades, de seu prazer, e finaliza:

² Jolibert chama de reescrita o ato de revisar o texto escrito, de forma a aprimorá-lo.

“é necessário desde o início (quer dizer, desde a educação infantil) tanto para ler quanto para produzir, as crianças se encontrem diante de textos integrais, autênticos e múltiplos – não de textos escolares -, funcionando em situações reais de expressão e comunicação (...)

A educação infantil sendo um dos segmentos da escolaridade onde o contato com a produção de textos – orais e escritos - deveria ser privilegiado e o ensino fundamental o responsável por desenvolver a aprendizagem, causa estranheza que as crianças ao final do ensino fundamental não produzam textos de maneira adequada.

Esse assunto nos remete à questão: de que maneira as crianças se apropriam da escrita de textos? Quais são os procedimentos que utilizam para produzi-los? É importante refletir sobre o papel da escola na aquisição da leitura e escrita, sobre os procedimentos mais adequados para promover o aprendizado, do que decorre a necessidade de repensar as estratégias pedagógicas utilizadas na produção de textos.

Dessa forma, o trabalho com textos deve surgir da necessidade de as crianças comunicarem algo e, portanto, devem ter um destinatário. Para Micotti (2009, p.38),

“O desenrolar de um projeto compreende realizações de fato, ou seja, ações inseridas em contextos reais, para concretizar intenções; trata-se, portanto de práticas pedagógicas que extrapolam as atividades tradicionais (que têm razão de ser apenas para professores e alguns alunos); práticas que ultrapassam os limites do trabalho escolar restrito ao cumprimento de obrigações”.

Após a conclusão do texto, há de se propor ao aluno que seja feita uma revisão, mas como propor rever algo que para o aluno já está bom? O que eles deveriam corrigir ou rever? Será que realmente sabem o que devem corrigir ou revisar no seu texto? Qual a relação que a criança estabelece com seu texto no momento da reescrita? Como realizar essa atividade?

As reflexões sobre questões de tal natureza suscitam outras relativas ao ensino da produção de textos na escola. Como a produção de texto é trabalhada em sala de aula? Com que finalidade?

Considerando o exposto até o momento, pretende-se questionar as estratégias utilizadas no trabalho pedagógico com textos, tendo em vista o

desempenho insatisfatório dos estudantes nas avaliações oficiais em leitura e escrita.

2- AS PESQUISAS SOBRE REESCRITA DE TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

A reescrita de textos em situações escolares vem provocando indagações e inquietações, produzindo pesquisas, dissertações, teses, sendo também títulos de obras importantes no Brasil.

Entretanto, a investigação de situações de reescrita por crianças, no contexto escolar, realizada no Brasil (como, por exemplo, os estudos de Rocha, 1999, 2008; Nóbrega, 1997; Jesus, 1995; Araújo, 2004; Vita, 2007, Costa, 2010) é recente, escassa e os limites e possibilidades, ainda, pouco conhecidos.

São muitas as áreas que se ocupam do estudo desse assunto. Buscamos estudar as pesquisas particularmente preocupadas com as questões educacionais do processo de produção e reescrita de textos. Tais pesquisas propõem metodologias de investigação em situação escolar e buscam analisar a relação entre os professores e seus alunos no trabalho e a importância dada pelo professor às atividades.

Buscamos pesquisas que, assim como esta, investigassem e divulgassem resultados sobre revisão textual realizada por crianças na tentativa de nos auxiliar na compreensão do que as crianças revisam em seus textos e qual o papel do professor no processo. Os resultados das pesquisas nos deram um indicativo de questões que merecem um estudo mais detalhado dentro da temática. Sendo assim, apresentaremos tais pesquisas na tentativa de dialogar com os resultados apresentados no estudo.

É importante destacar que, segundo Jesus (2002), a divulgação da prática de análises linguísticas tomando a reescrita do texto do aluno como objeto de estudo teve sua divulgação iniciada a partir da publicação do livro “O texto na sala de aula”, organizado por João Wanderley Geraldi, em 1984.

Geraldi (1984, 2002) aponta a importância da reescrita no processo de apropriação de habilidades textuais, pois incentiva a criança a reler seus textos, contribuindo para que assuma o papel de autor e leitor de sua própria obra.

Brandão (2007, p.120) compartilha desse entendimento quando afirma que tornar o nosso texto objeto de reflexão e revisão permanente, pensando sobre o que foi ou está sendo escrito e encontrar meios para melhor dizer o que se quer dizer, reelaborando e reescrevendo o já escrito, faz parte do aprendizado de produzir textos, atendendo ao comando da produção.

Jesus (1995), em sua pesquisa “A circulação do texto na escola” que, posteriormente, compôs sua dissertação de mestrado, constatou que o trabalho realizado pelos professores de reescrita de textos se caracterizava por aquilo que denominou “Higienização do texto do aluno”, isto é, a correção centrada nas “impurezas linguísticas”, especialmente no que se refere a problemas de ortografia, concordância e pontuação e, como resultado disso - afirma a pesquisadora - “os alunos centram seus esforços na higienização do texto.”

Da mesma maneira, os estudos de Goes (1993 *apud.* ROCHA,1999) mostraram resultados semelhantes. O objetivo de sua pesquisa era o de compreender o desenvolvimento, por parte da criança, da capacidade de produzir propostas de compreensão. Para isso, analisou o processo de revisão com vários sujeitos em diferentes situações de interlocução com a produção escrita.

A autora comenta que os resultados apontaram para o fato de as observações infantis restringirem-se a aspectos de superfície, quase exclusivamente ortográficos, caligráficos (traçado das letras) e a inadequações morfológicas relativas à flexão de número em substantivos e adjetivos, e à terminação verbal. Destaca ainda que crianças com menor nível de escolarização tendem a utilizar predominantemente a estratégia de “dizer mais”, ao passo que aquelas que estão num nível mais avançado tendem a “dizer de novo” substituindo o enunciado.

A reescrita compartilhada, em duplas, foi o aspecto observado nas pesquisas realizadas por Nóbrega (1997) e Araújo (2004).

Nóbrega (2007) pesquisou a produção e a reescrita de textos com várias crianças no contexto escolar e fora dele. A intenção da pesquisadora era observar as possibilidades didáticas das “escutas” como interferência na relação entre a criança, seu texto, as possibilidades da linguagem escrita e o professor (adulto). O texto revisado é, portanto, de coautoria: um escritor mais experiente ajuda a um menos experiente a dominar a modalidade escrita da linguagem.

Nos dois casos que trazemos para análise, as crianças foram solicitadas a escrever um texto a partir da história lida pela professora.

A pesquisa revelou, entre outros aspectos, ser importante a interlocução entre a dupla de crianças, à medida que se estabelece um diálogo quanto às regularidades da escrita (“*Não é assim que se escreve tal palavra, mas desse jeito*”), e a percepção da linearidade como os gêneros são apresentados (“*o que aconteceu primeiro?*”). Em ambos os casos, a professora daquela turma ocupou-se em corrigir os erros das produções escritas dos alunos apontando-os e quantificando-os em ambos os casos.

A pesquisadora discute que naquele momento o papel da escola esteve concentrado nas questões relativas ao código, ou seja, em um dos textos, por exemplo, de 41 palavras, 17 estavam erradas e completa afirmando que os erros revelam as hipóteses do funcionamento da língua e servem de indícios para que o professor possa planejar um conjunto de atividades com a linguagem que permita ensinar aquilo que os alunos ainda não sabem.

No estudo de Araújo (2004), a reescrita colaborativa, feita por duplas de crianças, também foi objeto de reflexão. A autora observou e analisou as práticas de revisão de textos escritos por vinte alunos de uma turma de 4º ano do ensino fundamental de uma escola particular de Salvador/BA. Os alunos foram solicitados a escrever uma história de tema livre que seria revisada em mais duas oportunidades (uma, em dupla, e outra, individual).

Os resultados apresentados partiram da análise das revisões em duplas identificando as mudanças realizadas no processo de interação entre as crianças. A pesquisa revelou que vários aspectos foram objeto de análise e negociação entre as duplas, sobretudo os relacionados à pontuação, à paragrafação e à ortografia correta das palavras. As modificações realizadas concentraram-se nesses aspectos; foram poucas as realizadas na organização sequencial e no conteúdo do texto.

Em pesquisa realizada por Vita (2007), os alunos de três turmas de 4º. série do ensino fundamental foram solicitados a escrever textos que comporiam um livro para exposição. Para tanto, a pesquisadora planejou a leitura de manuscritos de autores conhecidos para que observassem os movimentos de correção e modificação que foram realizados. O objetivo das revisões não era o de instituir um “caça às bruxas” ortográfico, mas que pudessem observar as escolhas feitas pelos autores na reescrita.

A revisão dos textos foi feita de maneiras diferentes nas turmas A, B e C sendo, respectivamente, realizada pelo colega, pelo professor e pelo próprio autor (autoavaliação).

Os resultados observados mostraram que os alunos tendiam a acolher, com mais facilidade, as sugestões dos professores, ao passo que as sugestões dos colegas foram pouco realizadas. Tais modificações concentravam-se, principalmente nos aspectos ortográficos das palavras, o que pareceu ter sido objeto de maior dificuldade entre os alunos, uma vez que não dominam totalmente a ortografia. Os movimentos realizados pelos participantes da turma que fez a autoavaliação também se concentraram na ortografia das palavras, mas, também, foram realizadas supressões e substituições de termos. A revisão do texto feita pelo colega também se concentrou nas correções ortográficas, embora supressões e substituições de termos também tenham sido sugeridas e acatadas pelos alunos.

A conclusão da pesquisa foi que os sujeitos tenderam a acatar as modificações com maior facilidade quando são propostas pelo professor.

Rocha (2008) faz uma análise de textos escritos por alunos do 1º. ano do ensino fundamental de uma escola municipal. Os textos foram produzidos com base nas leituras de outros textos realizados pela professora, com o propósito de realizar uma exposição de livros na escola. Dessa forma, as crianças tinham o compromisso de produzir um texto numa situação de interlocução, pois haveria um destinatário: *“não esqueça que você tem que contar direitinho, para a pessoa que for ler poder entender”*, recomendava a professora.

O texto produzido pelo aluno era entregue num outro dia sem nenhuma anotação da professora, a fim de que fosse reescrito, fazendo modificações que julgasse importantes, para que a pessoa que fosse ler entendesse melhor. A reescrita foi proposta diante da leitura de alguns textos (sem identificação do autor). Num segundo momento, em duplas, houve uma sessão de leitura na qual um aluno atuava como leitor do texto do colega, dando-lhe sugestões. E, finalmente, as crianças, individualmente, realizaram a reescrita do próprio texto, atuando como autor/revisor sem a mediação de colegas ou do professor.

A autora constata que, embora a criança ainda não tenha conseguido eliminar aspectos, como por exemplo, traços da oralidade e ausência de concordância, mudanças significativas foram observadas entre a primeira e sua segunda versão do texto.

É importante destacar que essa estratégia focaliza a revisão textual como um procedimento que permite não apenas “ver melhor”, mas também “ver de outra perspectiva”, contribuindo para que a criança, desde muito cedo, (re) elabore concepções acerca da estrutura textual, considerando aspectos como ortografia, caligrafia, concordância, entre outros. (ROCHA p. 73)

Em pesquisa mais recente, Costa (2010) trabalhou em 5 sessões, com crianças na faixa etária de 9 e 10 anos, em uma escola, propondo a escrita de textos que fariam parte de uma “Coletânea de textos sobre o meio ambiente” que comporia parte das atividades do projeto da escola. Para tanto, 20 crianças participaram de leituras de pesquisas e atividades coletivas. As crianças foram convidadas a produzir um texto e, posteriormente, reler e reescrever a produção realizada. A atividade gerou um volume de 40 textos: 20 na primeira versão e 20 na segunda versão. A revisão dos textos foi orientada pela leitura colaborativa entre pesquisadora e aluno, com o objetivo de promover um reordenamento na reescrita, possibilitando investimentos significativos que contribuíssem na construção dos sentidos do texto.

Os resultados obtidos mostraram que houve uma resposta positiva nos aspectos linguísticos e textuais discursivos, sobretudo neste último. Observou-se que a revisão textual e a reescrita promovem um comportamento discursivo consciente, favorecendo estratégias de autorregulação.

A observação das estratégias utilizadas nas pesquisas ora estudadas nos permite delinear um perfil das mesmas em sala de aula, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Pesquisas sobre os encaminhamentos concernentes a reescrita por crianças em contexto escolar.

Em dupla	Individual	Pelo professor	
		Apontando os erros para a limpeza ortográfica	Leitura colaborativa, professor como mediador.
Nóbrega- 1997 Araújo- 2004 Vita - 2007	Vita - 2007 Góes - 1999 Rocha- 2008	Jesus - 1995 Vita - 2007	Costa – 2010

É importante comentar que, embora a pesquisa de Rocha (2008) esteja aqui agrupada na estratégia “individual”, o papel do professor foi decisivo como organizador das leituras e mediador das discussões sobre os aspectos que deveriam ser modificados nos textos.

Há ainda pesquisas que têm como objeto de estudo a análise dos encaminhamentos dados pelo professor nas aulas de produção textual, como as de Souza (2003), Menegolo (2005), D’Elia (2007), Brandão (2007) e Giroto (2005). Tais pesquisas indicam a mediação do professor no trabalho pedagógico de reescrita de textos como um fator positivo para o aluno ampliar seus conhecimentos linguísticos e textuais, bem como avançar na construção de sentidos.

Dessa forma, entendemos que o papel do professor é fundamental ao adotar a reescrita (ou revisão de textos) como parte de um procedimento significativo após a escrita do texto.

A proposta de produção de textos em uma “Oficina de produção” constitui um recurso importante para o professor, pois, conforme sugerem os PCN,

Uma oficina é uma situação didática onde a proposta é que os alunos produzam textos tendo à disposição diferentes materiais de consulta, em função do que vão produzir: outros textos do mesmo gênero, dicionários, enciclopédias, atlas, jornais, revistas e todo tipo de fonte impressa eventualmente necessária (até mesmo um banco de personagens criados e caracterizados pelos próprios alunos para serem utilizados nas oficinas).
(PCN, 1997).

Ao convidar alunos a participarem de uma Oficina de produção textual a expectativa é que tendo materiais para consulta e a intenção de escrever, a produção textual - escrita e reescrita - possa ser realizada de modo a colaborar com o processo de ensino-aprendizagem.

Há estudos que apontam para o fato de que, na escola, quando há situações de reescrita de textos ela é um tanto quanto “intuitiva”, não sistemática e, frequentemente, centrada em certos aspectos periféricos, como ortografia ou elementos sintáticos da língua.

3- O ESTUDO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS EM PRODUÇÃO TEXTUAL: O PERCURSO METODOLÓGICO.

Nesse capítulo utilizaremos o termo “desempenho” com a mesma conotação de apresentação de resultados, ou seja, apresentaremos como os alunos realizaram a produção textual nos dois momentos da coleta dos dados: com o professor - nas observações em sala de aula - e com a pesquisadora - na Oficina de produção textual. Dessa forma, não é intenção desta pesquisa que o termo desempenho esteja relacionado a indicadores de qualidade em educação.

Apresentaremos os objetivos, o método adotado e detalharemos os procedimentos adotados para a coleta dos dados, para a seleção dos participantes, bem como a opção metodológica para a análise dos textos escritos e reescritos na Oficina de produção textual.

Entendemos ser necessário realizar uma investigação com professores e alunos para verificar a interação destes com a escrita e as possibilidades práticas de realização do trabalho de reescrita em contexto escolar. É necessário estudar as possíveis lacunas nas práticas do professor durante o trabalho pedagógico de escrita e reescrita de textos.

Objetivos

- descrever e analisar os encaminhamentos dados pelos professores no trabalho de escrita e reescrita de textos e como os alunos procedem diante desses encaminhamentos, buscando compreender as relações que se estabelecem entre os procedimentos docentes e discentes;
- descrever comparativamente o desempenho dos alunos entre a primeira escrita de um texto e sua reescrita e identificar os possíveis efeitos de orientação didática na produção textual;
- verificar em que consistem as práticas de produção e reescrita de textos realizada nas aulas.

3.1- Método

A pesquisa compreende as seguintes etapas: os estudos do referencial bibliográficos sobre o tema; a realização de uma pesquisa-piloto³, a pesquisa de campo junto ao ensino fundamental; a realização de oficina de escrita e reescrita de texto; a descrição e a análise da coleta de dados.

O trabalho docente relativo à produção textual é estudado mediante a análise das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores em aulas de escrita e reescrita textual.

A relação entre os procedimentos de produção textual discentes e o encaminhamento didático dado à atividade pelo professor é estudada por meio do confronto entre as práticas didáticas realizadas em aula e os textos produzidos por seus alunos. Os possíveis efeitos dos procedimentos didáticos são estudados comparando-se o desempenho dos alunos em oficina de produção pedagógica.

As observações do trabalho docente e discente foram realizadas em datas previamente estipuladas pelos professores.

As produções textuais dos alunos do ensino fundamental foram estudadas considerando sua relação com os procedimentos utilizados nas propostas de trabalho a eles apresentadas.

O desempenho dos alunos foi examinado pela observação de como procedem diante da proposta de trabalho de seu professor e à proposta apresentada em oficina de escrita e reescrita de textos, a convite da pesquisadora.

A pesquisa foi realizada na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, em classes do 4º ano do ensino fundamental⁴. Apesar de a série final desse nível de ensino ser o 5º ano, optou-se por realizar a pesquisa com os alunos de 4º ano que era o ano de escolaridade mais avançado, atendido por todas as escolas da cidade.

A cidade em que ocorreu a pesquisa possui universidades que oferecem cursos de graduação e pós-graduação na área de Educação. A Secretaria Municipal de Educação investe na formação continuada dos profissionais que atuam nas

³ A pesquisa piloto foi realizada com duas classes de 4º série do ensino fundamental, e ofereceu subsídios para a organização dos procedimentos metodológicos, para a escolha dos instrumentos utilizados para a coleta dos dados, para a organização do tempo de permanência em campo e as estratégias utilizadas para os registros das observações e das oficinas.

⁴ De acordo com a nova Lei no. 11.274/2006, amparada pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, o ensino fundamental de 9 anos deve estar implantado até o ano de 2010. No município, isto ocorreu no ano de 2008. Na fase de coleta dos dados, a rede municipal contava com classes de 4º. ano e com as turmas denominadas multisseriadas, que constituem as turmas com os alunos de 4º. ano do ensino fundamental de 9 anos mais os alunos retidos da 4º. série do ensino fundamental de 8 anos.

escolas, oferecendo cursos de capacitação “em serviço”, nos quais o professor é dispensado semanalmente do trabalho em sala de aula para participar do curso por ele escolhido.

3.2- Sujeitos participantes:

Participaram da pesquisa professores e alunos do ensino fundamental I de 5 escolas públicas, o que corresponde a pouco mais de 20% do total de 22 escolas municipais.

De cada escola participaram duas classes: uma do período da manhã e outra do período da tarde. Para a seleção das escolas e dos sujeitos participantes da pesquisa foi utilizada a tabela de números randômicos de Fisher e Yates (1957)⁵. Em cada turma (classe), a amostra de alunos corresponde a cerca de 20%, totalizando 35 alunos e 9 professores.

É importante registrar que participaram do sorteio para a Oficina de escrita e reescrita de textos apenas os alunos presentes no dia em que a primeira observação foi realizada na sala de aula.

Os sujeitos participantes da pesquisa, professores e responsáveis pelos alunos foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Biociências de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista, conforme modelo apresentado nos anexos.

3.3- Instrumentos e coleta de dados:

Foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados:

- observações e registro de aulas em que a professora procedesse com o trabalho de escrita e reescrita de textos.
- realização de Oficinas de escrita e reescrita de textos em datas previamente estipuladas pela professora.

O registro das observações realizadas em sala de aula foi feito em diário de campo e aconteceu em três dias, com sessões de, aproximadamente, uma hora cada, durante os meses de agosto a novembro de 2011.

⁵ Nessa tabela de números aleatórios, escolheu-se uma coluna para ter um critério randômico no sorteio da amostra de cinco escolas, entre as 22 apresentadas pela Secretaria de Educação.

A realização da “Oficina de escrita e reescrita de textos” ocorreu em duas sessões de trabalho.

O tempo de duração das oficinas variou de acordo com a turma pesquisada, tendo, a mais longa, ocupado uma hora e cinquenta minutos.

3.4- Procedimentos de observação

As observações das aulas de produção e reescrita de textos ocorreram em 3 dias, sendo os dois primeiros consecutivos, e o terceiro após um espaço de um ou dois dias, conforme a solicitação da professora.

A justificativa do intervalo deveu-se ao fato de as professoras lerem, antecipadamente, as produções textuais para organizarem os procedimentos de reescrita.

A primeira sessão de observação nas salas pesquisadas teve duração de cerca de 1 hora, na qual pode ser verificada a dinâmica em sala de aula e a relação entre professor/aluno/objeto de estudo. Observou-se a organização e participação dos alunos nas aulas.

É importante mencionar que os alunos não demonstraram atitudes abusivas ou tímidas na presença da pesquisadora.

A segunda sessão teve o propósito de registrar e, posteriormente, analisar as aulas dedicadas à produção textual, sob os encaminhamentos da professora.

Em conversa prévia com as professoras que se dispuseram a participar da pesquisa, foi explicada a necessidade de a pesquisadora presenciar uma aula em que os alunos estivessem produzindo e reescrevendo textos.

Na terceira sessão, procurou-se observar o trabalho de reescrita de textos. O profissional pôde optar se a reescrita aconteceria na mesma aula da produção de texto ou em outra aula específica e previamente determinada.

Os alunos sorteados de cada classe foram convidados a participar da oficina de escrita e reescrita de texto⁶.

⁶ Para o sorteio dos alunos, utilizamos a tabela de números randômicos, escolhendo uma das colunas e verificando o número de chamada do aluno na caderneta fornecida pela professora. A amostra dos sujeitos corresponde a 20% do total de alunos presentes no dia em que o sorteio ocorreu..

3.5- Oficina de Produção e reescrita de textos

As oficinas nomeadas sessões aconteceram em dois dias consecutivos:

- na primeira, procurou-se fazer um levantamento dos conhecimentos dos alunos a respeito do gênero a ser utilizado na produção - o narrativo.
- a segunda sessão aconteceu com o propósito de proporcionar aos alunos a oportunidade de fazerem a leitura do próprio texto, com o intuito refletir e melhorar/modificar a produção.

Propusemos a escrita de uma narrativa, pois, segundo Rocha (1999 p.34), o texto do gênero narrativo é aquele com que as crianças estão mais familiarizadas.

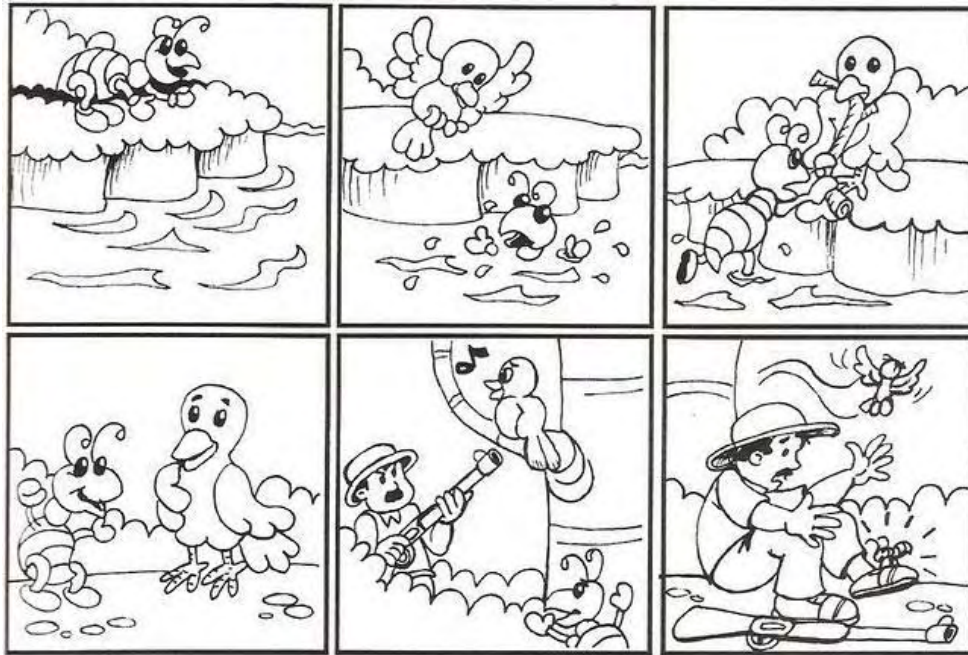
Houve a necessidade de estabelecer um padrão de conduta e procedimentos para a realização da Oficina de produção textual, objetivando à comparação dos dados coletados nas diferentes turmas estudadas.

A pesquisadora iniciou a oficina apresentando-se aos alunos e explicando que os textos fornecidos por eles integrariam uma pesquisa a ser apresentada à Universidade em forma de dissertação de mestrado. A pesquisadora salientou ainda que também é professora do ensino fundamental, como a professora deles, e que trabalha em uma escola pública municipal. Solicitou que cada aluno se apresentasse dizendo seu nome, idade e desde quando estudava naquela escola.

Após as apresentações a pesquisadora explicou que eles estavam sendo convidados a participar de uma Oficina de Escrita e revisão de textos que aconteceria em duas sessões: na primeira, eles produziram um texto e na segunda fariam a revisão do próprio texto, considerando itens previamente estabelecidos em um “Roteiro de avaliação de reescrita de texto”.

Estabeleceu-se um “Intercâmbio de ideias” entre os participantes para ampliar e sistematizar os conhecimentos a respeito de textos narrativos. O material utilizado para a produção textual foi apresentado aos alunos.

Figura 1- Material utilizado para a produção textual



As figuras ora apresentadas constituem uma sequência, formando uma unidade textual. Foi realizada a leitura silenciosa e individual da sequência de figuras para que fosse possível estabelecer a construção de sentidos e construir a sequência da narrativa. Procedemos com uma leitura coletiva e oral para socializar as impressões dos alunos e finalmente, foi proposta a produção do texto.

Na segunda sessão os textos produzidos foram entregues aos alunos para que a leitura individual e silenciosa fosse feita. Nesse momento, foi feito um estudo ortográfico das dificuldades comuns à turma.

Construímos uma lista com as palavras sobre as quais os alunos pediram esclarecimentos. As ferramentas de sistematização dos fenômenos linguísticos abordavam aspectos como, por exemplo, uso da letra maiúscula quando necessário, utilização de substitutos e conectores; entretanto, as principais dúvidas estavam relacionadas à ortografia das palavras. Essa ferramenta ficou registrada na lousa e foi objeto de consulta dos alunos no momento da reescrita textual.

O roteiro de avaliação de reescrita foi apresentado e lido pela pesquisadora para sanar possíveis dúvidas sobre o seu preenchimento. Assim, uma segunda leitura do texto foi feita para reflexão sobre o que constitui o roteiro e a observação nos textos. Esclarecemos sobre a possibilidade de grifar, em seus textos, os

aspectos a serem melhorados na ocasião da reescrita. Em qualquer momento daquela atividade, as dúvidas poderiam ser perguntadas à pesquisadora.

Figura 2 - Roteiro de autoavaliação para Oficinal de produção textual

	Sim	Não
Coloquei o título		
Usei parágrafos		
Usei letra maiúscula no início do parágrafo		
Fui atento à pontuação		
Usei o dicionário para a limpeza ortográfica		
Evitei a repetição de palavras		
Contei a história de acordo com a sequência correta dos fatos		
Descrevi com clareza o local onde se passa a história		
Inclui todos os personagens		
Fui fiel ao tema proposto		

Após a releitura do texto, observando os aspectos que mereciam ser retomados, os alunos foram convidados a reescrever os textos por eles produzidos na sessão anterior. A pesquisadora destacou a importância de uma última leitura antes da entrega do texto, como forma de assegurar que nenhum descuido fosse cometido.

Este procedimento foi tomado como padrão na realização das oficinas nas 9 turmas pesquisadas.

3.6 - Organização dos espaços em que se realizaram as observações e as oficinas

Descrever o ambiente onde a pesquisa foi realizada é importante para que possamos entender a dinâmica, visualizar a maneira como os sujeitos se organizam em sala de aula e relacionar com a dinâmica das aulas observadas durante a pesquisa.

Em comum, as salas de aula possuem armários para uso dos professores, estante para exposição de livros infantis, janelas, algumas grandes e claras (com exceção das salas da Escola 2 que se localizam no alto, dificultando a circulação de

ar na sala), alfabeto pendurado acima da lousa, sendo alguns alfabetos ilustrados com desenhos que representassem a letra inicial de uma figura conhecida pelos alunos. Na escola 5, toda a sinalização dos espaços coletivos e o alfabeto das salas de aulas continham letra maiúscula e minúscula de forma e o sinal correspondente ao alfabeto de LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais).

Nas escolas 2, 3 e 4, havia cartazes dispostos nas paredes com os “Combinados” da turma, cartazes feitos pelos alunos sobre datas comemorativas e frases com ilustrações relacionadas às “Boas Maneiras”.

Com exceção da escola 4, as demais tinham as carteiras dos alunos enfileiradas individualmente ou em duplas e a mesa do professor ocupando a frente da sala de aula.

Com relação à disponibilização de materiais para os alunos em todas as classes foi possível observar livros didáticos e paradidáticos expostos em estantes abertas, dando acesso aos alunos para utilizarem tais materiais.

Em todas as escolas visitadas, havia sala de leitura com uma variedade considerável de livros paradidáticos e revistas infantis. Os alunos tinham acesso às salas em datas previamente estipuladas, visitando-as com a professora (como nas escolas 2 e 3), ou com funcionário da escola indicado para a função de “bibliotecário” (caso das escolas 1,4 e 5).

3.7 – Opção metodológica para a análise dos textos reescritos nas Oficinas.

A análise dos dados coletados sobre reescrita dos textos aconteceu mediante o confronto entre as atividades discentes sob a orientação da professora, e as atividades realizadas na oficina de produção textual.

Para tanto, compartilhamos do entendimento de Jolibert (1994) sobre a produção de texto, pelo qual não basta produzir textos, é preciso ensinar a produzi-los. A autora considera que, para produzir um texto pertinente em uma situação específica, a criança deve considerar alguns aspectos referentes ao texto que quer produzir.

1. Antes da produção, a criança precisa identificar:

- as características da situação de comunicação escrita que irão determinar sua produção: destinatário, enunciador, objetivo, intenção e objeto da escrita;

- a representação prévia do que se pretende produzir: escolha do tipo de texto e do material a ser utilizado.

2. Durante a produção, deve ser capaz de determinar:

- **a superestrutura do texto:** a silhueta, isto é, a distribuição espacial e a função dos blocos de texto, completada pela noção de dinâmica interna (a abertura do texto, seu fechamento, sua lógica de organização);
- **a linguística do texto:** escolha da função organizadora da linguagem (emotiva, informativa, narrativa, etc.), dos elementos de enunciação (pessoas, espaço, tempo), dos encadeamentos das frases (os substitutos, os conectivos), o sistema de tempos verbais (presente, passado, futuro);
- **a linguística da frase:** ordem das palavras e dos grupos de palavras, ortografia, organização de frases complexas. (JOLIBERT, 1994 p.18, 19).

Os níveis de conceitos linguísticos apresentados pela autora como importantes no ensino e aprendizado da produção textual, na análise, são focalizados especialmente no tocante a superestrutura do texto, à linguística do texto e à linguística da frase.

Para a análise das reescritas feitas pelos alunos nas Oficinas, utilizamos exemplos da escrita e da reescrita realizada pelo mesmo aluno, na expectativa de observar as modificações feitas após as reflexões provocadas pela releitura do seu texto e pela utilização do roteiro de autoavaliação.

4- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1- A produção textual sob a orientação da professora da turma.

Avaliar os resultados de atividades didáticas não é tarefa fácil se entendermos que são muitos e variados os aspectos que interferem tanto no trabalho do professor, quanto no do aluno. No entanto, a observação das dinâmicas do trabalho realizado em sala de aula nos permite perceber em que medida os procedimentos adotados pelo professor colaboram com a construção do conhecimento por parte dos alunos, isto é, o que podemos observar com a análise dos resultados desta pesquisa.

As observações das aulas mostram a diversidade da atuação docente e do desempenho dos alunos que variam com as estratégias adotadas pelas professoras nos procedimentos de escrita e reescrita. Cabe lembrar que, em cada turma, foram realizadas três sessões de observações para compor a coleta dos dados.

Vamos tomar como objeto de análise, as sessões destinadas à escrita e reescrita de textos. Essas aulas foram previamente marcadas com as professoras que puderam planejar as atividades com antecedência. A primeira sessão teve como objetivo observar as dinâmicas do cotidiano escolar e as peculiaridades do tratamento didático em cada turma, quanto à organização em sala de aula, às relações interpessoais entre os alunos e dos alunos com o professor.

Apresentamos, no quadro 2, os resultados da coleta dos dados e observações feitas em aulas, referentes a escrita e reescrita de textos que ocorreram nas aulas dedicadas à segunda e à terceira sessões de coleta de dados, nas quais foram desenvolvidas atividades de produção e de reescrita de textos.

Quadro 2 - A escrita e a reescrita de textos sob a orientação da professora.

Atividades didáticas		
Escola Período Professora	Escrita	Reescrita
A Manhã P1	-Conto de uma história (professora); -Reconto oral (alunos); -Explicação sobre as estratégias para a escrita; -Escrita individual do texto (reprodução).	-Leitura de textos escritos pelos alunos, considerados bons; (professora) -Discussão sobre ortografia e pontuação; -Cópia de palavras cuja ortografia foi discutida. -Correção e cópia de uma frase retirada do texto de um aluno.
B Manhã P2	-Escrita (reprodução) do texto tendo como recursos a sequência de figuras e o início da narrativa* *em outras aulas os alunos leram o texto, assistiram a desenhos animados e o recontaram oralmente história.	-o texto feito por um aluno e corrigido pela professora foi digitado, xerocopiado e distribuído aos demais; -leitura desse texto pela professora; -Reescrita coletiva e registro feito pela professora na lousa; - Leitura de cada parágrafo e reescrita para completar as informações; - Não houve escrita do texto.
B Tarde P3	- Leitura compartilhada de uma fábula já estudada (cópia e leitura em outra aula); -Releitura pela professora - Discussão sobre a narrativa; -escrita individual (reprodução do texto)	- revisão entre pares (troca dos textos) - apontamentos: pontuação, paragrafação, ortografia; - devolução dos textos para serem passados a limpo.

Continuação do quadro

Prof	Escrita	Reescrita
C Manhã P4	- leitura de uma pesquisa realizada pela professora sobre o significado do gênero “conto de fadas”. -roteiro para escrita (proposta elaborada pela professora) - estratégias para escrever narrativas (elencadas na lousa) - intervenções constantes da professora sobre ortografia, paragrafação, letra maiúscula. - registro na lousa das palavras sobre as quais os alunos demonstram dúvidas quanto à ortografia correta.	- O texto de um aluno foi digitado (sem a correção), xerocopiado e distribuído para os demais; - revisão coletiva, com o registro das sugestões dos alunos na lousa. - cada aluno copia o parágrafo corrigido na lousa em sua folha no espaço destinado à tarefa. - leitura do texto completo corrigido
C Tarde P5	-sequência de figuras com um tema - reconto oral daquela sequência - escrita do texto individual	- revisão entre os pares (troca de textos) - apontamento dos erros (ortografia) - devolução dos textos para que o autor faça a correção.
D manhã P6	-Estudo de textos sobre os Jogos Pan-americanos; - construção de material para consulta: banco de palavras, cartazes, figuras. - produção de um rascunho com auxílio de um roteiro.	- leitura prévia pela professora apontando o que pode ser melhorado no texto. - apresentação do roteiro para reescrita com 9 aspectos a serem observados. - cada item é lido e discutido com a turma. - o rascunho é corrigido e passado a limpo

Continuação do quadro

prof	Escrita	Reescrita
D Tarde P7	- Sequência de figuras; - Lista na lousa dos elementos de uma narrativa. - produção textual coletiva tendo o professor como escriba; - Leitura de cada parágrafo escrito; - resolução das dúvidas sobre ortografia com o uso do dicionário pelos alunos; - leitura e cópia do texto produzido pelos alunos.	- o texto coletivo é digitado e xerocopiado pela professora. Cada aluno tem sua cópia - na lousa, são elencados os aspectos necessários a uma narrativa e que devem ser melhorados. - Identificação, no texto, do começo, do meio e do fim da história; - Reescrita coletiva tendo a professora como escriba. - leitura do texto pelos alunos.
E Manhã P8	- Reprodução do texto lido pela professora, após discussão sobre os personagens. - produção individual.	- Leitura, pela professora, de um texto escrito por um aluno e considerado bom. - leitura de três textos indicados pela professora.
E Tarde P9	- cópia de uma fábula no caderno; - leitura compartilhada entre os alunos. - discussão sobre a moral da história; - leitura pela professora. - reprodução do texto, individual.	- na mesma aula é escrita uma segunda versão do texto, utilizando partes dos textos de todos; - reescrita coletiva, tendo a professora como escriba; - questionamentos sobre a ortografia de algumas palavras - cópia do texto coletivo.

Durante a coleta dos dados, observamos que as aulas destinadas à produção de textos foram planejadas pelas professoras de diferentes maneiras. Imaginamos, entretanto, que o objetivo esteve sempre relacionado ao ensino e o aprendizado da língua materna.

Já mencionamos, no Capítulo 1, que, para o ensino de língua portuguesa ultrapassar os limites da escola e para a utilização da língua de maneira não artificial, é preciso que ele seja centralizado em três práticas: leitura de textos, produção de textos e análise linguística. (GERALDI (2002) e BRASIL (1997).

A produção de textos parece uma prática já consolidada entre os professores. Observamos que os recursos e as estratégias utilizadas variam; a sequência de figuras, a leitura de textos, a narração de uma história e a leitura e produção de materiais de apoio serviram como incentivo à produção textual nas aulas observadas.

A observação das práticas realizadas pelas professoras no trabalho pedagógico de reescrita de texto nos mostra que, na maioria dos casos, não houve, de fato, um trabalho voltado para a reflexão sobre o texto escrito pelo aluno. Os procedimentos de retomada de texto, as estratégias de revisão e os modos de intervenção nos escritos são diversos; a reescrita praticada em sala de aula varia tanto no que se refere ao número de participantes envolvidos, quanto às estratégias utilizadas. Foram observadas situações em que a reescrita se processou individualmente, em dupla ou envolvendo o coletivo da classe.

Optamos por agrupar as práticas observadas de acordo com as semelhanças para que possam se tornar objeto de reflexão e de conhecimento e passíveis de algum nível de sistematização didática.

Considerando-se a interação professor/aluno e objeto de estudo, a análise das informações apresentadas no quadro 1 permitiu identificar procedimentos que diferem quanto à participação dos alunos e à modalidade de orientação pedagógica adotada pelo professor no enfoque da produção textual e da reescrita que integra esse processo.

Essas diferenças de procedimentos são hierarquicamente apresentadas no quadro 3. Optamos por nomeá-las de “Modalidades de reescrita” de acordo com as características observadas.

Quadro 3- Reescrita de textos sob a orientação da professora.

1) Restrita a leitura dos textos escritos pelos alunos, cópia de frases soltas, enfatizando aspectos gramaticais.	2) Coletiva, utilizando o texto escrito por um aluno para a correção.	3) Individual, com troca de textos para correção e reescrita individual.	4) Entre os pares, utilizando um roteiro e tendo o professor como mediador.
P1, P8, P9	P2, P4, P7	P3, P5	P6

Modalidade 1: leitura de textos produzidos. (Professoras P1, P8 e P9)

Os procedimentos de reescrita utilizados pelas professoras P1, P8 e P9 nos mostram aspectos semelhantes, mas com peculiaridades que foram observadas durante o processo.

A proposta de produção de texto da professora P1 baseou-se em uma história contada por ela, no reconto oral, pelos alunos, e na discussão sobre o gênero a que aquela história pertencia. Os alunos identificaram a história como pertencente ao gênero “fábula” e a professora desfez rapidamente o equívoco. Tratava-se de um “conto de esperteza” e a professora explicou a diferença entre os gêneros. Ao final das discussões, a professora propôs que reproduzissem a história, enumerando na lousa as estratégias para a produção do texto.

- parágrafo;
- letra maiúscula.
- ponto final.
- travessão quando alguém falasse
- vírgula, dois pontos e letra bonita.

Os quatro primeiros aspectos elencados correspondiam às sugestões dos alunos e o último item, às da professora.

Na aula destinada à reescrita do texto, a professora explicou que leu todos os textos, fez elogios a vários aspectos que percebeu durante a leitura; como a utilização de paragrafação e pontuação, mas alertou que havia ainda aspectos que deveriam melhorar. Leu várias frases de alguns textos, ressaltando os erros, sobretudo os ortográficos. Registrou na lousa as frases para se fazer a correção, solicitando a participação de todos no processo.

A professora P8 realizou a produção de texto a partir da leitura de um livro, uma história longa que os alunos já conheciam. Discutiram sobre o personagem

principal, mas não houve reconto da história. Em seguida, propôs a reprodução do texto pelos alunos.

A reescrita foi baseada na leitura de textos produzidos pelos alunos, previamente lidos e selecionados pela professora. A professora deixou claro que leria os textos avaliados como “bons”. Justificou a qualidade dos textos com o argumento de que “o aluno prestou atenção na história lida, e por isso soube reproduzi-la de modo fiel”.

Esse procedimento reforça o que Geraldi (2008) explica em artigo intitulado “Ler e escrever – uma mera exigência escolar?”, como “práticas escolares de regulação da produção de textos”. O autor afirma que:

“Na escola, em geral se lê para escrever. Há uma junção entre as duas atividades em que uma se torna o fim da outra: lê-se um texto para escrever outro texto, no mesmo gênero ou sobre o mesmo tema; lê-se um texto para dele elaborar um esquema mnemônico: lê-se um texto para responder perguntas (sejam elas dos exercícios de sala de aula, sejam elas aquelas destinadas a avaliar a retenção de conhecimentos, nas famosas provas e antigas sabatinas); lê-se um texto, enfim, para cumprir uma ordem” (p. 6)

Da mesma maneira, observamos procedimento semelhante utilizado pela professora P9, apesar de ter ocupado o espaço destinado a revisar o texto para escrever outro texto, coletivo, a partir dos textos individuais dos alunos. Para isso solicitou a leitura de alguns textos e explicou que a atividade consistia em “aproveitar uma parte da história escrita de cada aluno” para escrever um texto coletivo do qual ela seria a escriba.

A professora argumentou que, dessa forma, todos os alunos poderiam colaborar com uma parte de seu próprio texto, mas alertou que o trabalho de corrigir o que estivesse errado seria da professora.

Observamos, nos procedimentos de ambas as professoras, a ausência da reflexão por parte dos alunos. Brandão (2007) ressalta que revisar um texto é torná-lo objeto de nossa reflexão e completa:

“é pensar sobre o que está sendo escrito e encontrar meios para melhor dizer o que se quer dizer, relacionando e reescrevendo o já escrito. Nesse sentido, é preciso que aquele que escreve se desloque entre os papéis de escritor e possíveis leitores de seu texto” (p.120).

Refletir, aqui, significa compartilhar a ideia de proporcionar ao aluno momentos em que ele possa retomar a leitura do próprio texto (ou do texto escrito coletivamente) com a preocupação de querer escrever melhor para se comunicar melhor.

Texto lido e copiado na lousa pela professora P9

A raposa e as uvas

Morta de fome, a raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra havia sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas, eu não comeria.

Moral: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

(Esopo: Fábulas de Esopo. São Paulo, Companhia das letrinhas, 1994).

Reescrita coletiva

Uma raposa morta de fome foi ao vinhedo. Ela encontrou muitas uvas e ficou lambendo os beiços.

Mas as uvas estavam verdes e azedas.

Então a raposa saiu reclamando e dizendo que não queria mais comê-las.

Moral: Não se deve desprezar aquilo que não consegue conquistar.

A observação desse procedimento nos faz supor que, no entendimento da professora, revisar o texto significa escrevê-lo novamente. Houve um trabalho em construir um texto melhor do ponto de vista da sequência narrativa, entretanto, não houve releitura e reflexão do texto individual de que alguns alunos fizeram a leitura, nem do texto coletivo, que se configurou uma “colcha de retalhos” à medida que utilizava partes de textos dos alunos para a construção de um texto coletivo, desconsiderando a continuidade do mesmo que poderia surgir com as sugestões dos alunos.

As palavras grifadas foram questionadas quanto à ortografia. Vários alunos apresentavam sugestões, mas a professora insistia que deveriam procurar no dicionário. Sob muita reclamação e protesto, cinco ou seis alunos procuravam e a professora registrava a maneira correta de grafar a palavra.

Chamamos a atenção para o fato de que, nessa situação, o que predominou foi a verificação da grafia das palavras. Não ocorreu qualquer discussão sobre o porquê de aquela palavra ser escrita daquela maneira ou por que apareceram maneiras diferentes para a escrita da mesma palavra.

Morais (2008) nomeou procedimentos, como o descrito acima, de “verificação”. O autor optou por não chamar de ensino, já que não cria estratégias de reflexão que ajudem o aprendiz a avançar.

A professora ressaltou que, embora o texto tenha ficado bem pequeno ele apresenta começo, meio e final, que é o mais importante. Entretanto, é importante salientar que a fábula teve seu conteúdo original totalmente deturpado quando reescrito coletivamente. É importante notar que nenhum dos alunos entendeu realmente o ensinamento dessa fábula: a raposa não comeu as uvas. As uvas não estavam verdes e azedas. Ela não conseguiu pegá-las e, por despeito, disse que estavam verdes e azedas. Entendemos que a reescrita como reprodução de um texto não admite novos conteúdos.

Procedimento semelhante foi adotado pelas professoras P1 e P8, tanto para a produção, quanto para a reescrita do texto. Entretanto, elas se limitaram a solicitar a leitura dos textos produzidos por alguns dos alunos.

Analisando, comparativamente, tais procedimentos, podemos afirmar que os alunos da professora P9 tiveram maior contato com o texto na reescrita, seja procurando palavras no dicionário ou na discussão da composição do texto coletivo enquanto os alunos de P1 e P8 passaram apenas pela experiência de leitura dos textos e correções ortográficas, apontadas pelas professoras. Podemos afirmar que se trata de uma concepção tradicional de ensino no qual o aluno aprende mediante a exposição (leitura, conto oral) feita pelo professor com a intenção de transmitir o conhecimento ao aluno.

A esse respeito, Micotti (2007) destaca que, na didática tradicional, o conhecimento é considerado como fruto da experiência e o processo de aprendizagem como passível de ser dirigido diretamente pelo ensino - as situações

didáticas “definem” a aprendizagem. O conhecimento é centrado no saber transmitido pelo professor.

Modalidade 2: texto de um aluno para reescrita coletiva (professoras P2, P4 e P7).

As professoras P2, P4 e P7 utilizaram um texto escrito por um aluno para a revisão coletiva, solicitando a leitura e acolhendo sugestões dos alunos quanto aos aspectos que deveriam ser corrigidos. Embora a participação discente, em alguns casos, não tenha sido efetiva em todo o processo, houve momentos de colaboração e busca por parte dos alunos, na tentativa de corrigir o texto.

O procedimento utilizado pela professora P2 para a produção de texto foi a leitura de um clássico da literatura infantil, além de filmes e histórias em quadrinhos vistos anteriormente. Com o auxílio de uma sequência de figuras e com o início da narrativa na folha, a professora propôs a reprodução da história.

Dos textos produzidos pela turma um foi escolhido pela professora para a correção coletiva. Foi digitado, xerocopiado e entregue a todos com a ortografia e gramática corrigidas. A professora planejou a atividade em etapas para avaliar qual aspecto do texto era necessário, naquele momento, tornar-se objeto de reflexão dos alunos o que, segundo Moraes (2009) é importante, pois não é produtivo que os alunos tenham que se preocupar com todos os aspectos a serem revisados no texto, ao mesmo tempo. A autora completa:

“se, em dado momento o que está em jogo é refletir sobre a organização discursiva do texto, o professor pode ficar responsável pela revisão ortográfica, reservando aos alunos a possibilidade de focar sua atenção em um único aspecto”. (in Coelho, 2009 p. 19)

Ao descentralizar o trabalho de reescrita dos aspectos gramaticais, vemos a tentativa da professora em desenvolver a reflexão sobre a estrutura narrativa do texto, valorizando, assim, o gênero como objeto de estudo.

TEXTO PARA CORREÇÃO (P2)

Numa loja de brinquedos havia uma caixa de papelão com vinte e cinco soldadinhos de chumbo, todos iguaizinhos, pois haviam sido feitos com o mesmo molde. Apenas um deles era pernetá. Como foi o último a ser fundido, faltou chumbo para completar a outra perna.

Chegou o dia em que a caixa foi dada de presente de aniversário a um garoto. (início do texto na folha)

Um dia o menino ganhou vinte e cinco soldadinhos de chumbo e um era pernetá. O menino disse:

- Olha! Esse soldadinho tem uma perna só!

E o menino brincou e foi dormir. Na frente do castelo de papel tinha uma linda bailarina e o soldadinho ficou olhando.

Um gênio malvado que assustava todos os brinquedos falou para o soldadinho:

- Olhe para outra coisa senão amanhã você vai ver!

E com uma rajada de vento o soldadinho voou para a rua e como estava chovendo muito forte, o menino pediu para sair lá fora.

Dois meninos estavam brincando na chuva e acharam o soldadinho e fizeram um barquinho e colocaram na sarjeta e ele caiu no esgoto e um rato pediu permissão para andar.

Saiu do esgoto e foi parar no mar que um peixe engoliu. Por sorte já foi pescado pelos pescadores e a empregada abriu e viu o soldadinho.

E o menino disse:

- Esse soldadinho está com uma perna só e está fedendo peixe e jogou o soldadinho no fogo. Numa rajada de vento a bailarina foi voando no fogo e a empregada limpou a lareira e achou um coração de chumbo e a lantejoulá da bailarina.

O texto escolhido pela professora tem partes importantes que deixaram de ser escritas, a história é muito grande e o aluno não deu conta de recuperar os detalhes, mesmo com o auxílio da sequência de figuras utilizadas para a produção. A professora perguntou o que deveriam procurar (corrigir) no texto e os alunos responderam em coro: coesão, coerência e sequência. A resposta indica que a

professora privilegia tais aspectos na produção textual, de modo que os alunos reproduziram o que lhes é ensinado.

Feita a leitura, a professora pediu que opinassem a respeito do texto e, rapidamente identificaram o que estava faltando: observaram a ausência de palavras para ligar as frases e a falta de partes importantes, prejudicando assim o entendimento da história. A reescrita coletiva foi feita após a leitura de cada parágrafo, tendo a professora como escriba, registrando na lousa as sugestões dos alunos.

A professora empenha-se em trazer para reflexão “o que se diz” em vez de ocupar o lugar da professora que examina e avalia o texto em busca de erros, em busca de “como se escreve”.

É importante citar que a ausência de aspectos importantes para a compreensão da narrativa nos faz supor que não houve, por parte do aluno, a tentativa de reler ou de o corrigir seu, antes da entrega.

Muitos dos primeiros textos infantis, segundo Abaurre (1997), não trazem *marcas visíveis* de operações de reelaboração. A reelaboração de um texto revela maior preocupação com certos aspectos como, por exemplo, a ortografia e a gramática e pouca preocupação com a sequência dos fatos, embora tenha sido unânime em observar este último item como importante no momento da revisão do texto.

O processo de revisão de textos é difícil para a criança. Góes (1993 *op.cit.*) ressalta que as observações infantis restringem-se a aspectos de superfície, quase exclusivamente ortográficos e gramaticais, desconsiderando o lugar do leitor e consequentemente do próprio escritor.

Ao comparar a primeira versão do texto com a segunda, é notável perceber a progressão no que diz respeito ao acréscimo de informações antes omitidas pelo autor.

Texto após revisão coletiva (P2)

Numa loja de brinquedos havia uma caixa de papelão com vinte e cinco soldadinhos de chumbo, todos iguaizinhos, pois haviam sido feitos com o mesmo molde. Apenas um deles era perneta. Como foi o último a ser fundido, faltou chumbo para completar a outra perna.

Chegou o dia em que a caixa foi dada de presente de aniversário a um garoto. (início do texto na folha)

O garoto adorou o presente e arrumou os soldadinhos enfileirados na mesa. O soldadinho que tinha uma perna só era o último da fila. O menino disse:

- Olha! Esse soldadinho tem uma perna só! E o menino brincou, guardou os soldadinhos na caixa e foi dormir, mas não percebeu que aquele que tinha uma perna só caiu fora da caixa.

Ao lado dos soldadinhos havia um castelo de papelão, uma floresta e um lago feito de pedaços de espelho. Do lado do castelo tinha uma linda bailarina com um vestido de tule azul e os cabelos presos com uma tiara de lantejoulas. Seus braços estavam erguidos em forma de arco.

O soldadinho se apaixonou pela bailarina e ficou olhando para ela, pensando se um dia ela se apaixonaria por ele.

Os brinquedos organizaram um grande baile, estavam todos contentes, brincando e dançando, mas um gênio malvado que assustava todos os brinquedos apareceu e todos ficaram com medo. Ele olhou para o soldadinho e disse:

- Amanhã você vai ver!

No outro dia o menino arrumou todos os soldadinhos enfileirados na janela e pegou o soldadinho com uma perna só e colocou junto. Mas, de repente uma rajada de vento empurrou o soldadinho que caiu na rua. O menino foi correndo tentar buscá-lo, mas não conseguiu, pois estava chovendo muito forte.

Dois meninos estavam brincando na chuva e acharam o soldadinho, fizeram um barquinho com folha de jornal e colocaram na sarjeta. Ele caiu num bueiro e ficou com muito medo.

Lá encontrou com um rato que pediu sua permissão para nagevar. O soldadinho, assustado não respondeu nada e o rato foi ficando para trás.

O barquinho saiu do esgoto e foi parar no mar e um peixe o engoliu. Por sorte já foi pescado pelos pescadores vendido para uma cozinheira.

De repente ele ouviu:

- È o soldadinho que caiu da minha janela!

Ele quase nem acreditou, mas estava de volta em casa, olhando para sua amada bailarina.

O menino começou brincar com o soldadinho, mas acabou jogando ele na lareira. A bailarina olhou para ele com tristeza.

Uma rajada forte de vento acabou empurrando a bailarina para fogo e os dois finalmente juntos, queimaram, derreteram e formaram um coração.

No outro dia a empregada foi limpar a lareira e achou um lindo coração de chumbo e a lantejola da bailarina.

A reescrita do texto foi trabalhosa. O autor havia omitido informações importantes que puderam ser recuperadas pelo grupo.

Araújo (2004) ressalta que

“atividades de revisão e reescrita de textos implicam não apenas no saber linguístico e textual do aluno, a ampliação de seu repertório e recursos expressivos, mas também o saber - fazer, a ampliação de seus conhecimentos de composição de texto”. (p.96).

Araújo (2004), em pesquisa realizada com 20 crianças de uma turma de 3º. série (ensino fundamental de 8 anos), tratando sobre a importância de revisar seus textos, perguntou se elas achavam que revisar o texto com um colega poderia ajudar na sua escrita. As respostas variaram, no entanto, 7 alunos julgaram importante, uma vez que os ajudavam a perceber os erros e as ideias confusas. Alguns alunos foram explícitos ao apontarem a importância da atividade, pois “o colega ajuda a ver o que o autor não vê sozinho”. Há a preocupação do autor com a compreensão do leitor e seu papel no controle do entendimento do texto. Assim, Araújo (2009), ressalta que foi possível observar a preocupação da criança com os diferentes níveis de organização do texto e a noção que tem da relação da sua produção com a leitura posterior.

A análise do procedimento de reescrita de textos adotada pelas professoras P4 e P2, embora tenha sido realizada nos mesmos moldes, apontou resultados diferentes. Notamos a preocupação da professora P2 em fornecer elementos para ampliar os conhecimentos dos alunos quanto aos aspectos estruturais da narrativa. A professora apresentou o texto com a ortografia corrigida na intenção (louvável, aliás) de concentrar os esforços dos alunos em um dos aspectos que envolvem a reescrita do texto.

A professora P4 propôs a escrita de um conto de fadas diferente das obras já conhecidas, mas com a possibilidade de utilizar os personagens já consagrados no gênero; para a reescrita, trouxe o texto de um aluno que foi digitado (como o aluno escreveu), xerocopiado e distribuído a todos.

A proposta de produção de texto (Professora P4)

Imagine que você é um autor de conto de fadas e resolveu criar uma obra diferente dos contos já conhecidos. Você:

- *Pode inverter os papéis dos personagens;*
- *Criar um novo final;*
- *Pode misturar os personagens e criar uma história divertida ou absurda;*
- *Pode mudar os nomes dos personagens e misturar as histórias.*

Escreva essa deliciosa brincadeira e ilustre a seu gosto, de acordo com suas ideias.

A professora destaca a necessidade de organizar o que gostariam de escrever e fez uma lista na lousa:

- 1- Quem é o personagem
- 2- Onde vive/como vive
- 3- Como é sua história (o que está acontecendo, quais são os problemas, conflitos?)
- 4- Como se desenvolve a história
- 5- Fim da história

Texto para reescrita. (professora P4)

A chapeuzinho a dormecida (sic)

Certa vez mãe da Chapeuzinho a dormecida mandou ela i levar doces para avó

No menho do caminho Chapeuzinho a dorm ecida emcontrou o lodo mau.

Que perguntou o que tem demtro da sexta chapeuzinho a dormecida respondeu bolo e torta para avó.

O lobo mau pegou um atalio e chegou primeiro na casa da avó.

Bateu na porta avó disse quem e a chapeuzinha dormecida pode entrar.

O lobo mau escondeu avó no armário colocou a roupa da vovó e disse pode entra minha querida chapeuzinha a dormecida.

Que olhos tão grande e para vê melhor que nariz tão grande cherarr melhor que bica tão grande para comer melhor.

E cuando chapeuzinha a dormecida virou ele i comer que ela que avó gritou o Pinoquio que ta passado ouvio e Pinoquio matou o lobo e avo de chapeuzinha a dormecida e sua avo pegaram a pele do urso e fizeram como tapepete a cabeça do lobo como infeite.

E chapeuzinha a dormecida pediu desculpa para sua mãe porte dê obedecido a sua mãe

Todos ficaram felizes para sempre.

Durante a produção textual, a professora fez intervenções, lendo e sugerindo mudanças na organização, na estrutura e com referência às intervenções sobre a ortografia correta da palavra, o uso dos substitutos, a repetição de palavras, letra maiúscula para a escrita do nome dos personagens eram, feitas mesmo quando o aluno não demonstrava dúvida.

Em pesquisa intitulada “A circulação de texto na escola”, Jesus (2002) constatou um procedimento semelhante em que o trabalho de reescrita de textos caracterizava-se por aquilo que a pesquisadora denominou de “higienização do texto do aluno”, isto é, a correção centrada nas “impurezas linguísticas”, especialmente no que se refere a problemas de ortografia, concordância e pontuação e, como resultado disso, afirma a pesquisadora, “temos um texto, quando muito linguisticamente correto, mas prejudicado na sua potencialidade de realização” (JESUS 2002 p.102).

A professora se manteve atenta, oferecendo ajuda aos alunos caso houvesse dúvidas. Muitos alunos perguntaram quantas linhas deveria ter o texto; um aluno avisou que o dele teria duas folhas. A professora explicou que a história deveria ter um começo, um meio e um fim e que não importava o número de folhas.

O texto escolhido para reescrita não foi previamente corrigido pela professora, como observamos na atividade realizada pela professora P2. Há erros ortográficos, gramaticais e de concordância, além daqueles relacionados à coerência e coesão textual.

Vamos adotar aqui os conceitos de coerência e coesão textual de Koch e Travaglia (2011). Segundo os autores, o que tem sido mais comumente apontado como coerência é a “boa formação” do texto, que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários, fazendo com que o texto tenha sentido para o usuário numa situação de comunicação.

Sobre o conceito de coesão, os autores observam que, o contrário da coerência, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, sendo, portanto de caráter linear, manifestada na organização sequencial do texto. KOCH e TRAVAGLIA (2011, p.15).

Durante a atividade de reescrita coletiva, a professora procurou chamar a atenção do grupo para o fato de o autor daquele texto não ter atingido o objetivo que era mudar os papéis dos personagens. Ela questionou o fato de haver uma "chapeuzinho adormecida que não dormiu" e não haver nenhum elemento diferente da tradicional história da “Chapeuzinho Vermelho”. Observou também que há vários erros ortográficos que requerem atenção para a correção.

Texto reescrito coletivamente (Professora P4)

A chapeuzinho adormecida

Certa vez mãe da Chapeuzinho adormecida mandou ela levar doces para sua avó que morava numa floresta bem longe dali. No meio do caminho Chapeuzinho adormecida sentiu sono e deitou em cima de uma pedra para descansar. De repente, apareceu um lobo mau e pensou:

- Essa menininha deveria estar indo na casa da vovó levar esta cesta com docinhos. Não deveria estar dormindo!

O lobo mau achou estranho, mas aproveitou a soneca da menina, pegou um atalho e chegou primeiro na casa da avó.

Bateu na porta.

A avó perguntou quem era e o lobo, imitando a voz da netinha respondeu:

Sou eu, Chapeuzinho Vermelho.

A avó desconfiou daquela voz, mas principalmente não abriu a porta porque sabia que sua neta se chamava Chapeuzinho adormecida e, naquela hora, deveria estar tirando uma sonequinha.

A avó saiu pela porta dos fundos e chamou o Pinóquio, que fazia aquele caminho para chegar na escola mais rápido, e explicou o que estava acontecendo.

E quando a avó abriu a porta o Pinóquio acertou sua cabeça bem forte com uma pá. O lobo ficou ali desmaiado.

A chapeuzinho adormecida chegou nesse momento e sentiu medo, mas ajudou a amarrar o lobo e a jogá-lo no rio.

Os três comeram os bolos e tortas que a chapeuzinho levou e todos ficaram felizes para sempre.

A análise desta reescrita é um indicativo de que os alunos se empenharam em melhorar o texto inicial. Durante a atividade de reescrita, a professora fez perguntas para ajudar a provocar reflexões sobre o que sabiam da estrutura do texto narrativo.

A utilização dos travessões para marcar o diálogo no texto foi observada por vários alunos e, assim, utilizada adequadamente.

Ao comparar a 1º e a 2º versão do texto, podemos observar que foram realizadas muitas alterações que o melhoraram. Conseguiram aproveitar os elementos que o autor já havia colocado, como a introdução do personagem “Pinóquio”, e caracterizar melhor “chapeuzinho adormecida”, adequando, dessa forma à proposta de escrita da professora.

Notamos também a mudança no final da narrativa, atribuindo um desfecho para cada personagem, o que não fora observado na primeira versão do texto. Entretanto, a participação coletiva foi reduzida. Notamos que aqueles alunos que geralmente não participam das atividades - individuais ou coletivas - demonstraram pouca ou por vezes, nenhuma participação.

Apesar de as sugestões de correções, apontadas pelas crianças, fornecessem pistas para a professora dos conhecimentos já consolidados e dos seus “ainda não saberes”, faltou por parte da professora buscar a interação de todos naquele processo.

Brandão (in Leal e Brandão, 2007) discute o entendimento do professor com relação às práticas de revisão de textos.

“muitas vezes, observa-se, entre os educadores, uma certa crença de que a proposta de revisão de textos envolveria habilidades muito elaboradas para o

escritor iniciante considerando-se mais adequado deixar esta etapa de “refinamento da produção escrita” para mais adiante, quando os alunos já forem capazes de um maior domínio na escrita de seus textos”. (p.121).

Dessa forma, concordamos com Moraes (1998), Jolibert (1994) e Rocha (2008), quando os autores apontam para a necessidade de que, desde muito cedo, se instale, na sala de aula, a preocupação com o leitor de nossos escritos, desenvolvendo uma “atitude” de querer escrever melhor, para melhor nos comunicarmos e, para isso, o procedimento de revisão/reescrita do texto é tão importante quanto a própria produção.

Modalidade 3: troca de textos (professoras P3 e P5)

As professoras P3 e P5 utilizaram estratégias diferentes para a produção de textos. A professora P3 leu uma fábula já conhecida pelos alunos e apresentou uma sequência de figuras como apoio para a reprodução do texto em contrapartida; a professora P5 utilizou uma sequência de figuras com um tema como proposta de produção textual.

Como estratégia de reescrita, a professora P3 recorreu à troca de textos entre os alunos para a revisão individual e, posteriormente, a reescrita. Com essa estratégia, a professora esperava que seus alunos conseguissem identificar os erros cometidos pelos colegas, destacando-os para posterior correção.

Analisando as produções dos alunos, notamos que as principais correções concentraram-se na ortografia das palavras. À medida que os alunos liam os textos dos colegas, iniciaram as perguntas para a professora sobre a grafia das palavras: cidade, próxima, comendo, raízes, decepcionado, despesa, começou, luxuosa, preciso, gostou, casinha, morava e feliz. A professora registrava na lousa a maneira correta de escrever enquanto circulava entre as duplas oferecendo ajuda.

De acordo com os PCN (1998), o estudo da gramática ou da ortografia não garante que o aluno possa se apropriar deles na produção de textos. “É importante reinvestir os conceitos estudados em atividades mais complexas”, em outras palavras, para a prática de análise linguística é fundamental que o professor proponha a revisão dos textos produzidos pelos alunos, pois é possível trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos

textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua.

Os alunos não mostraram grandes dificuldades na realização da atividade, pareciam familiarizados com aquela prática. A esse respeito, os PCN (1998) sugerem:

“ que quando os alunos já tiverem realizado bom número de práticas de revisão coletiva, o professor pode, gradativamente, ampliar o grau de complexidade da tarefa, propondo sua realização em duplas, em pequenos grupos, encaminhando-se para a autocorreção”. BRASIL (1998, p. 81).

Após as correções do revisor, o autor do texto pode ler os apontamentos feitos pelo colega e proceder com a próxima tarefa: “passar a limpo”. Observamos que os procedimentos adotados pela professora P3 favoreceu a reflexão dos alunos à medida que contaram com a revisão de um colega, visto por eles como “um igual”, diferente de quando a revisão é feita pelo professor.

A professora P5 propôs da mesma forma a revisão, trocando os textos entre os alunos de maneira aleatória, para que pudessem identificar os erros na produção do colega.

A principal diferença entre as estratégias utilizadas por essas professoras está na proposta de revisão em duplas - os alunos sentaram-se em duplas - o que tornou o trabalho mais produtivo já que podiam consultar o colega quando não entendiam a letra ou “não entendiam o que o colega quis dizer com aquela frase”.

Alterar seu texto por movimento próprio e alterá-lo sob a orientação de um revisor são tarefas distintas, da mesma maneira que revisar o texto do colega tendo-o ao seu lado e com incentivos do professor para que houvesse discussões/negociações é um procedimento que tem suas peculiaridades.

Foi possível observar os movimentos dos alunos na tentativa de modificar o texto. Cabe ressaltar que as alterações sugeridas pelo colega revisor se referiram, na maior parte das vezes, à correção ortográfica, demonstrando o entendimento do aluno de que há necessidade de um padrão de escrita, que está relacionado, basicamente, ao domínio do código. Entretanto, a revisão proposta pela professora P5, além de gerar reclamações entre os alunos, foi pautada por suas perguntas e respostas dadas pela professora. As dúvidas permaneceram quanto à ortografia das

palavras - os alunos perguntavam e a professora, prontamente, respondia, sem quaisquer questionamentos.

É importante citar que as reclamações dos alunos quanto à realização daquela atividade relacionavam-se, sobretudo, ao fato de terem que ler o texto do colega e, posteriormente, ler novamente seu próprio texto para corrigir as observações que o colega revisor apontou.

A esse respeito, Morais (2008) observa que muitas crianças e adolescentes não incorporam com a experiência escolar a atitude de “voltar ao que escreveram”.

Em ambos os casos, notamos que apenas um aluno passou pela experiência de ter o próprio texto relido e revisado. Aos demais alunos coube a tarefa de ler um texto, cujo autor é um colega, e apontar o que pode ser melhorado, corrigido ou, até mesmo, a tarefa de “decifrar a letra” do autor.

Modalidade 4: reflexão entre os pares. (professora P6)

Fazem parte desta modalidade os procedimentos adotados pela professora P6 que propôs a produção de texto sobre um assunto amplamente discutido na ocasião - “os Jogos Pan-americanos” - sobre os quais realizaram uma série de atividades anteriores como confecção de cartazes com os nomes das modalidades esportivas, países participantes, país que serviu de sede dos Jogos, imagens de jornais e revistas sobre as modalidades esportivas e os requisitos para poder participar do evento, e um banco com 32 palavras que retiraram dos diversos materiais lidos e pesquisados pelos alunos como: sede, país, participação, atleta, ginásio, competição, troféu, entre outras.

Notamos grande envolvimento dos alunos na realização da produção textual. Estavam familiarizados com a estratégia utilizada pela professora que utilizou um roteiro de produção distribuído para cada aluno, lido e discutido.

Roteiro de produção de texto proposto pela professora P6:

Produção de texto:

Jogos pan-americanos de Guadalajara

Em duplas, escreva um texto em que apareçam informações dos jogos Pan-americanos de Guadalajara. Vocês podem escolher três ou mais itens abaixo para elaborar a produção.

1- Cidade – sede

- 2- Mascotes
- 3- Modalidades esportivas
- 4- Países participantes
- 5- Benefícios da prática esportiva benefícios do Pan.

É importante que ao escrever o texto;

- 1- Faça um rascunho
- 2- Utilize parágrafos
- 3- Use letra maiúscula no início do parágrafo, em nome de pessoas e lugares
- 4- Faça uso da pontuação adequada
- 5- Procure escrever as palavras corretamente, utilizando para tanto o dicionário.
- 6- Faça uso do vocabulário diferenciado
- 7- Coloque título
- 8- Evite repetições de palavras
- 9- Revise seu texto antes da produção final
- 10- Faça letra legível

É importante citar que essa proposta de produção textual tinha, para os alunos, um propósito. Notamos o seu envolvimento durante o processo, deixando clara a função daquele texto: ele estava inserido num projeto do qual todos faziam parte, planejando ações e atividades com o objetivo de conhecerem mais a respeito do evento. Tratava-se de escrever com finalidade, com um objetivo, um destinatário.

Jolibert e seus colaboradores (1994, 2006, 2008) apresentam estudos teórico-práticos sobre a produção e a reescrita de textos em contexto escolar. A autora defende a ideia da escrita inserida em situações reais de comunicação, privilegiando o contato da criança com os diferentes tipos de textos, para que possa compreender o uso consciente da escrita.

O envolvimento dos alunos na aula seguinte à produção também foi observado. Na aula destinada à reescrita, a professora entregou os textos produzidos em duplas com bilhetinhos, orientando sobre o que deveriam revisar. As instruções variavam, e nada era escrito ou rasurado no texto do aluno. Havia, por exemplo: “esqueceu-se de usar a letra maiúscula nos nomes”, “algumas ideias não ficaram claras, é preciso explicar melhor sobre quais países podem participar dos

Jogos Pan-americanos”, “há palavras repetidas”, “preste a atenção à escrita das palavras – use m antes do p e do b”.

A professora também disponibilizou para cada aluno um roteiro, mas então, apesar de permanecerem em duplas e terem espaço para discussões o texto reescrito deveria ser individual.

Revisão de texto:

Jogos Pan-americanos

Agora chegou o momento da revisão da sua produção. Para tanto, observe se vocês:

- 1- Fizeram rascunho?*
- 2- Utilizaram parágrafos?*
- 3- Usaram letra maiúscula no início dos parágrafos, em nomes de pessoas e lugares?*
- 4- Escolheram 3 ou mais itens para serem abordados durante a produção?*
- 5- Procuraram usar a pontuação adequada?*
- 6- Escreveram as palavras corretamente e usaram o dicionário quando encontraram dúvidas?*
- 7- Colocaram título?*
- 8- Evitaram repetição de palavras?*
- 9- Fizeram letra legível?*

Houve alunos que solicitaram ajuda quanto à ortografia; ela os orientou a buscarem as palavras no dicionário. Para a correção dos nomes dos países e das modalidades esportivas, eles consultavam os cartazes expostos na sala de aula. Consultavam também os colegas, mesmo os de outras duplas, para tirarem dúvidas e receberem sugestões.

Observamos que a prática privilegiou a interação entre os alunos. Era visível que eles dispunham de várias opções ao produzirem o texto. É importante lembrar que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências.

Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador.

A esse respeito, Moraes (2008) e BRASIL (1998) compartilham a ideia de que, para formar um escritor competente é preciso proporcionar um amplo repertório de modelos que lhes permita recriar, criar, recriar as próprias criações. Formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura. (BRASIL, 1998 p.28).

4.2- A produção textual e suas implicações na Oficina

Participaram da oficina alunos das turmas cujas aulas foram observadas, conforme já descrito no capítulo anteriormente apresentado.

Entendemos que a reescrita é uma atividade inerente ao ato de produzir textos, assim, desde o início da escolarização, o trabalho com a produção textual deveria incluir reflexões sobre o texto escrito.

Na análise dos resultados obtidos na Oficina, procuramos discutir o texto e sua reescrita com base nos estudos dos pesquisadores da Universidade de Genebra, Dolz e Schneuwly (2004), e PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 27) que sugerem que se tome a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, para a realização de atividades curriculares, baseadas em uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, e para a ampliação da competência discursiva do aluno.

A maioria dos escritores iniciantes costuma contentar-se com uma única versão de seu texto, dificultando a compreensão da produção de texto como processo e o desenvolvimento da habilidade de revisar. O trabalho com rascunhos é imprescindível. “É uma excelente estratégia didática para que o aluno perceba a provisoriedade dos textos e analise seu próprio processo”. (BRASIL, 1997)

A reescrita do texto assume um papel fundamental na prática de produção. É preciso ser sistematicamente ensinada, de modo que, cada vez mais, assuma sua real função:

“monitorar todo o processo de produção textual desde o planejamento, de tal maneira que o escritor possa coordenar eficientemente os papéis de produtor, leitor e avaliador do seu próprio texto. Isso significa deslocar a ênfase da intervenção, no produto final, para o processo de produção, ou seja, revisar, desde o planejamento, ao longo de todo o processo: antes, durante e depois. (BRASIL, 1997)

Na oficina, a reescrita realizou-se sempre seguindo um procedimento padrão que, entre outros aspectos, provocou o diálogo entre os participantes a fim de retomar os conhecimentos sobre a narrativa, acompanhado de um estudo ortográfico das dificuldades comuns à turma. Apresentaram-se em forma de lista, as palavras sobre as quais os alunos tinham dúvida. A lista serviu de ferramenta para consulta. Isso favoreceu maior segurança e apoio à criança que ficou atenta às orientações, pois sabia que, a seguir, iria revisar e reescrever seu texto.

Optamos por agrupar os textos ora analisados de acordo com o desempenho dos alunos na reescrita segundo os aspectos da produção textual que modificaram e com a turma a que pertenciam seus autores.

Tabela 1- Desempenho dos alunos na reescrita

Professores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9
Modificações feitas na reescrita									
Adição de título	1		3			2		1	4
Supressão de palavra/frase	2	3	2				2		1
Adição de palavra/frase	2				2		1	2	1
Ortografia identificada no texto	2	3	1	4	3	4	1		4
Ortografia <u>não</u> identificada no texto		1	2			3	2	3	
Paragrafação	4	1	1	1			3	4	
Pontuação		1	1				1	2	
Concordância verbal	1								
Mudança no final do texto	1	1	2						
Reorganização do texto		2	3				4	3	
Letra maiúscula		1				1		2	
Totais de modificações	13	13	15	5	5	10	14	17	10
Total de alunos	4	4	3	3	4	4	4	5	4

Entendemos que não seja possível padronizar um comportamento de revisão textual, apesar de haver certos movimentos que nos conduzem ao agrupamento de características presentes nos textos infantis, como, por exemplo, a repetição/supressão de palavras e a estruturação discursiva do texto, entre outras.

A tabela acima apresentada objetiva organizar em um todo os movimentos realizados pelos participantes da pesquisa durante a reescrita.

Gostaríamos de destacar que, ao optarmos por analisar as reescritas utilizando como método a análise das competências linguísticas propostas por Jolibert (1994), significa admitir que compartilhamos o mesmo entendimento da autora ao considerá-la um importante instrumento conceitual para acompanhar os avanços dos alunos com relação à aquisição da escrita e ampliar as possibilidades de trabalho com a produção textual.

Apresentamos, nessa tabela, as mudanças feitas pelos alunos nas suas reescritas, com o intuito de perceber em que medida a oportunidade de reler seu texto interferiu no resultado final da sua produção e qual foi a pertinência do uso do roteiro de autoavaliação para o aluno.

Comparando essa proposta de reescrita com aquelas feitas pela professora percebemos a dificuldade de alguns alunos em realizar movimentos próprios da reescrita. Ao serem convidados a reler o próprio texto, houve alunos que constataram a necessidade de fazer correções, entretanto, não dispunham de saberes suficientes para fazê-lo.

Pudemos verificar, como já mencionado em outras pesquisas, como as de Góes (1993), Araújo (2004) e Rocha (2008), que os alunos tendem a demonstrar maior preocupação com a correção dos aspectos ortográficos e dispensam pouca atenção àqueles relacionados à estrutura do texto.

A dificuldade em realizar uma releitura reflexiva, demonstrada pelos alunos das professoras P3, P4 e P9, tendo em vista o número reduzido de correções praticadas, nos faz supor que o aluno tende a reproduzir em outras propostas de produção textual as mesmas práticas vivenciadas no seu cotidiano escolar.

Em contrapartida, os alunos da professora P6, que estão habituados ao trabalho didático de revisar seus textos, também realizaram poucas correções, entretanto, uma leitura mais cuidadosa dos textos daqueles alunos nos mostra que a primeira versão do texto produzido apresentava, na sua maioria, os aspectos ora analisados: paragrafação, título, pontuação, diálogos apresentados de acordo com as marcas típicas do discurso direto, entre outros aspectos.

Esse fato deixa evidente que, de fato, houve pouca correção, pois pouco havia para corrigir. É preciso destacar que o trabalho sistemático com revisão de textos nas produções textuais colabora na ampliação dos elementos linguísticos,

proporcionando ao aluno a oportunidade de produzir um texto, assegurando as condições mínimas do discurso.

Apresentaremos, a seguir, exemplos de textos produzidos pelos alunos na oficina de produção textual. Para assegurar a integridade dos alunos, conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, identificaremos os sujeitos de acordo com o quadro 4.

Quadro 4- Identificação dos sujeitos

PROFESSORAS	ALUNOS				
P1	1A	1B	1C	1D	
P2	2A	2B	2C	2D	
P3	3 A	3B	3C		
P4	4 A	4B	4C	4D	
P5	5 A	5B	5C		
P6	6 A	6B	6C	6D	
P6	7 A	7B	7C	7D	
P8	8 A	8B	8C	8D	8E
P9	9 A	9B	9C	9D	

Textos produzidos pelos alunos da professora P1

Os alunos demonstraram dificuldades em entender a dinâmica de preenchimento do roteiro para revisão do texto. A pesquisadora interveio várias vezes à medida que era solicitada. Entretanto, conseguiram fazer uma reflexão na primeira versão do texto, fazendo marcas nos aspectos em que mostravam dúvidas.

Verificamos que os aspectos modificados com maior frequência na revisão dos quatro textos analisados foram os relativos à ortografia. Para isso, os alunos utilizaram como ferramenta o dicionário e a consulta dos títulos dos livros que estavam disponíveis na prateleira da biblioteca, como no exemplo da aluna 1A, ao pedir para a pesquisadora se poderia pegar uma revista científica, que trazia a ilustração de formigas na capa.

ALUNA 1 A	
ESCRITA	REESCRITA
È um dia a fumiguinha estava pazindo traquila- Mete na beira do rio ela escorregou O passarinho foi ára aguda a fumiguinha o passarinho Pecou calho èsauvou a fumiguinha. O passarinho e a fumiguinha virão a miganha O casador fai a tirano passarinho A fumiguinha voi mote o pé do casador e o casador a tirou <u>erado</u>.	A formiguinha e o passarinho Éra um dia a formigunha estava passeando – De repanta a formiguinha escorregou. O passarinho foi a judar a formiguinha – a passarinho pegou uma corda e falou. - Segura na corda. A formiguinha é o passarinho virarão- amigas tava quendo de repente o caçador a vai atira no passarinho. A formiga viu o caçador a formiga modeu o pé do caçador.

Apesar de o material para consulta ter representado para a aluna em questão um importante auxiliador na busca pela escrita correta, para a aluna 1D não teve a mesma importância, já que buscou, na segunda versão do texto, concentrar esforços na organização da sua estrutura.

ALUNA 1D	
ESCRITA	REESCRITA
Uma fumiguinha que tava insima do mato ele esta vendo o rio. a fumiguinha cai no rio e o passarinho pesou uma corda e o passarinho puchano eles ficaram amigo um homem a ponto por passarinho e a fumiguinha. Viu e picou o pé do homem o passarinho fugiu eles ficaram muito amigo	A furniguinha e a passarinha Uma fumiguinha estava ímsima do mato ela estava vendo o rio. A passarinho pegou a corda e puchou a formiguinha. Elas ficaram muito amigas. Um caçador aponto uma arma no passarinho a furniguinha viu. A furniguinha picou o pé do caçador. A furniguinha e a passarinha ficaram amigas para sempre.

A aluna constatou que se esqueceu de dar um título ao texto e todos manifestaram que não utilizaram o dicionário no momento da produção do texto. Outra correção importante nessa reescrita foi o acréscimo do título, esquecido na primeira versão do texto.

Os alunos 1B e 1C concentraram seus esforços na correção ortográfica, supressão e adição de frases. Manifestaram a percepção da necessidade de dividir o texto em parágrafos. O aluno 1C modificou o final da segunda versão do texto.

ALUNA 1B	
ESCRITA	REESCRITA
A formiga e o passarinho	A formiga e o passarinho
Um dia a formiga estava passe ano e <u>derepeite</u> escorregol. Um passarinho viu a formiga a fogueno e pegol uma corda que estava desdente del a corda para aformiga cegura. E a formiga falou.	Uma dia uma formiga estava Passeando nabera do rio e de repente, escorregou. Um passarinho escutou o pedido de juda.
E a formiga disse.o brigado dinada	— Socorro au gueminajuda. E o passarinho pegou uma corda. E a formiga disse
E o passarinho pousone um galho E tinha um casador e formiga viu O casador e foi atela e picou O pé do casador e o casador E rol	— O brigado passarinho. E o passarinho disse. — dinada E os dois ficaram conversando. E viraram a migo.
O tiro o passarinho a vu ou E os dois vivero feliz para ceipre	E o passarinho a vu ou epousou neuma árvore e dinha um caçados caçando ele viu o passarinho na árvore o caçador a pontou a arma. E formiga foi até o pé do caçador Picou e o caçador erou o tiro E o passarinho e aformiga Viveiro feliz para cenpre

ALUNO 1C	
ESCRITA	REESCRITA
A formiga e o passarinho Um certo dia a formiguinha estava andando tranquilamente pela beira do rio quando de repente ela escorrega e cai no lago e a formiguinha grita: — Socorro, socorro, socorro. E o passarinho passando por ali ouvi uns gritos e vai ver o que qui é e era uma formiguinha pedindo ajuda o passarinho foi voando pegar uma corda para salvar ela. O passarinho falou: — Aqui formiguinha pegue a corda. E o passarinho puxou a formiguinha para cima. Ai os dois ficaram conversando e ficaram amigos. O passarinho voltou para casa e a formiguinha também. O passarinho ali numa boa cantando vem o caçador vê ele assim que o caçador ia atirar no passarinho a formiguinha vê e sai correndo e pica o pé do caçador e o homem erra o disparo e a formiga e o passarinho saem cantando juntos.	A formiga e o passarinho Um certo dia a formiguinha estava andando tranquilamente pela beira do rio quando de repente ela escorrega e cai no lago e a formiguinha grita: — Socorro, socorro, socorro. E o passarinho passando por ali ouvi uns gritos e vai ver o que qui é e era uma formiguinha pedindo ajuda. O passarinho foi voando pegar uma corda para salvar ela. O passarinho falou: — Aqui formiguinha pegue a corda. E o passarinho puxou a formiguinha para cima. Ai os dois ficaram conversando e ficaram amigos. O passarinho voltou para sua casa e a formiguinha também. O passarinho estava ali numa boa cantando. Vem o caçador vê o passarinho assim que o caçador ia atirar no passarinho a formiguinha vê e sai correndo e pica o pé do caçador e o homem erra o disparo. A formiguinha e o passarinho saem cantando juntos.

Textos produzidos pelos alunos da professora P2

Os alunos leram o roteiro de autoavaliação do texto sem demonstrar dúvidas.

A aluna 2A fez uma leitura demorada e cuidadosa do seu texto para o preenchimento do roteiro de revisão.

ALUNA 2A
ESCRITA A formiguinha e o passarinho Certo dia uma formiga estava em um rio para beber água. Quando derrepente tropeçou e começou a se afogar e apareceu um passaro para ajudar a formiga sair do rio. O passarinho veio com uma corda para salvar a formiga. O passarinho disse: — Venha segure na corda para eu puxar. A formiga segurou na e o passarinho puxou. A formiga agradeceu tanto por o passarinho ter tido salvado ela. O passarinho foi vundo para o seu ninho, quando apareceu um cassador que queria mata-lo. O passarinho que ficou assustado ficou tremendo de medo, a formiga que não queria isso picou o pé do caçador e o passarinho foi embora. E o caçador aprendeu a lição que nunca mais iria matar um pássaro.

Ao constatar a repetição do verbo “ficar” na primeira versão do texto, optou por suprimir o parágrafo todo, organizando o discurso de maneira mais clara e sequenciada. Fez as correções ortográficas que identificou na primeira versão do texto.

REESCRITA
A formiguinha e o passarinho Certo dia uma formiga estava em um rio para beber água. Quando de repente tropeçou e começou a se afogar e apareceu um pássaro para ajudar a formiga e disse: — Venha segure nesta corda para eu tirar você do rio. A formiga desesperada segurou firme na corda e o passarinho a puxou. A formiga muito agradecida falou para o pássaro: — Muito obrigado meu amigo passa, se precisar de alguma coisa é só falar. No outro dia o pássaro estava em seu ninho tranquilamente quando de repente um caçador veio com uma espingarda para matar o passarinho. “eu vou ajudar o meu amigo se livrar do caçador. Então a formiga foi ajudar o seu amigo, e puxou o caçador. O caçador aprendeu a lição que nunca mais iria mata aves e animais.

O aluno 2B conseguiu identificar a ausência da letra maiúscula no início do parágrafo e no título, apresentando essas correções na segunda versão. Modificou

frases, apresentando, com mais detalhes, o cenário da narrativa, apesar de ter observado no roteiro que tinha feito a descrição do cenário.

Entendemos que esse movimento do aluno tenha sido motivado pela leitura do roteiro de reescrita, pois ao reler seu texto, fez ajustes nos aspectos considerados corretos na primeira versão.

ALUNO 2 B	
ESCRITA	REESCRITA
o passarinho e a formiga	O passarinho e a formiga
Uma formiga estava as margens de em um rio tomando água, quando se desengulibou-se e caiu no riacho.	Uma formiga estava as marges de em um riacho tomando água, quando se desenquillibrou-se e caiu no riacho.
Se afogando, um passaro que passava por lá foi ver aquilo, a formiga desesperada disse:	Se afogando, um pássaro que passava por lá aquelas redondezas foi ver aquilo, a formiga desesperada gritava:
— Socoro! Socoro! Socoro!	— Socorro! Socorro! Socorro!
Eo passaro sai, voutou com um pedaço de corda, tirou a formiga da agua.	O pássaro saiu e voutou com um pedaço de corda, salvou a a formiga para sua alegria.
A formiga muito <u>agradecida</u> falou:	A formiga muito agradecida disse:
— Muito obrigado sem você eu iria me-afogar, te devo essa.	— Muito obrigado por me salvar, te devo essa.
— denada. Respondeu o passaro.	— De nada. Respondeu o pássaro.
No dia seguinte, seu amigo passaro estava na mira de um caçador e, a, formiga viu.	Na manhã seguinte o pássaro estava no seu ninho, quando um caçador apontou sua espingarda para o pássaro.
desesperada a formiga picaoou o pé do caçador e o passaro saiu voando e dissendo:	A formiga sem pensar duas vezes picaoou o pé do caçador, dando oportunidade para seu amigo fugir.
— Muito o brigado, formiga.	

Houve também a preocupação em modificar o final dado na primeira versão, retirando o parágrafo em que o pássaro agradecia pela ajuda da formiga, sem prejuízo de sentido. Entendemos que a releitura do seu texto possibilitou ao aluno refletir sobre a necessidade de apresentar informações que facilitassem a

compreensão do leitor, apesar de não terem sido feitas algumas correções ortográficas.

A primeira versão do texto feita pela aluna 2C não apresentou paragrafação, apesar de haver, na narrativa, a sequência correta dos fatos apresentados na figura. Após a leitura do roteiro e releitura do texto, a aluna identificou a ausência da paragrafação, de pontuação, a repetição das palavras e a ausência da descrição do cenário.

ALUNA 2 C	
ESCRITA	REESCRITA
Um belo dia avia uma formiga bebendo água até que escorregou e disse: — socoro socoro me ajudem: E veio um passaro , que falou: — Espere vou pegar um barbante depois de alguns minutos o passaro voltou trazendo um barbante e tirou a formiga do rio, e a formiga disse: — Sé um dia você precisar eu ti ajudo. Depois de 2 dias o passaro tranquilo na arvore, apareceu um casador que tentou matar o passaro mas a formiga, foi lá e picou o pé do casador eo passaro saiu voando de pois da quele dia os dois foram melhores, amigos e um ajuda o outro.	O pássaro e a formiga Um bélo dia avia uma formiga bebendo água. Até que escorregou e disse: -- Socoro socoro me ajudem: e veio um pássaro que viu pois estava na árvore observando e falou: — Espere vou pegar um barbante Depois de alguns minutos o pássaro voltou trazendo um pedaso de barbante e tirou a formiga do rio a formiga disse: — Se um dia você precisar eu ti ajudo. Depois de 2 dias o pássaro cemtado tranquilo na árvore e apareceu um casador que tentou matar o passaro mas a formiga, mas a formiga foi lá e picou o pé do casador e ele saiu voando. Depois daquele dia os dois foram melhores amigos e um ajuda o outro.

A aluna identificou poucos erros ortográficos, concentrando sua atenção em organizar o discurso de maneira mais clara na segunda versão do texto, pois

percebeu a necessidade de dividir o texto em parágrafos, apesar de demonstrar dificuldade em organizar os diálogos corretamente.

Reconheceu que não evitou a repetição das palavras, mas não conseguiu modificá-las na segunda versão, demonstrando a falta de habilidade em substituí-las por sinônimos; entretanto, as palavras sublinhadas no texto foram substituídas.

A aluna 2D apresentou a primeira versão do texto com repetição de palavras, o que tornou a leitura difícil, além de apresentar vários erros ortográficos. Reconheceu que esses aspectos deveriam ser revisados, sublinhando-os na primeira versão do texto e corrigindo-os na segunda.

Apesar de não identificar a maior parte dos erros ortográficos, fez as correções que propôs e incluiu novos elementos que deveriam ser modificados na reescrita.

ALUNA 2 D
ESCRITA A formiguinha A formiguinha estava indo beber água e <u>ela</u> cegou lá e quando vou beber ela caiu no rio e se avogou. E derepente apareceu um passrinho que vio a formiguinha se avogando. E o <u>passarinho</u> foi pegar uma corda para <u>ajudar</u> a formiguinha. E <u>ajudou</u> a formiguinha a sair do rio. A formiguinha foi pedir o brigada para o passarinho. E o <u>passarinho</u> não voi nada dona formiguinha. E no outro dia a formiguinha estava andando e vio o passarinho antando numa arfore e tinha um casador que estava tentando matar-lo o passarinho e a formiguinha a visou o passarinho que tinha um casador para do passarinho. E <u>cando</u> o <u>casador</u> dentou matar o passarinho a formiguinha <u>picou</u> o <u>pé</u> do casado rio casados caio no <u>chan</u> o passarinho saio voindo.

Na reescrita, a aluna percebeu que é possível voltar ao texto reordenando o que for necessário. Assim procedeu em algumas indicações e, em outras, deixou escapar.

REESCRITA

A formiguinha

A formiguinha estava indo beber água e quando cegou lá ela escorregou e caiu no rio e se avogou.

E de repente apareceu um passarinho que viu a formiguinha-se avogando.

O passarinho foi pegar uma corda para ajudar a formiguinha. E ajudou ela a sair do rio.

A formiguinha foi falar muito o brigada para o passarinho.

O passarinho falou não vai nada mais quanto eu estiver eu estiver algum problema você me ajuda.

No outro dia a formiguinha estava andando e viu o passarinho cantando numa arvore e tinha um caçador.

que estava tentando matar-lo o passarinho e a formiguinha a visou o passarinho que tinha um caçador apras do passarinho.

E quando o caçador dentou matar o passarinho a formiguinha picou o pé do caçador. io caçador caio no chão o passarinho saio vondo.

Textos produzidos pelos alunos da professora P3

A principal mudança feita pelo aluno 3A foi adicionar um título à segunda versão de seu texto. No roteiro de reescrita, reconheceu que não utilizou o dicionário, tampouco evitou a repetição de palavras.

O aluno fez correções ortográficas e para evitar a repetição da palavra pássaro, optou por substituí-la por “amigo” e “ele”.

ALUNO 3 A	
ESCRITA	REESCRITA
Era uma vez uma formiguinha chamada Cesar. Cesar era muito brincalhão e muito esportivo. Um dia Cesar quis ir até a beira do lago para apreciar a paisagem, sem querer o passarinho Kiko vinha com muita velocidade até o mesmo lugar, ele se descontrolou e inpurrou a formiga no rio, pedindo desculpas o passarinho tirou ele de lá. Mais tarde eles se encontraram e viraram amigos de verdade. Os dias se passaram e a formiga pensando como retribuir essa ajuda do passarinho. No mesmo dia o passarinho estava tranquilo cantando em um galho, um caçador estava caçando e achou aquele passarinho muito bonito, tentou caçá-lo mas para retribuir a ajuda a formiga picou-o e livrou o seu amigo. O passarinho agradeceu muito e eles viveram felizes para sempre.	A formiga e o passarinho Era uma vez uma formiguinha chamada Cesar. Ele era muito brincalhão e muito esportivo. Um dia Cesar quis ir até a beira do lago para apreciar a paisagem, sem querer o passarinho Kiko vinha com muita velocidade até se desequilibrar e inpurrou a formiga no lago, pedindo desculpas o passarinho tirou ele de lá. Mais tarde eles se encontraram de novo e viraram grandes amigos. Os dias se passaram e a formiga pensando como retribuir essa ajuda do passarinho. Poucas horas se passaram e a formiguinha foi visitar seu amigo, ele estava tranquilo cantando em um tronco de árvore, de repente apareceu um caçador e achou aquele pássaro muito bonito, tentou caçá-lo mas para retribuir a ajuda a formiga picou o caçador e livrou o seu amigo. Ele agradeceu muito a formiga e nunca mais viram um caçador por ali.

O aluno 3B identificou a ausência do título e a repetição de palavras (para os personagens). Na reescrita do texto fez as substituições propostas, chamando-nos a atenção especialmente para a adequação que fez no final do texto. Substituiu a última frase do último parágrafo na tentativa de adequar a narrativa ao gênero proposto, ou seja, suprimiu a frase “(...) e viveram felizes para sempre”, típico de conto de fadas, e adicionou “nunca mais viram um caçador por ali”, apresentando um desfecho pertinente ao seu texto.

ALUNO 3 B	
ESCRITA	REESCRITA
Era uma vez uma formiga ela estava olhando o rio, quando a formiga escorregou Um passarinho que estava, voando viu o formiga no rio então resolveu ajudar a <u>formiga</u>. O pássaro pegou um pedaço de corda lançou para a formiga, então a formiga pegou a corda e o passaro puxou. Quando saiu da água a formiga disse: — Muito obrigado! Se não fosse você eu estava morto agora, o passaro dis: — não foi de nada Um dia o passaro estava cantando quando apareceu um caçador querendo pegar o passaro quando a forfiga enpediu Dando uma picada no pé do caçador.	A formiga e o pássaro Era uma vez uma formiga ela estava olhando o lago, quando a formiga desequilibrou e caiu no lago Um passarinho que estava, voando viu a no rio então resolveu ajudar a formiga. O pássaro pegou um pedaço de corda lançou para a formiga, então ela pegou a corda e o pássaro puxou. Quando saiu da água a formiga disse: — Muito obrigado! Se não fosse você eu estava morto agora, o passaro dis: — não foi de nada Um dia o pássaro estava cantando de repente apareceu um caçador querendo caçar o pássaro quando a formiga impediu. E deu uma picada no pé do caçador.

O aluno corrigiu a ortografia das palavras que ele próprio sublinhou na primeira versão e reorganizou o último parágrafo que, na primeira versão, apresentava-se único.

A aluna 3C fez alterações na reescrita. Apesar de ter reconhecido, no preenchimento do roteiro, a falta de atenção ao título, paragrafação, à limpeza ortográfica e à correspondência com o tema proposto, adicionou o título e reorganizou um dos parágrafos. A principal alteração foi a troca da palavra “mar” pela palavra “lago”.

ALUNA 3 C	
ESCRITA	REESCRITA
Era um dia de sol a formiga, estava passeando pela floresta. Quando caiu sobre o mar e apareceu o pássaro e a formiga disse: — Me ajuda por favor. E o passarinho foi buscar uma corda e tirou a formiga do mar, e eles ficaram amigos e o passaro disse: — Vamos cantar na árvore? A formiga disse: — Vamos. E o passaro começou a cantar e o caçador ouviu o canto do pássaro e foi lá ver e disse o caçador — Desse daí e fica quieto. E o pássaro viu que o caçador olhou para o lado aí o pássaro saiu de cima da árvore e ela. A formiga picou o caçador.	O caçador caçando Era um dia de sol a formiga, estava passeando pela floresta, quando a formiga se desequilibrou e caiu no lago e o passaro ouviu os gritos da formiga. A formiga exclamou: — Pega a corda dali perto de você. E o pássaro foi buscar a corda e tirou a pobre formiga, e tirou a formiga de lá do lago, eles ficaram amigos para todo o sempre. O pássaro começou a piar, e o caçador estava caçando pássaros, e viu o pássaro e a formiga viu que o caçador tava pegando o seu amigo e proveitou para picar o pé do caçador.

A troca desse elemento na narrativa foi motivada por uma discussão entre os alunos sobre o termo que melhor se ajustava ao cenário. Houve consenso em usar lago ou rio, pois naquela floresta, que parecia pequena, não poderia haver “mar”.

Textos produzidos pelos alunos da professora P4

Os quatro textos analisados de sua turma mostraram poucas alterações entre a primeira e a segunda versão.

ALUNA 4 A	
ESCRITA	REESCRITA
A formiguinha Tatá e o pássaro Bidu Um dia, estava ensolarado, a formiguinha Tatá, foi até o lago para beber água. Daí, o pássarinho Bidu foi pegar um peixe para se alimentar e <u>cen</u>querer, durubou a formiguinha Tatá. Depois o pássarinho Bidu foi pegar um pedaço de corda arreventada da floresta! A formiga ficou bem agradecida com a ajuda do pássarinho Bidu. Depois apareceu o caçador que o inimigo dos animais, atirou na asa do pássarinho Bidu, mas a bala passou de raspão então o pássarinho acorreu, tudo bem. Já que o pássarinho Bidu salvou a formiguinha, a formiguinha ajudou o seu amigo mordendo o dedo do caçador, o caçador saiu correndo. E os dois amigos viveram felizes para sempre.	A formiguinha Tatá e o pássaro Bidu Um dia, na floresta, estava ensolarado, a formiguinha Tatá, foi até o lago para beber água. Daí, o pássarinho Bidu foi pegar um peixe para se alimentar e de sem querer, derubou a formiguinha Tatá no rio. Depois o pássarinho Bidu foi pegar um pedaço de corda arreventada da floresta. A formiga, ficou bem agradecida com a ajuda do pássarinho Bidu. Depois apareceu o caçador que o inimigo dos animais, atirou na asa do pássarinho Bidu, mas a bala passou de raspão então o pássarinho acorreu, tudo bem. Já que o pássarinho Bidu salvou a formiguinha, a formiguinha ajudou o seu amigo mordendo o dedo do caçador e o caçador saiu correndo. E os dois amigos viveram felizes para sempre.

A aluna 4A fez duas alterações: uma, na ortografia da palavra que sublinhou na primeira versão do texto, e a segunda, na troca de letras em uma palavra que foi facilmente percebida após a sua releitura.

Neste texto é interessante ressaltar um fato bastante recorrente nas escritas infantis: a colocação do referente substantivado e, logo a seguir, um apostro (o passarinho Bidu, a formiguinha Tatá), que, nesse caso, não era necessário.

A aluna 4B apontou no roteiro de autoavaliação a necessidade de atenção quanto a pontuação, repetição de palavras e uso do dicionário para limpeza ortográfica, este último, também foi assinalado pelos alunos 4C e 4D.

ALUNA 4 B	
ESCRITA	REESCRITA
A amizade Era um belo dia no campo a Formiga gostava de ir na pera do rio de repente ele <u>gaiu</u> no riu. Então um passarinho que gostava de ajudar as pessoas. Ele pegol um pedasso de corda e ajudol Como a formiga disse: — Obrigado como que é o seu nome responde o pásarinho : — é Fernando e o seu. — é gabriell Outro dia o caçador queria matar o passarinho e a Formiga pengou: — Defo ajuda ele ajudol quando eu cai no lago Emtão com seu feroada de dor deu no caçador uma bela feroada e liberto<u>u</u> o passarinho. E o caçador quitava como uma mulher. Emtão os dois foram amigos para sempre.	A amizade Era um belo dia no campo. A Formiga gostava de ir na pera do rio de repente ele <u>gaiu</u> no riu. Então um passarinho <u>que</u> gostava de ajudar as pessoas. Ele pegou um pedasso de corda e ajudou. Como a formiga disse: — Obrigado como <u>que</u> é o seu nome responde o passarinho : — é Fernando e o seu. — é gabriel Outro dia o caçador queria matar o passarinho e a Formiga pengou: — Defo ajudar ele ajudou quando eu caiu no lago Emtao com seu feroada de dor deu no caçador uma bela feroada e libertou o passarinho. E o caçador quitava como uma mulher. Emtao os dois foram amigos para sempre.

Antes de buscar compreender as mudanças ocorridas entre a primeira e a segunda versão do texto produzido pela aluna 4B, gostaríamos de destacar que a mesma situação de escrita pode produzir diferentes efeitos em diferentes sujeitos.

A proposta da pesquisadora era a de produzirem uma narrativa. Conforme percebemos, a aluna obedeceu à sequência de figuras apresentada, no entanto apresentou o diálogo em forma de história em quadrinho.

Percebe-se a confusão de gêneros que a aluna cometeu em seu texto, introduzindo o diálogo entre os personagens em forma de quadrinhos.

Esses três alunos concentraram suas correções nos aspectos linguísticos mostrando pouca atenção aos aspectos textuais discursivos. A repetição das palavras foi mencionada no roteiro do aluno 4B, esteve presente nos três textos e não foi corrigido em nenhum dos casos.

ALUNA 4C
ESCRITA A formiga e o pássaro Certo dia, Dona formiga saiu para achar comida. Quando estava andando, se atolou. Na água o passarinho que andava viu a formiga, se atolando emtão como uma Boa ação, ajudou a formiga a sair. Os anos se passaram e o pássaro sabia que era epoca do cacador entao com sua voz, bonita se distraiu com ela. E todos os dias ele cantava alem de se divertir mas tambem para treinar as sua voz. Um cacador que não pegava e nem tentando ele consegui a pegar um pássaro de verdade. Então respirou fundo e disse — Eu vou pegar um passáro com orgulho de si próprio foi caçar um passáro quando estava andando percorreu a floresta inteira a procura de um passáro para matar. Quando avistou um que estava cantando de olho fechado e bracos abertos entao o cacador mirou a arma no pássaro olhou bem para não errar quando foi atirar dona formiga viu que o pássaro que o cacador ia atirar é o pássaro que ajudou ela.

ALUNA 4C
REESCRITA
A formiga e o pássaro Certo dia, dona formiga saiu para achar comida. Quando estava andando, se atolou na água. que era funda O pássaro que passava viu a formiga, se atolando então como uma Boa ação, ajudou a formiga a sair. Os anos se passaram e o pássaro sabia que era época dos caçadores então com sua voz, bonita se distraiu com ela. E todos os dias ele cantava além de se divertir mas também para treinar as sua voz. Um cacador que não pegava e nem tentando ele conseguiu a pegar um pássaro de verdade. Então respirou fundo e disse — Eu vou pegar um passáro com orgulho de si próprio foi caçar um passaro quando estava andando percorreu a floresta inteira a procura de um passáro para matar. Quando avistou um que estava cantando de olhos fechados e braços abertos então o caçador mirou a arma no pássaro olhou bem para não errar quando foi atirar dona formiga viu que o pássaro que o cacador ia atirar é o pássaro que ajudou ela.

É importante notar que, nos quatro casos, observamos correções relacionadas aos aspectos ortográficos e poucas aos aspectos textuais discursivos. A atividade de reescrita esteve, principalmente, pautada pela cópia do texto produzido sem reflexão sobre o que poderia melhorar ou mudar na reescrita.

O trabalho de apropriação de habilidades que envolve a produção escrita é lento e complexo. É importante haver uma orientação sistemática e contínua e atividades que sirvam de referência sobre como agir na organização do texto, o que com certeza “precisa ser ensinado” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Textos produzidos pelos alunos da professora P5

Os textos das alunas 5A e 5B apresentaram elementos organizadores de ordem lógica (chegando lá, quando, mas, depois, novamente), o que é importante para o desenvolvimento de textos narrativos; entretanto, há informações repetidas e desnecessárias.

Após a intervenção provocada pela leitura do roteiro de autoavaliação, houve preocupação com os aspectos linguísticos, apontados na primeira versão, e pouca preocupação para os demais aspectos que mereciam atenção.

ALUNA 5A	
ESCRITA	REESCRITA
Se ajudar <u>undia</u> vamos pressisar de ajuda	Se ajudar um dia vamos precisar de ajudar!
Um dia uma formiga chamada Liame que estava se olhando no rio, da floresta, quando ela escorregou, e caiu no rio como um pássaro chamado Lucia estava passando por ali Lucia catrou um galinho e puxou a Liane de dentro do rio ai Liane falou:	Um dia uma formiga chamada Liane que estava se olhando no rio, quando ela foi beber agua e caiu no riu como um pssarinho estava por ali viu a formiga catou um graveto para puxar a Liane de dentro do riu e aline falou:
— Obrigada por misauvar! mas como é o seu nome?	— Obrigada por me salvar! Mas como é o seu nome?
E ela respondeu:	Ela respondeu:
— Meu nome é Liane!	— Meu nome é Lucia, e o seu?
E ela foram amigas!	ela respondeu:
depoi de uma semana!	— Meu nome é Line.
A Liane estava indo a casa da sua amiga Lucia. Quando ela chegou la viu um caçador que estava temtando matar a Lucia mas, a Liane vio e picou o pé do caçador e Lucia vio porque o caçador gritou bem auto ela escutou e saiu, e depois ela a Liane foi brincar com a Lucia.	E elas foram amigas!
	Depois de uma semana a Line estava indo a casa de sua amiga Lucia. Chegando la a Line viu a Lucia cantando e um caçador apontando a arma para a Lucia mas, a Line viu e picou o pé do caçador e Lucia ouviu gritou bem aulto ela saiu saiu voando, depois ela a Liane foi brincar com a Lucia.

A reescrita, no caso, pouco contribuiu para o processo de reflexão, parecendo-nos que houve a opção por um texto “grande e repetitivo” ao invés de um texto “ enxuto e claro”.

Outro aspecto que merece atenção nessa reescrita é a dúvida que a aluna estabelece quanto à segmentação das palavras; ora, usa “a Liane” subentendendo que “a” (artigo) se refere a “Liane” (nome da formiga), mas no decorrer da reescrita muda para “a line”, como se o nome do personagem fosse “Line” ou ainda “Aline”.

O aluno 5C fez adequações ao texto, substituindo palavras. Apesar de apresentar corretamente os elementos da narrativa, precisaria atenção quanto à paragrafação, o que não foi percebido pelo aluno.

ALUNO 5C	
ESCRITA	REESCRITA
O dia da caça, o dia do caçador Em um belo dia a formiguinha foi ao lago para pescar algumas larvas e outros insetos, ela se sentou e começou pescar. Então de repente sem querer um pássaro empurrou a formiga e ela caiu no lago, o pássaro disse: --- Não saia daí eu volto já! Ele pegou um pedaço de cipó e disse: --- Rápido do pegue esse cipó! Depois começaram a conversar: --- Me desculpe dona formiga não voltará a acontecer. --- Não precisa se desculpar, acidentes acontecem. Um pouco mais tarde o pássaro Xororó pousou em um galho. estava tão distraído que não viu o caçador a formiga pulou e começou a picar o caçador. O pássaro Xororó percebendo e começou a picar o caçador cendo picado conseguiu fugir. Moral da história: Uma mão lava a outra.	O dia da caça, o dia do caçador Em um belo dia a formiguinha foi ao lago para pescar algumas e outros insetos, ela se sentou e começou pescaria. Então de repente sem querer um pássaro a formiga e ela caiu no lago, o pássaro disse: --- Não saia daí eu volto já! Ele pegou um pedaço de cipó e disse: --- Rápido do pegue esse cipó! Depois começarão a conversar: --- Me desculpe dona formiga não voltará a acontecer. --- Não precisa se desculpar, acidentes acontecem. Um pouco mais tarde o pássaro Xororó pousou. Em um galho. Estava tão distraído que não viu o caçador a formiga partiu pra cima do caçador e começou a picalo. O pássaro Xororó o caçador cendo picado conseguiu fugir. Moral da história: Uma mão lava a outra.

Na reescrita desse aluno, o que nos chamou a atenção foi a omissão de palavras, prejudicando o sentido da narrativa. Percebemos que pouca atenção foi dada à atividade de reescrita, pois, no roteiro de autoavaliação, o aluno reconheceu que não esteve atento aos aspectos ortográficos, tampouco à apresentação do cenário. As intervenções realizadas no texto se limitaram aos aspectos ortográficos.

Textos produzidos pelos alunos da professora P6

Chamou-nos a atenção a reescrita do aluno 6A que, mesmo não tendo apontado na produção textual os aspectos que deveria revisar, mostrou que a reflexão provocada pelo roteiro de autoavaliação colaborou com o cuidado dado aos aspectos ortográficos periféricos, como o uso da desinência “u” para verbos no pretérito perfeito (resolvel, retribuìl).

ALUNO 6A
ESCRITA Era uma vez uma formiga que observava um lindo lago no meio da floresta. Ela chegou muito perto da água quando derrepente bateu um vento muito forte. que ela caiu na água. Ele teve muita sorte porque bem na hora apareceu um passarinho. O passarinho deve do deve então ele pensou, pensou e teve uma ide. Ele pegou um pedaço de madeira e deu para ele morder e puxou ele. Essa formiga teve muita sorte dessa vez. A formiga agradeceu de mais ela falou. — Quero te agradecer muito com a mesma coisa ele falou. — Não precisa amigos foi só uma questão de tempo. Então no dia seguinte ele estava cantava alegre mente quando surgiu um cassador do nada e apontou a arma para ele então a formiguinha falou: — Espere um pouco eu já estou indo amigo para ti salvar. Ele foi la e picou os pés do omem ele caiu no chão de dor gritando feito louco. Então a formiga retribuìl o favor para o passarinho e tudo terminaram felis par senpre.

O aluno adicionou o título a sua reescrita e fez adequações ortográficas.

REESCRITA

O passarinho companheiro

Era uma vez uma formiga que observava lindo lago no meio da floresta.

Ela chega muito perto da água quando de repente bateu um vento muito forte. que ela caiu na água.

Ele teve muita sorte porque bem na hora apareceu um passarinho.

O passarinho teve dó dele então ele pensou, pensou e teve uma ideia.

Ele pegou um pedaço de madeira e deu para ele morder e puxou ele.

Essa formiga teve muita sorte dessa vez.

A formiga agradeceu de mais ela falou.

— Não precisava foi só uma questão de tempo.

Então no dia seguinte ele estava cantando alegre mente quando surgiu um caçador do nada e apontou a arma para ele então a formiguinha falou:

— Espere um pouco eu já estou indo amigo para ti salvar.

Ele foi lá e picou os pés do homem ele caiu no chão de dor gritando feito louco.

Então a formiga retribuiu o favor para o passarinho e tudo terminaram felizes para sempre.

A apresentação da escrita e reescrita dos textos da aluna 6B chama-nos a atenção para o uso de frases longas, conectadas na maioria dos casos por “e”, demonstrando pouca variação e riqueza nos usos de conectivos e de organizadores textuais.

A aluna percebeu a falta de pontuação na produção do texto, sem, contudo, empregá-la corretamente. Foram poucas as correções feitas por essa aluna no processo de reescrever o texto.

ALUNA 6B	
ESCRITA	REESCRITA
O casador e o pássaro Era uma vez a formiga que estava olhando o rio e a formiga caiu na água e veio um passarinho e ajudou ela a sair do mar a formiga pediu o brigado para o pássaro. Um dia o pássaro estava num galho da árvore quando veio o casador para matar ele e a formiga viu e foi picar o pé dele e o casador caiu em cima do esqueite e sou tou a espingarda da mão e falou ai ai ai e a formiga começou a dar risada do casador.	O caçador e o pássaro Era uma vez a formiga que estava olhando o rio e a formiga caiu na água e viu um passarinho e ajudou ela a sair do mar a formiga pediu o brigado para o passarinho. Um dia o passarinho estava em um galho da árvore quando veio o caçador para matar ele e a formiga viu e foi picar o pé dele e o caçador caiu em cima do esqueite e sou tou a espingarda da mão e falou ai ai ai e a formiga começou a dar risada do caçador e de pois foi em bora sorrindo.

O aluno 6C fez marcações no texto indicando a necessidade de revisar. Mostrou preocupação especial quanto ao uso da letra maiúscula e para a ausência de título. Fez uso equivocado da conjunção “mas”, demonstrando pouca habilidade em reconhecer sua função, o que consideramos natural em tais casos.

Houve também a preocupação em adicionar um título a sua reescrita e em fazer as adequações ortográficas.

ALUNO 6C	
ESCRITA	REESCRITA
Num certo dia Maria estava passeando na floresta quando avistou um lago enorme, Maria estava com calor. Mas então Maria caiu no lago, e Rodney veio para ajudar Maria. Rodney pegou um graveto e tirou Maria de dentro do lago. Então Maria disse a Rodney: — Muito obrigado Rodney. Rodney agradeceu e foi para sua toca. Mais tarde quase anoitecendo, Rodney estava cantando quando apareceu um caçador que queria matar Rodney, mas então Maria apareceu e disse: — Hei, deixe meu amigo em paz. Então Maria deu uma picada no pé do caçador, e Rodney foi embora e o caçador nunca mais apareceu.	Um ajudando o outro Num certo dia Maria estava passeando na floresta quando avistou um lago enorme, Maria estava com muito calor. Mas então Maria caiu no lago, e Rodney pegou um graveto e tirou Maria de dentro do lago. Então Maria disse a Rodney: — Muito obrigado Rodney. Rodney agradeceu e foi para sua toca. Mais tarde quase anoitecendo, Rodney estava cantando quando apareceu um caçador que queria matar Rodney, mas então Maria apareceu e disse: — Hei, deixe meu amigo em paz. Então Maria deu uma picada no pé do caçador, e Rodney foi embora e o caçador nunca mais apareceu.

A reescrita do texto apresentada pela aluna 6D nos mostra seu hábito em revisar os textos. Embora tenha feito apenas algumas marcações na primeira versão fez modificações importantes na reescrita como, por exemplo, uniu o segundo e o terceiro parágrafos em um só, tornando o parágrafo mais harmônico. A aluna percebeu a falta do uso da letra maiúscula para o substantivo próprio que foi corrigido na reescrita do texto.

O que no seu texto nos chama a atenção são as frases curtas, com variação de conectores, apesar de ter repetido a palavra “então” no início da frase.

ALUNO 6C	
ESCRITA	REESCRITA
Num certo dia Maria estava passeando na floresta quando avistou um lago enorme, Maria estava com calor. Mas então Maria caiu no lago, e Rodney veio para ajudar Maria. Rodney pegou um graveto e tirou Maria de dentro do lago. Então Maria disse a Rodney: — Muito obrigado Rodney. Rodney agradeceu e foi para sua toca. mais tarde quase anoitecendo, Rodney estava cantando quando apareceu um caçador que queria matar Rodney, mas então Maria apareceu e disse: — Hei, deixe meu amigo em paz. Então <u>maria</u> deu uma picada no pé do caçador, e Rodney foi embora e o caçador nunca mais apareceu.	Um ajudando o outro Num certo dia Maria estava passeando na floresta quando avistou um lago enorme, Maria estava com muito calor. Mas então Maria caiu no lago, e Rodney pegou um graveto e tirou Maria de dentro do lago. Então Maria disse a Rodney: — Muito obrigado Rodney. Rodney agradeceu e foi para sua toca. Mais tarde quase anoitecendo, Rodney estava cantando quando apareceu um caçador que queria matar Rodney, mas então Maria apareceu e disse: — Hei, deixe meu amigo em paz. Então Maria deu uma picada no pé do caçador, e Rodney foi embora e o caçador nunca mais apareceu.

Textos produzidos pelos alunos da professora P7

A análise dos textos produzidos e das reescritas nos chamou a atenção pelas mudanças significativas dos aspectos textuais. É importante lembrar que, durante a coleta de dados, pudemos observar que a prática de reescrita realizada pela professora agregava várias estratégias: era coletiva, os alunos utilizavam o dicionário com destreza e ela conseguia a atenção de todos, o que nos faz supor que aquela não foi uma prática preparada para a observação da pesquisadora, mas, sim, porque faz parte do cotidiano, da prática de produção de textos.

A aluna 7A reorganizou o primeiro parágrafo, eliminando os traços característicos de “início de história” utilizados pelas crianças. Substituiu as palavras

de sentido redundante “caiu dentro do rio” para “caiu lá no rio”. O terceiro parágrafo também sofreu grandes mudanças, além das ortográficas, foi dividido e a voz da formiga ganhou um parágrafo especial.

Apesar de não ter evitado as repetições das palavras características da oralidade (então, quando) teve sucesso ao evitar a repetição do personagem ora usando “formiguinha”, ora usando “Lili”.

ALUNA 7A	
ESCRITA	REESCRITA
O pássaro e a formiga	O pássaro e a formiga
Em uma tarde ensolarada, a formiguinha Lili estava na beira do rio.	Em uma tarde ensolarada, a formiguinha Lili estava na beira do rio.
Quando derepente ela caio dentro do rio e o pássaro que estava passando por ali viu a formiguinha se afogando.	De repente ela caiu dentro do rio e o pássaro que estava passando por ali viu a formiguinha se afogando.
Então <u>ressolveu</u> ir ajudala pegando um pedaço de pal então a formiguinha agarrou no pal e o pássaro puxou ela para cima. E a formiguinha agradeceu para o pássaro por ter sauvado ela.	Então ele resolveu ir ajudala pegando um pedaço de pau, então a formiguinha agarrou e o pássaro puxou ela para cima.
No outro dia a formiguinha estava ouvindo o passaro cantar quando apareceu o caçador ia atirar no pássaro a formiguinha mordeu o pé do caçador e o pássaro voo.	Ela agradeceu o pássaro por ter salvado ela.
	Outro dia a formiguinha estava ouvindo o canto do pássaro quando apareceu o caçador. Quando o caçador ia atirar no pássaro Lili mordeu o pé do caçador e o passáro conseguiu fugir.

A aluna 7B omitiu palavras na tentativa de corrigir a troca de letras em “num pelo dia” sic (belo) por “num dia”. Outra modificação importante na reescrita foi dar nome ao segundo personagem para evitar a repetição de “pássaro”, entretanto não evitou as repetições (foi passear no riacho e caiu nesse riacho). Por descuido ou desatenção o último parágrafo ficou ambíguo (e o caçador e o Beto saio voando), os

dois voaram? Apesar de a aluna ter deixado de revisar alguns aspectos, em outros a reescrita foi satisfatória.

ALUNA 7B	
ESCRITA	REESCRITA
A fomiga e o pássaro Num pelo dia a fomiga Luana resouveu pasear pelo riacho a fomiga Luana caio nesse riacho e um pássaro que estava passeando cando vio a Luana. Foi ve achudala o pássaro pegou um pedaço de madeira para a fomiga saisse do riacho. A formiga Luana agradeseu o pássaro num pelo dia o pássaro estava gantando e um caçador queria pegar o pássaro e a fomiga vio. A fomiga Luana mordeu o caçador e o pássaro saio vuando e a isaegada gaio no chão.	A fomiga e o pássaro Num dia a fomiga Luana foi passear pelo riacho e caio nesse riacho. Um pássaro que estava passeando e viu a Luana lá. Foi ajudala e o pássaro pegou um pedaço de madeira para a fomiga sair do riacho. A Luana agradeseu ao pássaro que se chamava Beto. Num belo dia o Beto estava gantando e um caçador queria pegar o pássaro e a fomiga vio. Luana mordeu o caçador e o casador e o Beto saio vuando e a ispegarda gaio no chão.

O aluno 7C fez poucas alterações na sua reescrita, substituiu palavras, na tentativa de corrigir aspectos linguísticos (te pegar para pegalo - *sic*).

Na reescrita do texto, o aluno apresentou os diálogos sem os marcadores próprios do discurso direto, não assegurando a compreensão do leitor.

ALUNO 7C	
ESCRITA	REESCRITA
O caçador de bichos Em um dia esolado, uma formiga estavá na beira de um riacho, quando perseleu que se escoregou ela, formiga, gritou socorro! Depois de cair no rio, veio um pássaro para te ajudar. O pássaro pegou uma corda e puchou a formiga, depois de te pucado a formiga agaradeseu o pássaro. Quando o pássaro etavá camtando distraida, logo veio um caçador que queria matar o pássaro a formiga cuidado, a formiga picou o caçador e o passara saio voando.	O caçador e os bichos Em um dia esolado, uma formiga estava na beira de um riacho, e se escorregou. A formiga, gritou socorro! Depois de cair no rio veio um pássaro para ajudalo. O pássaro pegou uma corda e puchou a formiga, depois de te puchado a formiga agradeceu o pássaro. Quando o pássaro etava cantando distraído, logo veio um cassador que queria matar o pássaro. A formiga gritou cuidado, a formiga picou o cassador e o pássaro saio vuando.

O aluno 7D fez algumas indicações de revisão no texto, sem contudo empregá-las na reescrita. Reorganizou os parágrafos, entretanto apresentou os diálogos sem os marcadores próprios do discurso direto.

Não eliminou os traços da oralidade; no entanto, notamos movimentos na tentativa de substituir expressões mesmo demonstrando pouca habilidade. Parece-nos que o repertório limitado colaborou para a falta de opções para utilizar no texto.

ALUNO 7D	
ESCRITA	REESCRITA
O caçador Numa linda manha uma formiga estava paceando pela margem de um riacho estava felis alegre e cantando. Quando derepente ela se sistraio e cail no riacho e rapidamente comesol a gritar socoro, socoro, socoro, au gem me ajude porfavor falol a caca diss. Um passaro queestava pasando pelo riu viu ele caindo e pegou uma corda e <u>se</u> gurou no seu bico a formiga pegou acorda e falou: — Brigado messmo dona pepe de voce ter me ajudado, Na manha <u>se</u>quinte tubaram tentol pegou pegou a espingarda mirou no pássaro para atirear aformiga muito isperta picou o pé do tubaram e ele caiu isso fes com que a espingarda cáise e pesparase e o pasaro virou e os dois e os dois viveram felis para sempre.	O caçador Numa linda manha uma formiga estava passeando pela margem de um riacho estava feliz alegre e cantando. Quando derepente ela se destraiu e caiu no riacho e rapidamente comesol a gritar: socoro, socoro, me ajudem. Um passáro que estava pasando viu ele caindo e pegou uma corda e se segurou no seu bico a formiga pegou acorda e falou: — Brigada mesmo dona pepe de voce ter me ajudado, Na manhã sequinte tubaram temtol pegou a espingarda mirou no passáro para atirar a formiga muito esperta picou o pé do tubaram e ele caiu. Isso fez com que a espingarda cáisse e pesparase e o passaro virou e os dois e os dois viveram felizes para sempre.

Textos produzidos pelos alunos da professora P8

O texto produzido pela aluna 8A traz problemas na segmentação de palavras graças às marcas da oralidade (miajuda, porfavor), além da ausência de título e paragrafação. Nota-se a falta de habilidade no uso das conjunções, especialmente “e”. Entretanto, a reescrita apresentada, após a reflexão provocada pelo roteiro de autoavaliação, nos mostra que a aluna adicionou elementos à narrativa, agregando novas informações, tornando o texto mais completo.

ALUNA 8A	
ESCRITA	REESCRITA
certo dia a formiga estava indo para beber água e caiu e o pássaro foi ajudar a formiga e ele disse miajuda por favor e ele saiu correndo e pegou um galio e ele goci e ai ele e ela conseguiu e ela agradeceu e ele tambem e ai o cassador a chau o pasaro e queria matar e a formiga dice não mata ele ela foi e picou o pé deli e ele soutou.	A formiga e o passaro Certo dia a formiga estava indo para beber água e caiu no rio. O passaro foi ajudar a formiga. Ela disse: — Me ajuda por favor. Ele saiu correndo e pegou um galio e ele goci e conseguiu salvar a formiga. A formiga agradeceu o passarinho. O caçador achou o passarinho e queria matar e a formiga disse: — Não mata ele. Ela foi e picou o pé dele e ele conseguiu fugir.

A aluna fez a divisão em parágrafos, separando os diálogos corretamente, utilizando os marcadores próprios do discurso direto.

Outra observação feita e que é importante que seja esclarecida foi a substituição de palavras no final da reescrita. Após a releitura a aluna notou a ambiguidade do parágrafo: (...) *ela foi e picou o pé dele e ele soutou*”(sic). Questionamos, soltou o quê?. A solução apresentada pela aluna foi substituir a palavra soutou (sic) por fugir.

O processo de reescrita contribuiu para uma melhor constituição dos sentidos do texto e é uma forma de a criança aprender a expressar-se, a posicionar-se por meio da escrita.

A intervenção mais relevante realizada pelo aluno 8B foi a divisão do texto em parágrafos, apresentando os diálogos com as marcações próprios do discurso

direto. Reconheceu, no roteiro de autoavaliação, a necessidade de fazer a limpeza ortográfica; contudo, não a fez.

A aluna 8C apresentou a reescrita com a importante preocupação em dividir os diálogos, apresentando-os com os marcadores próprios do discurso direto, apesar de não ter feito marcas no tempo com estas indicações. Chamou-nos a atenção a eliminação dos traços da oralidade ao substituir “ne” por “em” e a revisão ortográfica, ainda que esta não estivesse prevista com marcações no texto.

ALUNA 8C	
ESCRITA	REESCRITA
A pomba e a formiga Ne um belo dia uma formiga estava tomando água em um lago, e derrepente ela escorregou e caiu. Uma formiga vendo aquela tragedia que estava acontecendo com a formiga resolveu ajuda-la. Então ela pego um galho e jogo para a formiga, mas um caçador estava passando por lá e a formiga fez coco em sua cabeça. E o caçador com raiva queria matar a pomba mas a formiga deu uma picada no pé do caçador que ele começou a gritar e largou a arma. Moral: Uma boa ação se paga com outra.	A pomba e a formiga Em um belo dia uma formiga estava tomando água no lago. Quando de repente ela escorregou e caiu dentro do lago. Uma pombinha vendo a formiga se afogar resolveu ajudar então foi correndo pegar um pedaço de galho e jogou para a formiga. E a formiga falou: --- Muito obrigada amiga. --- Dinada diz a pomba. No outro dia a pomba estava cantando a pomba, mas a formiga picou o pé dele. E ele começou a gritar. Moral: Uma boa ação se paga com outra.

A reescrita apresentada pelo aluno 8D não conseguiu evitar a repetição de palavras, tampouco revisou a ortografia. O aluno dividiu o parágrafo, organizando o discurso de maneira mais clara e sequenciada, não se limitando somente aos aspectos apontados no roteiro de autoavaliação.

ALUNO 8D	
ESCRITA	REESCRITA
A formiga e o passarinho Era uma vez uma formiga que estava indo ao rio e ela chegou muito perto e escorregou, e um passarinho que estava passando e viu a formiga pedir socorro e foi ajudar, e pegou um pedaço de galho e deu para a formiga, e a formiga pegou o pedaço de galho e se segurou, firme e a pomba, puchou e quando a formiga estava em terra firme agradeceu o passarinho. E o passarinho foi embora e quando ele subiu na árvore veio um homem e apontou uma arma para o passarinho e a formiga foi ajudar o passarinho ela picou com toda a sua força o pé dele e o passarinho foi embora.	A formiga e o passarinho Era uma vez uma formiga que estava indo ao rio e ela chegou muito perto e escorregou dentro do rio. Um passarinho que estava passando e viu a formiga pedir socorro. Ele foi ajudar a formiga, e pegou um pedaço de galho e deu para a formiga e a formiga pegou o galho e a pomba puchou o galho e quando a formiga estava em terra firme. A formiga ao agradecer e o passarinho e o passarinho foi embora e quando o passarinho estava cantando veio um caçador e apontou uma arma para o passarinho. E a formiga foi ajudar, e a formiga foi e deu uma picada no pé do caçador e o passarinho fugiu.

Apesar de o aluno ter incluído elementos ao discurso, fez poucos ajustes aos aspectos linguísticos.

As modificações realizadas pelo aluno 8E concentraram-se na divisão da narrativa em parágrafos, apresentando os diálogos com as marcas próprias do discurso direto, tornando o discurso mais claro e sequenciado. Teve atenção aos aspectos textuais como paragrafação e pontuação.

ALUNO 8E	
ESCRITA	REESCRITA
A Ponba e a formiga Num serto dia a formiga foi beber água. ela estava muito perto de cair. quando ela foi beber água ela escorregou uma ponba que passava porali viu a formiga se afongando então a ponba pegou um pedaço de pau e colocou na água para a formiga subir. A formiga falou — O brigado por me salvar: e a ponba respondeu — dinada eu que ajudei uma simples amiga aguns tenpo depois a formiga viu um caçador querendo matar a ponbinha, a formiga tinha lenbrado que a ponba tinha ajudado ela. então a formiga deu uma picada no pé do caçador que ele até gritou a ponba tinha ouvido e saiu voano.	A Ponba e a formiga Num serto dia a formiga foi beber água no rio. Ela estava muito perto de cair quando foi beber água ela escorregou e caiu no rio. Uma ponba que porali passava viu a formiga se afongando então a ponba pegou um pedaço de pau e colocou na água para a formiga subir. A formiga falou: — O brigado por me ajudar. E a ponba respondeu: — dinada eu que ajudei uma amiga Algum tenpo depois a formiga viu um caçador querendo matar a ponba. A formiga tinha lenbrado que a ponba tinha ajudado ela. Então a formiga deu uma picada no pé do caçador ele até gritou A ponba tinha ouvido e saiu voano.

Textos produzidos pelos alunos da professora P9

Com a análise da produção textual da amostra sorteada dessa turma, constatamos que os 4 alunos destacaram a falta do título na primeira versão produzida, adicionando-o à reescrita.

É interessante notar que, na aula destinada às atividades de produção textual, fazia parte dos procedimentos adotados pela professora a reprodução de um texto lido por ela e já conhecido das crianças para a posterior revisão coletiva, que se deu por meio da leitura dos textos ora produzidos. Naquela aula, o título do texto em questão foi escrito na lousa pela professora.

Atribuímos essa ausência coletiva de título à pouca importância dada pela professora para esse aspecto estrutural do texto.

A necessidade de limpeza ortográfica, após a leitura do roteiro de reescrita, também foi constatada pelos quatro alunos e igualmente realizada. É importante lembrar que, antes da reescrita proposta pela pesquisadora, foi estabelecido um diálogo a respeito das dúvidas dos alunos que, naquele momento, se concentraram nos aspectos linguísticos do texto. Uma ferramenta de consulta foi construída na lousa e os alunos puderam utilizá-la.

A produção apresentada pelo aluno 9A apresenta traços típicos da oralidade - *tava (sic)*, e *aí* - que não foram suprimidos no momento da reescrita.

ALUNA 9A	
ESCRITA	REESCRITA
Em um lago apareceu uma formiga e <u>ela ficou</u> olhando o lago ai chegou um passarinho e <u>vil a formiga no lago</u> o passarinho falou espera a e que eu vou <u>tesalvar</u> no lago. E o passarinho pegou um <u>pal</u> e deu para a formiga pegar e o passarinho conseguil puchar a formiga e a formiga agradeceu o passarinho e o <u>passarinho</u> estava cantando. E apareceu um cassador <u>quer matar</u> um passrinho e a formiga esta de olho no cassador e com a bocona aberta e foi em cima do <u>cassador</u> e mordeu o <u>pé</u> do cassador me ele soutou a arma e o passarinho correu	A formiga e o passarinho Em um lago apareceu uma formiga que ficou toda elas olhando o lago de repente a formiga tava se afogando com a cara para fora e ai um passarinho ólha a formiga e o passarinho pegou uma fita para sauvar a formiga falou. Para o passarinho muito obrigado porter me salvado de repente apareceu um caçador queria matar o passarinho e a formiga esta de olho no caçador e com a bótona E a formiga pulou em cima da bota do caçador e a formiga amarrou a bota e si o caçador escorregou e o passarinho saiu vo ando.

Outra mudança realizada foi a reestruturação do texto com a adição de um parágrafo, o que, entretanto, não proporcionou elementos para a compreensão do leitor.

O aluno 9B acrescentou informações à narrativa - deu nome aos personagens- dispondo, assim de mais opções na escrita e evitando a repetição de palavras. Entretanto, faz uso aleatório da vírgula, fazendo-nos supor a ocorrência de dificuldade para perceber a linearidade da narrativa. Faz uso de elementos anafóricos e demonstra pouca habilidade em organizar as informações.

ALUNO 9B	
ESCRITA	REESCRITA
Em um dia muito ensolarado uma formiga, <u>está</u>va à beira de um rio a formiga se descuidou-se e caiu no. Rio e um pássaro que <u>está</u>va de passagem ajudou, a formiga a iair do rio, e falou: obrigado o <u>passá</u>ro falou. Também não foi nada, o pássaro que tinha, parado em um galho de árvore e a formiga <u>estavá</u> voltando para o formigueiro. Viu um caçador apontando a arma para o pássaro a formiga saiu correndo e enfiou o ferrão no pé do caçador e o pássaro saiu voando.	A formiga e o pássaro Em um dia muito ensolarado uma formiga, que estava à beira de um rio e se descuidou-se e caiu no. Um pássaro que estava de passagem viu que ela estava se afogando e foi, salvar ela a formiga que. Quase se afogou saiu e disse muito obrigado para a formiga perguntou a ele qual era o nome. Dele, eu me chamo julio disse a formiga e a formiga falou meu nome é juliana a formiga julia. Se despediu, da juliana voltou para o formigueiro e o pássaro que foi para um galho a formiga. Viu um caçador querendo atirar na juliana antu que isso aconteceu a julia enfiou o, ferrão nele. E o pássaro que era muito esperto saiu voando.

A aluna 9C limitou-se a revisar os aspectos ortográficos por ela assinalados após a leitura do roteiro de autoavaliação, e a adicionar o título à reescrita, apesar de apresentar pouca habilidade em utilizar os conectores, pois repete “e” muitas

vezes. Mostra dúvida quanto ao uso correto da desinência do verbo, ora escrevendo “parecel” (*sic*), ora “pareceu”.

As atividades de revisão textual objetivam verificar se o autor completou as informações necessárias de acordo com a proposta de produção. Notamos que, na compreensão dessa aluna, a revisão de textos visava à limpeza ortográfica, sem quaisquer aprofundamentos quanto à estrutura da narrativa ou, a aspectos linguísticos textuais.

ALUNA 9C	
ESCRITA	REESCRITA
Era uma vez uma formiga que estava <u>paseando</u> pela mata, e <u>derepente</u> <u>escoregou</u> e caiu no rio. Um passarinho que estava passando vio ela e foi ajudar, ele pegou uma corda que estava jogada na mata, e a formiga pegou e subiu. A formiga falou obrigada e ficarão amigos e o passarinho foi embora. Um belo dia um caçador aparecel e quiria matar o passarinho, <u>derepente</u> a formiga apareceu e pensou, eu tenho que ajudar o neu amigo ele salvou a minha vida e eu vou salvar a vida dele. A formiga foi lá e picou o pé dele e disse: — fuja ou ele vai matar você, então o pássaro fugiu e a formiga também e viveram felizes para sempre.	A formiga e o passaro Era uma vez uma formiga que estava passeando pela mata, e de repente escorregou e caiu no rio. Um passarinho que estava passando vio ela e foi ajudar, ele pegou uma corda que estava jogada na mata, e a formiga pegou e subiu. A formiga falou obrigada e ficarão amigos e o passarinho foi embora. Um belo dia um caçador aparecel e quiria matar o passarinho, de repente a formiga apareceu e pensou, eu tenho que ajudar o meu amigo ele salvou a minha vida e eu vou salvar a vida dele. A formiga foi lá e picou o pé dele e disse: — fuja ou ele vai matar você, então o pássaro fugiu e a formiga também e viveram felizes para sempre.

O aluno 9D realizou quase as mesmas modificações que o aluno 9C, com exceção da supressão de sinais de pontuação, tornando a reescrita incorreta.

Incluiu um elemento no final do último parágrafo, substituindo “(...) o passarinho que logo voou” por “(...) o passarinho que logo voou para bem longe.”

Atribuímos as condutas dos alunos da professora 9 -“não leitura” ou “não alteração do texto”- à falta de interesse que manifestam para realizar a atividade proposta pela pesquisadora. Em contrapartida, podemos atentar para o fato de que a “não-alteração” de um texto pode ser devida à falta de engajamento do aluno com seu próprio texto. Nos momentos de produção textual presenciados na ocasião da coleta dos dados, (à exceção da professora P6), a atividade pedagógica esteve restrita à reprodução de um texto lido ou contado pela professora.

Acreditamos que a possibilidade de o aluno produzir em um contexto, ainda que escolar, mas que faça sentido para ele possa colaborar para uma escrita competente, mobilizando o aluno à releitura, com o propósito de apresentar um texto que será lido por alguém e que, portanto, precisa ser claro e entendido pelo seu interlocutor.

Os resultados da pesquisa realizada com professoras e alunos de quarta série do ensino fundamental, ao revelarem que os desempenhos na produção textual das crianças se relacionam com as orientações que prevalecem nos encaminhamentos didáticos observados em aulas, evidenciam o papel que o ensino exerce no aprendizado da linguagem escrita e colocam em evidência a importância do trabalho docente e da formação de professores para a formação das novas gerações. Ao mesmo tempo, esses resultados mostram que os desempenhos dos estudantes brasileiros em leitura e escrita podem melhorar com o aperfeiçoamento do ensino.

Esses resultados confirmam os resultados de outros estudos encontrados na literatura referente à produção textual. Por exemplo, em Conceição (2002.), a constatação de que equívocos na prática pedagógica de produção textual parecem agravar o problema do não- aprendizado da escrita e da consequente transferência do seu ensino para a série seguinte, de modo que o que resta à maioria dos alunos é sair da escola sem saber escrever um texto.

O estudo dos procedimentos didáticos adotados pelas professoras nas aulas destinadas à reescrita de texto revelaram outros aspectos. Viegas (2009) constatou, em pesquisa realizada com duas professoras do primeiro ano do ensino fundamental que, para elas, a reescrita era entendida “como correção e por isso as intervenções são imediatas às escritas dos alunos.” Trata-se de uma concepção tradicional de

ensino no qual “há excessiva preocupação com a aquisição do código do sistema de escrita”.

Os resultados obtidos nas oficinas provocam reflexões como, por exemplo: o estudo ortográfico para a construção de uma ferramenta de consulta no momento da reescrita constituiu-se em um importante encaminhamento metodológico favorecendo a estratégia de reflexão sobre a própria língua de uso e criando maior envolvimento das crianças que ficam atentas aos comentários que podem servir para a tarefa de revisar e reescrever seu texto.

Notamos que quando o aluno recebe orientação sobre o que deve ser feito, sobre como deve proceder ao considerar o texto pronto, os resultados são diferentes. É visível a mudança de sua postura ao reler e refletir sobre aquilo que considerava pronto. Acreditamos que se a revisão textual se integrar à atividade de produção como um todo, procedimento inerente ao outro, o aluno tornar-se-á mais hábil.

O confronto entre as atividades realizadas sob orientação da professora da turma com os realizados sob a orientação da pesquisadora revelou que, por vezes, os alunos mostravam-se confiantes ao reler seu texto; entretanto, poucos conseguiam agir sobre ele.

5-ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É difícil pôr um ponto final quando fazemos do texto a nossa voz.

O estudo do referencial teórico, a coleta e a análise dos dados provocaram inquietações ainda maiores que as anteriores.

Neste estudo perguntamo-nos sobre como as situações de escrita textual são propostas pelos professores e em quais situações o texto aparece no cotidiano escolar.

Entendemos que a reescrita é uma atividade inerente ao ato de produzir textos. Assim, desde o início da escolarização, o trabalho referente à produção textual deveria incluir essa atividade com o desenvolvimento de reflexões por parte dos estudantes sobre os textos que escrevem. No entanto, as práticas, observadas no ensino fundamental privilegiam a reescrita como “limpeza ortográfica” do texto, com ênfase em aspectos gramaticais ortográficos.

Produzir um texto implica em estabelecer relações com o conteúdo tratado, com a língua escrita e com o próprio procedimento de escrever - e de revisar. Escrevendo e reescrevendo, aprende-se sobre o processo de produção de um texto, que inclui retomadas, releituras, consultas à materiais e escolhas.

Propomos neste trabalho verificar quais estratégias utilizadas nas atividades de produção textual interferem ou colaboram para a apropriação da escrita do texto. As observações que integram essa pesquisa revelam que, no trabalho com produção textual, a ênfase é atribuída à ortografia, apesar de não podermos afirmar que houve a preocupação das professoras participantes desta pesquisa em proporcionar aos alunos atividades significativas de produção textual.

Gostaríamos de ressaltar que a estratégia de reescrita utilizada nessa pesquisa na Oficina de produção textual norteou o trabalho dos alunos e colaborou para que fossem feitas correções no texto. Da mesma maneira, a releitura, tendo o próprio texto como objeto de análise permitiu aos alunos a dimensão reflexiva da escrita, entretanto não evitou a “higienização” do texto. Sabe-se que esse parece de extrema relevância, mas é preciso não perder de vista que não é o único aspecto a ser considerado.

Verificamos que o conhecimento dos critérios de avaliação da escrita apresentados aos alunos em forma de roteiro de autoavaliação contribuiu para que efetuassem correções mais profundas nos seus textos.

É importante destacar aqui que considerar o texto como unidade básica do ensino de Língua Portuguesa não significa deixar de lado o estudo das palavras e até mesmo das sílabas; essas atividades integram-se ao trabalho com a produção textual - escrita e reescrita. Entendemos que a aprendizagem não se dá de maneira automática, mas é favorecida com o desenvolvimento de reflexões sobre o próprio desempenho. Por outro lado, o exercício de escrever e reescrever favorece o acesso à escrita convencional e à fluência discursiva.

Serie pertinente registrar que à medida que os alunos dominem as estratégias de textualização possam tomar a reescrita como processo integrante à escrita. A escrita e reescrita adquirem sentido se o aluno souber que o texto que está produzindo constitui um elemento de comunicação com outras pessoas ou instituições, portanto, é preciso focalizar seu trabalho considerando os possíveis leitores. A inserção da produção textual em situações reais de comunicação favorece a atribuição de sentido às atividades de escrita e de reescrita que se colocam como necessidade para que a comunicação ocorra, não apenas por exigência do professor.

O trabalho de rever e reescrever o texto contribui para uma escrita mais elaborada, pois a criança é convidada a pensar por meio das intervenções feitas no próprio texto ou ainda, pelas orientações dadas pelo professor no momento da reescrita; aliás, o processo de reescrita sempre contribuiu para uma melhor constituição dos sentidos do texto e é uma forma de a criança ir aprendendo a expressar-se, a posicionar-se através da escrita.

A revisão pode ser realizada de modo contínuo porque não é possível, em um único momento, dar conta de tantas demandas. De acordo com Brandão (2007, p.120), tornar o nosso texto objeto de reflexão e revisão permanente, pensando sobre o que foi ou está sendo escrito e encontrar meios para melhor dizer o que se quer dizer, reelaborando e reescrevendo o já escrito, faz parte do aprendizado de produzir textos.

Poderíamos considerar que um número maior de revisões talvez pudesse conduzir a um texto “mais elaborado”, “mais revisitado” e, portanto, com maior

possibilidade de ser objeto de interesse por parte do aluno que escreve em contexto escolar.

Os alunos que têm por prática de produção textual a reescrita de seus textos (seja individual ou coletiva) demonstram maior envolvimento com a proposta da pesquisadora.

Ainda que possuam pouca habilidade em expressar-se por meio da escrita, ou um repertório limitado por fatores externos à escola (nível socioeconômico, por exemplo), os alunos conseguem identificar as falhas no texto, mas não são capazes de apresentar soluções ou elaborar hipóteses para a melhoria do seu texto.

Verificamos, na ocasião da coleta dos dados, o quanto parece difícil para as professoras encaminharem propostas de reescrita/revisão de textos. Acreditamos que tal dificuldade se relaciona a práticas escolares cristalizadas que são “passadas” de uma professora para a outra, criando a expectativa de ser a melhor (ou a única) possibilidade de trabalho.

Pensamos que isso torna o ambiente escolar um local de permanente discussão e compartilhamento de saberes sem, contudo, refletir sobre a pertinência ou eficácia dos procedimentos adotados pelos professores nas aulas destinadas a escrita.

No entender de Jolibert e colaboradores (2006, p.192), escrever não é copiar, nem produzir composições ou redações, apenas com a intenção de apresentar ao professor o que o aluno sabe e o que não sabe ou de cumprir uma tarefa meramente escolar. Diferente disso, escrever é produzir textos em função das necessidades reais de interação social.

É importante enfatizar as práticas de revisão textual como processo próprio da atividade da escrita, buscando refletir sobre a própria produção e revê-la. Sendo assim, as dificuldades encontradas pelos alunos em realizar essas atividades indicam a pouca frequência com que são realizadas.

É necessário registrar que o tema “reescrita de textos” é inesgotável diante da variedade de estratégias e procedimentos que podem ser utilizados, entretanto, é preciso que haja um ponto final, não na possibilidade de estudar o tema, mas nesta pesquisa sendo preciso concluir. E essa conclusão aparece quando, após a observação das estratégias adotadas pelas professoras, percebemos que na maioria dos casos não houve critérios definidos ou planejados para as aulas destinadas a produção textual.

Os alunos que conseguiram avançar em suas correções e, portanto, modificar suas produções escritas são justamente àqueles da professora P6, que utilizou como estratégia de produção textual um roteiro semelhante ao de autoavaliação semelhante ao usado na Oficina de produção textual.

As práticas docentes observadas parecem ser indicativos de uma postura de avaliação de textos - certamente efeito do processo de formação desses professores na Universidade - na qual as ações de correção integram a atividade de produção de textos e pressupõem a participação ativa e imediata à escrita do texto.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. **O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?** In: KATO, M. A concepção de escrita pela criança. 2ed. Campinas: Pontes, 1992.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003

ARAUJO, L.C. **Reescrevendo a escrita na escola: A prática de revisão e reescrita textual mediada por pares**. Dissertação (Mestrado) , Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004 ,307 p.

ARAÚJO, L.C. **Tecendo sentidos: reescrita e produção de texto**. Revista da FAGED, no. 05, p. 107-115, 2001

BRANDÃO, ACP. **A revisão textual na sala de aula: reflexões e possibilidades de ensino** in LEAL, TF e BRANDÃO, ACP, Produção de textos na escola: reflexões e prática no ensino fundamental (orgs), Belo Horizonte: Autêntica, 2007.152p.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais : Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BECKER, F. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CONCEIÇÃO R.I.S, **O ensino de produção textual e a (re)construção da competência discursiva do aluno**, Trab. Ling. Aplic., Campinas (40): 45-61, Jul/Dez 2002(UFMS).

COSTA, M. C. F. **O papel da revisão textual em textos reescritos por Crianças**, Dissertação (mestrado) , Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010, 116 p.

D'ELIA M. E. R. **O texto do professor no texto do aluno: intenções e significados**. In: 16º. COLE, 2007 (s.n.).

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 278 p. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro).

FERREIRO, E, TEBEROSKY, A,. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. Tradução de D.M. Lichtenstein, L. Di Marco, M. Corso.

FISHER, R.A; YATES,F. **Statistical tables**. London: Oliver and Boyd, 1957.

GERALDI, J.W. (org.) **O texto em sala de aula**. 3º. Edição. São Paulo: Ática, 2002.

GERALDI, J.W. & CHIAPPINNI L. (orgs.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 5º. Ed. São Paulo: Cprtez, 2002

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins, 2003.

GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões, **A (Re) Significação Do Ensinar-E-Aprender: A Pedagogia De Projetos Em Contexto**, *In* Núcleos de Ensino: Universidade Estadual Paulista.

Disponível em:

<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/A%20resignificacao%20do%20ensinar.pdf>
– acesso em 20 Set. 2010

GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões, **A prática da avaliação e reescrita de textos**. Leitura: Teoria e prática / Associação de Leitura do Brasil. – ano 22 no. 43 set (2004) – Campinas.SP:ALB: Global Editora.

GRILLO S.V.C. **Escrever se aprende escrevendo: um estudo da interação professor/aluno na revisão de textos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas – Campinas, 1995 (s.n.)

JESUS, C.A. **Reescrita: para além da higienização**. Dissertação (mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas – Campinas, 1995, 116p.

JOLIBERT, J. **Formando crianças produtoras de texto**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____. (coord.). **Formando crianças leitoras de textos**. Trad. Walkiria M. F.Settineri e Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artmed, 1994. (b)

JOLIBERT. J; JACOB. J. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidades** - Porto Alegre: Artmed, 2006.

JOLIBERT, J.; SRÍKI, C. **Caminhos para Aprender a Ler e Escrever**. Trad. Ângela Xavier de Brito. São Paulo: Contexto, 2008

KAUFMAN, A. M. e RODRÍGUEZ, M. E. **Escola, leitura produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

KLEIMAN, A.B e MORAES, S.E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1999

KOCK, I.G.V & TRAVAGLIA L.C . **Texto e coerência**: 13º. Edição –São Paulo: Cprtez, 2011

LEITE, S. A. S. (org) **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komed, 2003.

MENEGOLO E.D.C.W. E MENEGOLO, L.W. **O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito-autor**. Ciência & Cognição, v. 04, p.73-78, 2005.

MICOTTI, M.C.O. (org.) **Alfabetização: aspectos teóricos e práticos**. Rio Claro: Instituto de Biociências, 1999.

MICOTTI M.C.O (org.) **Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos** – São Paulo: Contexto, 2009.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira et al. A democratização do acesso ao saber nas escolas públicas: a problemática da alfabetização, a formação docente e a pedagogia por projetos. In: PINHO, Sheila Zambello De et al. **Formação de educadores: dilemas contemporâneos**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Cap. 22, p. 245-254

MORAIS. **Ortografia: ensinar e aprender**.São Paulo: Ática, 2008

NÓBREGA, M.J.M **A reescrita e os caminhos da construção do sujeito**. Série Idéias, no. 28, São Paulo: FDE, 1997, p 77-108.

PINTO, José Marcelino de Rezende et al. Os prováveis efeitos dos exames padronizados e do Ideb nas políticas educacionais. In: PINHO, Sheila Zambello De et al. **Formação de educadores: dilemas contemporâneos**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Cap. 12, p. 135-144

ROCHA, G. Apropriação das habilidades textuais pela criança: fragmentos de um percurso. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

ROCHA, G. O papel da revisão na apropriação de habilidades textuais pela criança. In VAL M.G e ROCHA, G. **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito autor**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2008.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular para o ensino de língua portuguesa: ensino fundamental 5º**. Edição. São Paulo:SE/CEMP, 1997. 80p

SMOLKA, A . L. B. **A Criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. **Revista de Educação/AEC**, n.101, ano 25, p. 9-19, out./dez., 1996

SOUZA, T.B e OSÓRIO, A.M.N, A mediação pedagógica na produção de texto: um diálogo possível e necessário. *In:* 26º Reunião anual da ANPED – Poços de Caldas/SP, 2003.

VIÉGAS, L.M.D.C. **Uma possibilidade para a superação das dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita: o texto e sua reescrita.** Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campo Grande , 2007, 212p.

VITA, E.M.S. **O sujeito, o outro e suas relações com o texto na revisão de textos escolares.**Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo – São Paulo, 2006, 199p.

ZUIN, P.B & REYES C. R. **O ensino da língua materna: dialogando com Vigotysky, Bakthin e Freire.** Aparecida, SP Ideias&Letras, 2010

<http://zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm> - acesso em Setembro de 2010

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AEBLI, H. *Didática psicológica: aplicação à didática da psicologia de Jean Piaget.* Tradução João Teodoro d'Olim Marote. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

BECKER, F. A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CASARIN, K. *As diferenças entre os desempenhos escolares, a relação com os saberes e o acesso à escrita: o que dizem professores e alunos de 5ª série.* 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2008. 128p.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, B. Relação com o saber, formação do professor e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DIMENSTEIN, G. ALVES R. Fomos maus alunos. Campinas, SP: Papirus, 2003

GERALDI, J.W. Ler e escrever – uma mera experiência escolar?. Revista do SELL Simpósio de Estudos Lingüísticos e Literários - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. v. 1, no. 1, 2008. p1-12.

GUILHERME, F. R. V. de O. Alfabetização: dinâmica das práticas didáticas e as interações das crianças com a linguagem, Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro/SP : 2011, 244p.

MICOTTI, M. C. de O. O ensino e o aprendizado da escrita - novos olhares. *Educação: teoria e prática*. Revista do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação – IB, Rio Claro, SP, v.16, n.28, p 29-46, jan/jul, 2007a.

MICOTTI, M. C. de O. O trabalho do professor em Sala de Aula: ensinando a ler e escrever. *Educação: teoria e prática*. Revista do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação – IB, Rio Claro, SP, v.16, n.28, p 29-46, Jan/Jul, 2007b.

PIAGET, J.. O raciocínio na criança – 2º. Edição – Rio De janeiro: Record Cultural, 1967.

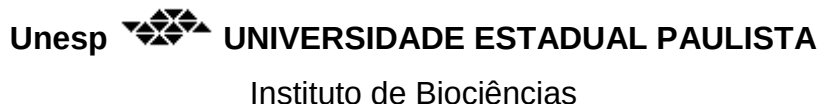
_____, A linguagem e o pensamento da criança- 6º. Edição – São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

<http://zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm> - acesso em Setembro de 2010

ANEXOS

Anexo 1- Autorização assinada pela professora



Termo de consentimento livre e esclarecido (Professores) (Conselho Nacional de saúde, Resolução 196/96).

Convidamos o(a) senhor(a) professor(a)_____ a participar de uma pesquisa que será realizada junto ao Instituto de Biociências – UNESP, campus de Rio Claro, cujos objetivos são: analisar os procedimentos utilizados pelos professores no trabalho pedagógico de produção e reescrita de textos e observar a pertinência da mediação do professor nesse processo

A participação do(a) senhor(a) na referida pesquisa consiste em concordar com a presença da pesquisadora em sua sala de aula para observações da dinâmica pedagógica e conceder uma entrevista sobre suas práticas no trabalho de produção e reescrita de textos, sendo a entrevista gravada em áudio.

Informamos que os dados coletados serão utilizados somente para fins científicos, garantindo o sigilo de sua identidade e de seu local de trabalho na divulgação dos resultados. Além disso, será garantida total liberdade e autonomia para se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização.

Informamos também que estaremos à disposição para esclarecimentos em qualquer momento da realização da pesquisa e que os procedimentos adotados neste estudo obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Como os dados serão coletados em seu local de trabalho, na escola onde o(a) senhor(a) leciona, a sua participação na pesquisa não envolve outros riscos além dos já presentes nesse ambiente. Esclarecemos ainda que, durante a coleta de dados, serão cuidadosamente evitados pela pesquisadora os riscos de qualquer desconforto.

Obtidas as informações sobre a pesquisa e sobre os responsáveis, o(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a assinar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado em duas vias, sendo que uma delas ficará em seu poder e a outra em poder da pesquisadora.

Dados de identificação do(a) professor(a):

Nome: _____

Documento de Identidade: _____ Sexo: () feminino () masculino

Endereço: _____ Telefone para contato: _____

Dados sobre a pesquisa científica:

Título: “A produção e a reescrita de textos: o trabalho docente e discente com o quarto ano do ensino fundamental”.

Pesquisador Responsável: Cristiane Ferreira Auriemo

Cargo/função: Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP

Dados para Contato: Rua 20, 2158 - Jardim São Paulo- Rio Claro/SP- CEP: 13.503-005

Telefone: (19) 3597-7377 / 8151-9480 E-mail: cauriemo@yahoo.com.br**Orientadora:** Prof^a. Dra. Maria Cecília de Oliveira Micotti

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP

Endereço: Avenida 24A, 1515 – Bela Vista – Rio Claro/SP – CEP: 13.506-900

Dados para Contato: Telefone: (19) 3526-4267 / (19) 3526-4245/ E-mail: mcom@rc.unesp.br

_____, ____ de _____ de 20____.

OrientadoraProf^a Dr^a Maria Cecília de Oliveira Micotti_____
Pesquisadora responsável

Cristiane Ferreira Auriemo

Professor(a) do Ensino Fundamental

Anexo 2- Autorização assinada pelo responsável pelo menor.

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Biociências

Autorização pais ou responsável.

Convidamos o(a) senhor(a) _____ responsável pelo(a) menor _____ a participar de uma pesquisa, que será realizada junto ao Instituto de Biociências – UNESP, campus de Rio Claro, cujos objetivos são: analisar os procedimentos utilizados pelos professores no trabalho pedagógico de produção e reescrita de textos e observar a pertinência da mediação do professor nesse processo.

A participação do(a) menor na referida pesquisa consiste em integrar uma Oficina de produção e reescrita de textos realizada em sala de aula.

Informamos que os dados coletados serão utilizados somente para fins científicos, garantindo o sigilo da identidade do menor na divulgação dos resultados. Além disso, será garantida total liberdade e autonomia para sua recusa a participar ou a retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização.

Informamos também que estaremos à disposição para esclarecimentos em qualquer momento da realização da pesquisa e que os procedimentos adotados neste estudo obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Como os dados serão coletados na escola onde o(a) seu(sua) filho(a) estuda, sua participação na pesquisa não envolve outros riscos além dos já presentes nesse ambiente. Esclarecemos ainda que, durante a coleta de dados, serão cuidadosamente evitados pela pesquisadora os riscos de qualquer desconforto.

Obtidas as informações sobre a pesquisa e sobre os responsáveis, o(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a assinar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado em duas vias, sendo que uma delas ficará em seu poder e a outra em poder da pesquisadora.

Dados de identificação do(a) responsável pelo aluno(a):

Nome _____

Documento de Identidade: _____ Sexo: () feminino () masculino

Endereço: _____ Telefone para contato: _____

Dados sobre a pesquisa científica:

Título: “A produção e a reescrita de textos: o trabalho docente e discente com o quarto ano do ensino fundamental”.

Pesquisador Responsável: Cristiane Ferreira Auriemo

Cargo/função: Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP

Dados para Contato: Rua 20, 2158 - Jardim São Paulo- Rio Claro/SP- CEP: 13.503-005

Telefone: (19) 3597-7377 / 8151-9480 E-mail: cauriemo@yahoo.com.br

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Cecília de Oliveira Micotti

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP

Endereço: Avenida 24A, 1515 – Bela Vista – Rio Claro/SP – CEP: 13.506-900

Dados para Contato: Telefone: (19) 3526-4267 / (19) 3526-4245/ E-mail: mcom@rc.unesp.br

_____, ____ de _____ de 20____.

Orientadora

Dr^a Maria Cecília de Oliveira Micotti

Pesquisadora responsável Prof^a

Cristiane Ferreira Auriemo

Pai ou responsável legal pelo menor

Anexo 3- Autorização assinada pelo aluno

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Biociências

Autorização do aluno

Eu, _____ concordo em participar da Oficina de Escrita e reescrita de textos que será realizada junto ao Instituto de Biociências – UNESP, campus de Rio Claro.

Dados de identificação do(a) aluno(a):

Nome: _____

Documento de Identificação escolar: _____ Sexo: () feminino () masculino

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Dados sobre a pesquisa científica:

Título: “A produção e a reescrita de textos: o trabalho docente e discente com o quarto ano do ensino fundamental”.

Pesquisador Responsável: Cristiane Ferreira Auriemo

Cargo/função: Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP

Dados para Contato: Rua 20, 2158 - Jardim São Paulo- Rio Claro/SP- CEP:13.503-005

Telefone: (19) 3597-7377 / 8151-9480 E-mail: cauriemo@yahoo.com.br

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Cecília de Oliveira Micotti

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP

Endereço: Avenida 24A, 1515 – Bela Vista – Rio Claro/SP – CEP: 13.506-900

Dados para Contato: Telefone: (19) 3526-4267 / (19) 3526-4245/ E-mail: mcom@rc.unesp.br

_____, ____ de _____ de 20____.

Orientadora

Dr^a Maria Cecília de Oliveira Micotti

Pesquisadora responsável Prof^a

Cristiane Ferreira Auriemo

Aluno (a)

Anexo 4 – Relato das observações

ESCOLA 1

PERÍODO: manhã

ALUNOS REGULARES: 27

1º observação:

A professora fez, oralmente, o roteiro das atividades que seriam realizadas pela turma naquele dia. Os alunos estavam organizados em duplas de meninos e meninas. No fundo da classe havia um mural com um cartaz cujo título é “Banco de palavras”, no entanto, não havia palavras escritas.

Na lousa a professora escreveu a data e explicou que faria a leitura de um texto. Para isso distribuiu para cada aluno uma cópia xerocopiada do texto, cujo título é: “A história que você vai ler agora conta sobre a luta de desejos de Posêidon, o deus dos mares, e Atena, a deusa da sabedoria”. Quem vencerá? Quem vai ler o maravilhoso texto a seguir? (Heloísa Pietro, Divinas aventuras: história da Mitologia Grega. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997. P.31-33.)

A professora iniciou a leitura com boa entonação e logo conquistou a atenção dos alunos. Havia muitos nomes diferentes, que não fazem parte do cotidiano das crianças e elas começaram a interromper a leitura perguntando sobre aqueles nomes. A professora explicou que, primeiro fariam a leitura do texto e que, depois, conversariam sobre ele, sobre aqueles nomes.

Todos os alunos permaneceram em silêncio. Ao final da leitura eles pediram para que ela lesse novamente. A professora respondeu que, antes de lerem novamente poderiam conversar, tirar suas dúvidas sobre aqueles nomes sobre os quais tinham perguntado no início da leitura. Os alunos demonstravam dificuldades em fazer inferências sobre informações do texto. A professora perguntava para os alunos quem era, então, o Poseidon. Uma aluna respondeu que estava escrito logo na sequência da frase: “era o rei dos mares”. A professora parabenizou a aluna e disse que deviam prestar atenção na leitura, pois as informações estavam todas ali no texto.

Várias outras questões foram colocadas pelos alunos e, sem dar tempo para que pudessem responder, a professora disse: “Atena é a deusa da sabedoria, olhe, está escrito aqui”, e apontou para o parágrafo correspondente à informação.

Depois da conversa sobre o texto, a professora o leu novamente. Os alunos continuaram interessados pela leitura. Ao final, pediu para que pintassem o desenho do texto.

Essa atividade se estendeu por cerca de uma hora.

2º Observação: PRODUÇÃO DO TEXTO

A professora iniciou a aula obedecendo à mesma rotina do primeiro dia de observação: fez, oralmente, o roteiro das atividades que seriam realizadas pela turma naquele dia. Os alunos estavam organizados em duplas de meninos e meninas.

A professora explicou que, inicialmente, ela contaria uma história que leu em um livro do Monteiro Lobato, chamado “Histórias da tia Nastácia”. Explicou que, naquele dia, não leria a história, mas sim contaria e que, quando contamos uma história sempre modificamos alguma coisa e é essa a “graça” de contar, pois como diz o ditado: “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

A história se chama “A tartaruga dançante”. Os alunos gostaram do título, deram risadas, interagiram, e a professora perguntou se eles conheciam uma tartaruga que dançava. Eles foram unânimes em dizer que não conheciam e riram.

A professora continuou: “essa é uma história sobre esperteza, que tem bichos e crianças”. Perguntou se eles queriam ouvir a história e, em coro, responderam positivamente.

A professora contou a história de maneira empolgada, alterando e modificando a voz conforme apareciam os personagens. As crianças gostaram e, pela primeira vez, a turma ficou no mais absoluto silêncio.

Ao terminar a história, a professora perguntou quem gostara e as crianças respondem positivamente, pedindo a ela para contar novamente.

A professora respondeu que contar de novo perde a graça, pois já conheciam a história, então propôs que juntos a relembrassem.

Um aluno afirmou que aquele texto era uma fábula. A professora disse que não era uma fábula e explicou a diferença: *“fábula é aquela história que tem animais que falam como os humanos, como na fábula da “Cigarra e da formiga” e no, final das fábulas, sempre há um ensinamento; nessa história não tem isso, além de ter crianças como personagens. Então esse é um conto de esperteza!”*

As crianças já haviam acenado que tinham entendido a diferença entre as fábulas e os contos de esperteza, mas a professora continuou a explicação trazendo outros exemplos de fábulas que já haviam lido em outras ocasiões: *“Lembram-se da fábula dos “Dois cachorros”, um vivia preso e tinha comida à vontade e o outro vivia solto, mas tinha que conseguir a própria comida? Essa é uma fábula porque ensina que temos que ter liber...”*, e as crianças completam a palavra *“dade”*.

Em seguida a professora propôs que a história fosse recontada pelos alunos, no entanto, apenas seis alunos participaram; alguns permaneceram atentos, mas os outros brincavam com o material, com a roupa... alguns estavam dispersos. Os que se mantinham quietos não interagiam com os demais colegas.

Ao final do reconto, a professora perguntou se todos tinham entendido o texto, se entenderam essa estrutura de texto e completou: *“Esses fatos são essenciais e não podem faltar na história!”*.

A professora propôs a “montagem de estratégias para a escrita”, registrando-as na lousa e afirmando ser muito importante que todos fizessem o melhor que pudessem ao escreverem o texto.

A seguir, reproduzimos o diálogo entre a professora e seus alunos. Para P, entenda-se Professor, para A, alunos.

Ela começou perguntando:

P- O que precisa fazer quando começa um texto?

A- Parágrafo e letra maiúscula.

P- O que mais precisa?

A- Ponto final.

A- Travessão quando for falar

A professora elencou outros aspectos como a vírgula, dois pontos e letra bonita.

Ela distribuiu as folhas e começou a nomear os ajudantes de cada dupla. Nesse momento foi possível perceber que a organização dos alunos acontecia de acordo com suas habilidades na escrita, colocando sempre o que estava apto a escrever (e, portanto, a ajudar) com aquele que ainda não conseguia escrever com autonomia.

Ela falou que o aluno K deveria ser o professor do aluno J. A professora explicou que o objetivo era ajudar e não permitir que ele copiasse o seu texto. O

aluno J perguntou o motivo de o aluno K fazer o papel de seu professor, pois não era ela a sua professora? Ela respondeu que sim, era professora de todos, mas como precisava ajudar outro aluno, então, naquele dia, o aluno K faria o papel de seu professor e iria ajudá-lo.

Um aluno perguntou sobre o título, se deveriam mantê-lo como “A tartaruga dançarina”. A professora respondeu que sim, pois não se pode mudar o título.

Depois de distribuídas as folhas para a escrita dos textos, a professora pediu para dois alunos arrastarem suas mesas para perto dela. Ela os orientou na escrita do texto. Os alunos, um de cada vez, falava o que gostaria de escrever e a professora ditava as palavras por letras ou sílabas. Um dos alunos consultava uma folha colada na contracapa do caderno, contendo as famílias silábicas, para que pudesse compor as palavras. Enquanto isso, os demais alunos da turma faziam a produção em duplas ou em quartetos.

Quatro meninas, em grupo, discutiam os acontecimentos da história contada pela professora e sugeriam como poderiam compor cada frase. Quando o grupo chegava a um acordo, uma aluna ditava as frases para que todas pudessem copiar.

A professora pediu licença para se ausentar da sala, alegando que precisava tomar remédio. Nesse momento, uma aluna pediu à pesquisadora para ir ao banheiro. A pesquisadora orientou que esperasse pela professora. Outro aluno, que estava ao lado, falou que a professora se ausentava da classe para falar ao celular e demorava bastante... Nesse momento, dois alunos começaram a brigar, se estapear, outros davam risada, outros foram separar a briga... A professora retornou a sala de aula poucos minutos depois e os alunos retomaram suas atividades.

A professora se aproximou de uma dupla e começou a ler seu texto. Reparou que o aluno repetia várias vezes a palavra “homem”; então, questionou de que maneira se poderia referir àquela palavra sem ter a necessidade de usá-la novamente. Enquanto os alunos pensavam numa solução, ela respondeu: “Usando a palavra “ele”, não é?”.

Trata-se de uma classe multi-seriada, ou seja, há alunos do quarto ano e alunos retidos da quarta série, que se autodenominam pertencentes ao 5º ano.

Há muitos alunos, segundo a professora, que ainda não estão alfabetizados. Há aqueles que manifestam muita dificuldade na escrita e que necessitam de ajuda; no entanto, conseguem produzir oralmente uma história.

A professora montou outra dupla de uma aluna que já terminara a escrita do texto e outro que não conseguia escrever. A professora pediu à menina para ditar algumas frases sobre a história e, com a ajuda de uma folha com as famílias silábicas, ele escreveu as frases. A aluna ditou sílaba por sílaba, enfatizando cada som.

A aula começou às 7 horas e a atividade de escrita às 7:30h; a professora começou a recolher as atividades às 9:10h. Alguns alunos não finalizaram a escrita e a professora pediu para que parassem de escrever e guardassem o material embaixo da carteira. Eles lhe obedeceram.

A professora comunicou que faria a leitura do texto da aluna M., dizendo que poderia servir para ajudá-los a escrever suas histórias.

Durante a leitura, ela fez várias interrupções para corrigir os erros gramaticais e ortográficos do texto. Os alunos ouviam atentamente a história, mas o aluno K continuava brincando e falando sozinho.

No final da leitura, a professora perguntou se a aluna M. tinha contado bem a história que escrevera. Todos os alunos concordaram. Perguntou se haveria ajustes para fazer; todos concordaram que deveriam ser feitos ajustes, no entanto o diálogo foi finalizado pela professora.

As folhas de todos os alunos foram recolhidas pela professora e com uma rápida leitura dos textos, agora em suas mãos, ela os parabenizou pelo fato de escreverem bastante.

Enquanto recolhia as produções dos alunos, a professora mostrou algumas para a pesquisadora, apontando as dificuldades dos alunos. A pesquisadora notou que as dificuldades se concentravam na escrita correta dos verbos no passado, trocando a letra “u” final pela letra “l”, na ausência de parágrafo, na repetição de conectivos e na falta de estruturação do texto.

Quando a pesquisadora se preparava para acompanhar os alunos ao recreio, o aluno J, que não lia nem escrevia de maneira autônoma, mostrou que, na sua mochila, havia um saco com vários gibis. Ele os retirou da bolsa e disse: “eu gosto de ler gibis”.

É interessante notar que o aluno demonstra o gosto pela leitura mesmo sem ler de maneira convencional até o momento.

2º. Observação: REESCRITA:

A professora iniciou a aula perguntando o que tinham feito no dia anterior e os alunos, em coro, responderam que fizeram uma reescrita⁷ de texto.

O título da história foi lembrado pela professora que acrescentou que, de modo geral, os alunos melhoraram bastante, já estavam usando parágrafos, pontuação, mas ainda havia ajustes que deveriam ser feitos, pois havia coisas que eles não podiam mais errar!

A professora leu um trecho de um dos textos:

(...) “o pai disse: não mexa nisso” (...)

Registrou na lousa a escrita da palavra *mexa*, justificando que os alunos a escreveram de maneiras diferentes: MECHA e MEIXA.

Em seguida perguntou aos alunos qual era a maneira correta. A maioria dos alunos escolheu a segunda opção. A professora respondeu que iria escrever uma terceira opção daquela palavra: MEXA.

Perguntou qual era a maneira correta de escrever. Naquele momento, com três opções de grafia para a mesma palavra, os alunos se mostraram confusos e a professora explicou que *mexa* vem da palavra *mexer* e não *meixer*. Dessa forma, a segunda opção para a escrita correta da palavra foi descartada; no entanto, essa questão ficava pendente, pois havia duas outras opções registradas na lousa e a dúvida estava relacionada à ortografia. (Uso do x ou ch).

A professora prosseguiu com os comentários sobre a escrita dos textos e tomou como exemplo, naquele momento, o texto do aluno W. Elogiou a produção e justificou que estava ótimo, pois o aluno escrevera bastante. Naquele momento, todos aplaudiram o fato de a professora elogiar a produção de um colega; em seguida, ela lamentou por ter feito uso incorreto da paragrafação. Alguns alunos riram, outros lamentaram o fato.

Prosseguiu a atividade, copiando na lousa um trecho do texto do aluno W e pediu ajuda de todos para a leitura:

⁷ Neste caso, reescrita significa reproduzir um texto lido ou contado pela professora.

E A TARTARUGA FALOU SE VOCÊS ME SOLTAREM EU VOU ASSOVIAR MAIS ALTO.

A professora perguntou: “Qual é a parte que se refere ao narrador e qual é a da tartaruga”? Ela combinou com um aluno que ela faria a leitura da parte que se referia ao narrador da história, enquanto ele leria a da tartaruga. A professora leu o parágrafo todo propositalmente, sem dar chance ao aluno de ler a parte que lhe caberia. Os alunos perceberam o que a professora quis demonstrar com aquilo, ou seja, estava faltando algo que indicasse o diálogo.

A professora, então, reescreveu corretamente na lousa, utilizando a pontuação adequada para sinalizar o diálogo; dessa forma poderiam fazer a leitura adequada.

Um aluno perguntou sobre a palavra assobiar, afirmando já tê-la visto escrita de outra maneira (assoviar, por exemplo). A professora pediu para um aluno emprestar o dicionário da outra classe, pois não havia nenhum nessa. Enquanto procurava a palavra no dicionário, o aluno K se levantou, demonstrando curiosidade em procurar a palavra com ela, mas a professora pediu para ele se sentar no seu lugar para que ela pudesse continuar a aula. A professora constatou que poderia ser escrita das duas maneiras, fechou o dicionário e anunciou aos alunos sua descoberta.

A professora propôs a cópia da frase errada e depois a certa no caderno. A essa altura da aula, os alunos estavam dispersos, conversando e fora do lugar.

Cerca de trinta minutos depois a professora retomou a aula, perguntando quais palavras discutiram naquele dia e as escreve na lousa:

MEXA – CERTO – HAVIA – CAIXA- DISSE.

Como atividade de revisão de texto, ela propôs a cópia daquelas palavras no caderno, justificando que “são palavras que não podemos mais errar!”.

A atividade durou cerca de uma hora e meia.

ESCOLA 2

PERÍODO: manhã

TOTAL DE ALUNOS: 22

1º Observação:

Os alunos estavam organizados em mesas individuais e enfileirados.

Na parede, em tiras digitadas no computador, estavam distribuídas várias frases soltas, que pareciam compor as regras de boa convivência da turma. O espaço era frequentado também pela turma do período da tarde e não existia indicação de a quem pertenciam tais regras. Havia dois calendários, um confeccionado em material emborrachado (EVA) e outro de uso comercial. No alto da lousa, havia o alfabeto com letra bastão, de imprensa, cursiva, maiúscula e minúscula.

Havia um grande cartaz com as mãos dos alunos carimbadas em guache nas cores da bandeira nacional e com o título: “A PÁTRIA SOMOS NÓS”. Dois armários para as professoras guardarem os materiais além de uma estante com prateleiras perto da porta. Dispostos na estante estavam livros didáticos, jornais, revistas, livros paradidáticos e dicionários.

Os alunos estavam realizando uma atividade de leitura do livro didático de Ciências. Inicialmente, a professora fez a leitura do texto e havia perguntas para responder. A maioria dos alunos permaneceu em seus lugares, atentos à atividade. Havia três alunas discutindo sobre como poderiam responder a uma determinada questão. À medida que terminavam, iam à mesa da professora para que o caderno fosse corrigido.

A atividade se estendeu até o horário em que os alunos teriam aula de Educação Física. Os alunos foram dispensados da atividade para participarem da próxima aula.

2º. Observação: PRODUÇÃO DO TEXTO

A professora começou a aula explicando para os alunos que fariam a produção de um texto e que seriam utilizadas várias estratégias, pois já tinham lido o livro “O soldadinho de Chumbo” em diferentes versões e assistido a dois filmes, também com versões diferentes. Além disso, já tinham feito o reconto oral.

A professora distribuiu folhas com ilustrações da sequência da história. Enquanto os alunos pintavam, acontecia uma discussão sobre os elementos fundamentais da história entre os alunos e a professora. Comparavam com os filmes a que tinham assistido e conversavam sobre as diferenças que havia tanto nos livros quanto nos filmes, sempre estimulados por perguntas da professora.

Terminada a discussão e a pintura, ela pediu para recortarem as ilustrações e organizarem na mesa, de acordo com a sequência dos fatos e, enquanto isso, o ajudante do dia distribuiu uma tira de folha com o início da história em questão; a tarefa consistia em continuar a história, colando cada figura e escrevendo ao lado dela.

A história era longa e envolvia vários cenários. Enquanto escreviam, a professora tirava dúvidas a respeito da ordem dos fatos. À medida que os primeiros alunos terminavam (cerca de 20 minutos depois), começavam a conversar. A professora pediu a um aluno, que já havia terminado, para organizar os livros de leitura em uma mesa no fundo da sala; então ele os retirava do armário e os colocava no lugar determinado pela professora.

Aos poucos, os alunos se levantavam e retiravam livros para ler enquanto aguardavam os colegas finalizarem as tarefas. Essa atividade teve início às 7:30 h e se estendeu até a hora do recreio, 9:30h.

3º. Observação: REESCRITA:

A professora iniciou a aula com a leitura de um capítulo do livro “Reinações de Narizinho”. Os alunos acompanhavam a leitura do livro que é feita pela professora, diariamente, no início das aulas. Após a leitura, a professora explicou que fariam a revisão do texto da aula passada e perguntou o que deveria ser levado em consideração quando escreviam um texto. Os alunos responderam em coro: coerência, coesão e sequência.

A professora escolheu um texto de um dos alunos, digitou, distribuiu uma cópia para cada aluno e explicou que já tinha sido corrigidas a ortografia e a gramática e que o objetivo daquela aula era observar a sequência dos fatos.

Ela fez a leitura do texto em voz alta. Após a leitura, ela perguntou a opinião deles a respeito da história. Rapidamente, eles identificaram o que estava faltando, observaram a falta de palavras para ligar as frases, que havia partes da história faltando, prejudicando a sequência, e que havia a repetição de conectivos.

Os alunos e a professora discutiram cada parágrafo e, quando era identificado algo errado, a professora pedia sugestões dos alunos para saber como poderia ser modificado.

A professora começou a registrar, na lousa, a correção coletiva. Os alunos sugeriam o que faltava para que a sequência da história ficasse completa; ela

escrevia na lousa. Foi necessário, muitas vezes, apagar e reescrever, pois após a leitura realizada pelos alunos, eles percebiam que ainda não estava adequado. A maioria dos alunos participou da discussão de reescrita do texto.

Ao final de cada parágrafo escrito na lousa, a professora pedia para que lessem em voz alta, e perguntava se havia ficado correto. A atividade foi longa, houve várias intervenções dos alunos. Poucas da professora. Ela os deixava à vontade para refletirem sobre o que poderiam fazer para melhorar o texto.

Finalizada a correção, os alunos tiveram a opção de copiar ou não.

ESCOLA 2

PERÍODO: tarde

TOTAL DE ALUNOS: 22

1º Observação:

Os alunos estavam organizados em duplas. No final da classe havia a composição de um trio de alunas.

A turma estava realizando uma atividade do livro didático de matemática. Havia bastante conversa; estavam discutindo sobre como poderiam resolver os problemas propostos. Havia uma dupla de alunos que conversavam sobre um jogo de cartas de algum personagem de desenho animado; não estavam nem com os livros abertos.

A professora permaneceu sentada em sua mesa, na frente da classe, auxiliando nas dúvidas e corrigindo as atividades quando terminavam. Alguns alunos solicitavam ajuda, justificando não entender como deveria ser feita a tarefa.

A professora fez a leitura do problema duas vezes, apontando no livro onde estavam os números e algumas palavras indicativas da operação matemática que deveria ser feita. Procurava destacar a leitura como ferramenta para ter êxito na atividade. Foi possível perceber a falta de compreensão dos alunos no momento da leitura, impedindo a realização da atividade.

Após algumas tentativas e com os apontamentos da professora às palavras-chave da situação problema, um aluno sugeriu que a multiplicação dos números era a solução. Rapidamente retornaram aos seus lugares, demonstrando o domínio dos

procedimentos necessários para realizar a conta e permaneceram realizando esta atividade.

2º. Observação: PRODUÇÃO DO TEXTO

A professora iniciou a aula explicando que fariam uma produção de um texto.

Os alunos estavam organizados em 4 duplas, 6 alunos sentados sozinhos e 4 em círculos com a professora, no momento da produção do texto. Mesmo os alunos em duplas realizaram a atividade individualmente. Parece-me que a organização dos alunos era aleatória, exceto os que se sentavam com a professora, pois foram convidados a se organizarem daquela maneira.

A professora distribuiu uma folha para cada aluno lembrando que eles já conheciam a história, pois a tinham lido e copiado no caderno. Pediu para um aluno começar a leitura oral (fragmentada devido às dificuldades do aluno, tendo a professora ajudado em alguns momentos). Trata-se de leitura compartilhada, cada um lê até “ponto final seguinte”. Um aluno não respeitou a pontuação, ela pediu calma e que retomasse a leitura.

Durante a leitura, apareceu a palavra “abundante”; a professora interrompeu a leitura e perguntou o qual seu significado. Ninguém soube responder, embora fizessem várias tentativas. Ela perguntou se alguém se lembrava daquela palavra, pois já tinham verificado seu significado na semana anterior. Diante da negativa, pediu a um aluno que procurasse no dicionário; ele leu o significado e a leitura do texto continuou, sem que houvesse qualquer discussão.

Finalizada a leitura, a professora perguntou sobre o assunto daquela fábula. Eles responderam de maneira equivocada, não conseguiram inferir informações do texto. A cada resposta errada, ela repetia o que fora dito pelo aluno em tom questionador. A professora, então, leu o texto (sentada em sua mesa), iniciando uma nova discussão sobre a narrativa.

Cerca de dez alunos interagiam com a professora, respondiam aos questionamentos; os demais permaneciam dispersos, brincando com os materiais, pintando desenhos. Quando perguntava algo sobre determinado personagem; o aluno E sempre respondia ironicamente: “morreu”!

A leitura e a discussão se estenderam por cerca de quinze minutos.

A professora pediu para guardarem todo o material, pois fariam a reescrita do texto com o auxílio da sequência de figuras.

Os alunos que iam terminando (cerca de 20 minutos depois) permaneciam sem qualquer atividade dirigida. Uns pintavam desenhos, outros retiravam do armário da classe revistas infantis e gibis, outros brincavam com “Cinco Marias” (saquinhos de areia), outros, permaneciam no lugar, quietos.

Quando alguém solicitava a ajuda da professora para relembrar certos trechos da história, ela atendia.

Enquanto os alunos escreviam seus textos, a professora juntou-se ao pequeno grupo de quatro alunos, sentados em círculos no final da classe. O objetivo era ajudá-los na produção do texto já que ainda não dominam a escrita alfabética. Demonstravam também dificuldades em contar a história de acordo com a narrativa. A professora estimulou que escrevessem, parabenizando cada tentativa e corrigindo o que era necessário. Ela questionava sobre o uso dos parágrafos e a ortografia das palavras.

A atividade durou cerca de uma hora e meia.

TEXTO LIDO:

O rato do campo e o rato da cidade

Era uma vez um ratinho do campo que vivia tranquilo com a vidinha que levava. Um dia, resolveu convidar seu amigo, que morava na cidade, para passar uns dias na casa dele.

O ratinho da cidade ficou feliz com o convite arrumou as malas e, mais que depressa, foi para a casa do ratinho do campo. Chegando lá, ele ficou muito decepcionado quando viu o que havia para o jantar: grãos de cevada e umas raízes com gosto de terra.

- Puxa, amigo, como você se alimenta mal! Estou com uma peninha de você! É por isso que você está tão magrinho! – exclamou ele. Venha morar comigo na cidade. Lá as comidas são abundantes e deliciosas. Rapidamente você ficará forte como eu!

O ratinho do campo acreditou no amigo e foi com ele para a cidade.

Chegando lá o amigo mostrou para ele uma despensa com variados tipos de queijos, mel, bolos, doces e frutas. O ratinho do campo não sabia para onde olhava, com tantos quitutes gostosos.

Resolveram começar o banquete na mesma hora. Mas mal deu tempo para sentir o cheirinho: a porta da despensa se abriu e alguém entrou. Os dois ratos fugiram apavorados e se esconderam no primeiro buraco apertado que encontraram. A situação se acalmou, e lá se foram eles saindo com todo o cuidado do esconderijo, quando outra pessoa entrou na despensa e foi preciso fugir de novo. O ratinho do campo estava com os olhos esbugalhados, o coração disparado. Ficou muito assustado e disse:

- Vou-me embora agora mesmo, amigo! Sua vida é muito luxuosa, mas para mim não serve. É muito agitada e perigosa. Vou voltar para o campo. Lá dentro, tenho minha casinha, minha comidinha simples e muito sossego!

3º. Observação: REESCRITA:

No outro dia, a professora relembrou sobre a escrita do texto que fizeram -“O rato do campo e o rato da cidade” - e explicou que, naquela aula, fariam a revisão do texto. Ela perguntou o que deveriam procurar num texto ao fazer a revisão. Eles responderam: “pontuação, texto sem sentido, se tem começo, meio e fim e se tem parágrafos”.

Em duplas (previamente organizadas pela professora), os alunos deveriam ler o texto do colega e identificar onde estavam as falhas, o que deveria ser melhorado e o que estava faltando. Os erros poderiam ser grifados no texto do colega, mas não corrigidos naquele momento. A professora alertou que havia espaços na lateral da folha, caso quisessem escrever alguma observação.

Alguns alunos reclamaram que não estavam entendendo a letra do colega ou que não havia sentido o que fora escrito. A professora os orientou a escreverem essas observações, pois era a partir delas que o texto seria corrigido.

Outro aluno reclamou que o texto que estava lendo (cujo autor não estava presente) estava confuso e não era possível perceber onde era a fala do narrador e onde era a dos personagens. A professora salientou a importância de dividir corretamente o texto em parágrafos e indicar com travessões os diálogos, mas o aluno continuou no esforço de entender aquele texto.

A professora caminhou pela classe o tempo todo, ora chamando a atenção dos que estavam desatentos à atividade, ora auxiliando na correção dos textos.

Houve muitas perguntas sobre a ortografia das palavras; ela procurou responder a todas.

Após essa etapa, cada aluno, de posse do seu texto, “passaria a limpo”, concentrando-se nos apontamentos do colega.

A atividade durou cerca de uma hora e quarenta minutos.

ESCOLA 3

PERÍODO:manhã

TOTAL DE ALUNOS:26

1º. Observação

A sala de aula é grande, as carteiras organizadas em fileiras, os alunos sentam-se sozinhos e, no fundo da sala, há uma dupla de meninas. Havia desenhos feitos pelos alunos pendurados em varais pela classe, calendário, cartazes e armários com livros didáticos. Havia dois armários para as professoras guardarem os materiais e duas estantes com cinco prateleiras. Nas estantes havia livros didáticos, dicionários, revistas, livros paradidáticos e três potes plásticos com terra, cobertos com papel filme o que parece representar algum tipo de experiência para as aulas de ciências.

Os alunos estavam realizando uma atividade de gramática. Na lousa, havia várias questões relacionadas a substantivos, adjetivos e verbos. Havia frases para serem completadas com verbos em tempos verbais determinados, palavras que deveriam ser completadas com um adjetivo adequado.

Os alunos realizavam as atividades de maneira organizada, com poucas conversas. Pareciam concentrados na atividade. Consultavam os registros das aulas anteriores, no caderno, para responder algumas questões.

A professora atendia, na sua mesa, os alunos que tinham dúvidas ou dificuldades.

Cerca de cinquenta minutos depois, a atividade foi corrigida na lousa. A professora fazia a leitura das questões e os alunos falavam suas respostas enquanto ela registrava na lousa. Os alunos interagiam com a professora, apagavam no caderno a resposta que a professora dizia não estar adequada.

2ª Observação: PRODUÇÃO DO TEXTO

A professora conversou com os alunos sobre os contos de fadas, sobre os personagens e qual a função dos contos de fadas. Relembrou vários contos conhecidos e já lidos em sala de aula ou em anos anteriores na escola. A professora explicou que os contos servem para que as “crianças tenham aprendizados sobre várias coisas”, como ter obediência, cultivar a amizade e o amor e para as pessoas enfrentarem as dificuldades da vida, suas angústias.

Cada vez que a professora citava um dos aspectos relacionados aos contos, os alunos exemplificavam com contos relacionados àquele assunto.

A professora leu uma pesquisa que ela fez na internet sobre o assunto. A pesquisa trazia o significado e a importância dos contos de fadas, trouxe vários exemplos, sempre enfatizando a importância do envolvimento entre os personagens.

Os alunos estavam atentos à leitura e pareciam gostar das informações que a professora lia, estabelecendo um diálogo sobre a narrativa a que ela se referia naquele momento. Os alunos lembraram a ingenuidade da Branca de Neve quando foi levada para a floresta pelo empregado da rainha, diziam que ela foi muito boba, pois se estivessem em seu lugar fugiriam correndo! Relembrou também a história da “Bela adormecida” e do “João e Maria”, Chapeuzinho Vermelho.

Encerradas as discussões, a professora começou a distribuir uma folha de papel com um roteiro para a produção e logo avisou que iam conversar a respeito.

Proposta de produção de texto:

IMAGINE QUE VOCÊ É UM AUTOR DE CONTO DE FADAS E RESOLVEU CRIAR UMA OBRA DIFERENTE A PARTIR DOS CONTOS JÁ CONHECIDOS. VOCÊ...

- PODE INVERTER OS PAPÉIS DOS PERSONAGENS
- PODE CRIAR UM NOVO FINAL
- PODE MISTURAR OS PERSONAGENS E CRIAR UMA HISTÓRIA DIVERTIDA OU ABSURDA
- PODE MUDAR OS NOMES DOS PERSONAGENS E MISTURAR AS HISTÓRIAS.

ESCREVA UMA DELICIOSA BRINCADEIRA E ILUSTRE, DE ACORDO COM SUAS IDEIAS.

A professora leu as instruções, em seguida, retomou as informações sobre o que era necessário para escrever um texto e os alunos responderam: parágrafo, letra maiúscula no nome dos personagens e no início do parágrafo, pontuação. A professora completou o rol de sugestões, lembrando que deveria haver um título.

Os alunos estavam muito agitados, conversando bastante. Alguns alunos sentiram-se incomodados com o barulho, afirmavam que não conseguiam pensar daquela maneira, então a professora interveio pedindo silêncio e atenção.

A professora falou que era necessário organizar o que gostariam de escrever e fez uma lista na lousa:

1-Quem é o personagem

2-Onde vive como vive

3-Como é sua história (o que está acontecendo, quais são os problemas, *conflitos*?)

4-Como se desenvolve a história

5-Fim da história

Passados alguns minutos, a professora perguntou se alguém gostaria ler o que já havia escrito até o momento, mas ninguém se manifestou. Eles faziam perguntas sobre a escrita correta de algumas palavras e a professora respondia. A cada parágrafo escrito, levavam para a professora ler.

Intervenções sobre a ortografia correta da palavra, o uso dos substitutos, a repetição de palavras, letra maiúscula para a escrita do nome dos personagens eram feitas a todo o momento pela professora, mesmo quando o aluno não demonstrava dúvida.

A professora se manteve atenta e presente durante a atividade, oferecendo ajuda aos alunos caso houvesse dúvidas. Houve muitos alunos que perguntaram sobre o número de folhas que deveria haver; um aluno avisou que na dele haveria duas folhas. A professora explicou que a história deve ter um começo, um meio e um fim e que não importava quantas folhas teria.

Durante a produção textual, a professora fez intervenções no texto dos alunos, lendo e sugerindo mudanças na organização, na estrutura e ortografia.

Cerca de trinta minutos depois, vários alunos sinalizavam que tinham terminado de escrever o texto e a professora solicitou leitura em voz alta para os colegas, na frente da classe; enquanto isso, vários alunos continuavam a escrever seus textos.

Quando surgia dúvida a respeito da escrita correta de palavras, a professora escrevia na lousa, compondo, assim, um material de que os alunos dispunham para consulta. As palavras registradas na lousa foram: era uma vez, tchau, guitarrista, caçador, certo.

Havia alunos que precisavam refazer ou melhorar a estrutura do texto, pois no momento em que realizaram a leitura em voz alta, a professora alertou para o fato de não estar de acordo com o combinado para o texto (o roteiro que ela distribuiu para os alunos). Eles pareciam desmotivados e desinteressados em refazer o texto.

Os alunos se orgulhavam em escrever um texto com duas ou três páginas. Alguns textos possuíam falhas no desenrolar da narrativa: o texto de um aluno começou colocando a Bela Adormecida como personagem principal e recontou a história como de fato ela é, ou seja, não houve a mistura de personagens, inversão de papéis ou mudança no final da narrativa, o que constituía parte integrante do roteiro de elaboração do texto.

No momento da leitura, não havia trocas ou confrontação de textos, não houve interação entre os demais alunos, pois cada um estava preocupado em finalizar sua história e os que já haviam finalizado se ocupavam de outras atividades como pintar desenhos xerocopiados ou ocupavam-se com a leitura de um livro.

Ao mesmo tempo em que um aluno estava à frente da turma lendo seu texto, a professora corrigia outros textos de alunos que estavam em volta de sua mesa. Eram poucos os colegas que se interessavam pela leitura.

Essa atividade se estendeu por cerca de uma hora e cinquenta minutos.

3º. Observação: REESCRITA:

A professora explicou que tinha levado um texto escrito por um aluno para fazer a leitura em sua casa e que fariam a correção sem rir dos erros ou menosprezar o texto do colega, pois, quando levam seus textos para ela ler, ela faz a leitura atenta com objetivo de ajudar o aluno a corrigir, já que todos erram e isso é comum na escola; afinal de contas, estão lá para aprender.

Começou a atividade explicando que quando se escreve um texto, o objetivo é que alguém o leia, então, é importante que quem vá ler, entenda. A professora prosseguiu explicando que a primeira atividade que fariam era ler o texto do colega, que ela trouxe digitado e com um espaço de duas linhas abaixo de cada parágrafo do texto. Silenciosamente, os alunos iniciaram a leitura do texto que a professora levou.

Após a leitura do texto feita pelos alunos, a professora retomou a leitura da proposta da escrita que lhes entregara na aula anterior e fez a leitura dos primeiros parágrafos do texto que seria reescrito.

Perguntou: pode inverter os papéis? Então chapeuzinho vermelho “adormecida” ela dormiu na história escrita? Todos responderam que não! A professora prosseguiu com os questionamentos: “foi feito o que estava na proposta”? Os alunos respondem que não foi feito.

A professora se referia ao fato de o aluno nomear o personagem principal como “Chapeuzinho vermelho adormecida” e, no decorrer da narrativa a personagem não “cai em sono profundo”, como na história da “Bela Adormecida”, ou seja, o aluno conseguiu misturar os nomes dos personagens, mas não suas características principais.

A professora explicou que faltou criação; o texto também estava com problemas na sua estrutura, então deveriam começar a corrigi-lo.

Um aluno interveio dizendo que o título estava errado: “a dormecida” em vez de “adormecida”; ela respondeu que deviam corrigir, salientando que se escreve junto.

A professora leu o primeiro parágrafo para que eles identificassem o que estava errado; eles grifaram no texto e a professora escreveu na lousa a maneira correta (sem dar chance aos alunos de refletirem sobre o que estava errado, ou sugerirem mudanças).

A professora fez várias intervenções com relação aos substitutos (pronomes que podem ser utilizados para não repetir palavras). A turma participou quando ela questionou sobre algum erro ortográfico, perguntando qual é a regra (no caso do m antes do p e b, etc). Os alunos, em coro, repetiram a regra para aquele caso.

A maioria dos alunos conseguiu identificar onde estavam os erros ortográficos e, à medida que isso acontecia, a professora escrevia na lousa como deveria ficar aquele parágrafo.

Depois de terminada a correção, ela propôs nova leitura, mas eles disseram que estavam cansados daquela atividade (alguns não terminaram de copiar o texto corrigido da lousa); ela propôs, então, que desenhassem sobre o texto.

Uma nova leitura do texto finalmente corrigido não foi feita. A atividade durou cerca de uma hora e cinquenta minutos.

ESCOLA 3

PERÍODO: tarde

TOTAL DE ALUNOS: 24

1º Observação.

Os alunos estavam organizados em cinco fileiras de carteiras e sentam-se sozinhos. Nas paredes havia desenhos feitos por eles expostos pela sala. Havia dois armários para cada professora guardar os materiais. Havia livros didáticos e paradidáticos expostos em uma prateleira na classe.

A professora fez a contagem dos alunos presentes e comentou que houve muitas faltas. Registrou, com a ajuda dos alunos, os nomes daqueles que faltaram.

Em forma de oração a professora agradeceu por aquela tarde e pediu que tivessem uma boa tarde e mostrassem (os alunos) a que vieram na escola, que era para aprender, brincar era em casa, no recreio. Em seguida rezaram a oração “Pai-nosso” e cantaram duas músicas: uma evangélica e outra que reverenciava as cores da bandeira nacional.

Os alunos estavam agitados, queriam contar os presentes que ganharam no Dia das crianças. A professora disse então, que teriam cinco minutos para isso e começou perguntando quem queria contar. Eles contaram, alguns trouxeram seus presentes para mostrar à turma. A professora finalizou o momento da conversa, dizendo que esperava que todos tivessem tido um bom dia das crianças.

Enquanto a professora preparava a lousa, traçando linhas paralelas, solicitou à turma que “começassem”: eles contam de 2 em 2 até 20, 3 em 3 até 30, chegando a 11 em 11 até 110.

Terminada a contagem, a professora escreveu na lousa “atividades de matemática”: quatro situações problemas e várias contas envolvendo a multiplicação e divisão. Os alunos, em silêncio, copiaram as atividades no caderno e começaram a resolvê-las.

Quando começaram a surgir dúvidas, os alunos se dirigiram à mesa da professora em busca de ajuda. Ela orientou cada aluno em sua dificuldade.

É importante notar que as dificuldades se concentravam na leitura e no entendimento das situações problemas. Após a leitura, os alunos não conseguiam inferir informações daquele texto; dessa forma, não sabiam quais contas eram necessárias para a resolução da atividade. As quatro situações problemas eram constituídas de duas operações matemáticas cada uma.

A professora pedia que repetissem a leitura. Após três leituras, um aluno sugeriu o que deveria ser feito. Diante do sorriso da professora, evidenciado que sua sugestão estava certa, o aluno compartilhou a informação com os colegas.

A aula se estendeu até o momento em que o professor de Educação Física os chamou para a aula e durou cerca de uma hora.

2º. Observação: PRODUÇÃO DE TEXTO E REESCRITA

A professora repetiu a rotina da aula: as orações, as músicas, a contagem dos alunos ausentes para a professora registrar na lousa, perguntou se passaram bem de um dia para o outro, salientou que vieram a escola para estudar e não para brincar. Em seguida, preparou a lousa com linhas paralelas enquanto faziam a contagem dos números.

Terminada a contagem, a professora distribuiu uma folha com a proposta de escrita, que se constituía em uma sequência de três figuras:

Observe as cenas abaixo e faça uma bonita redação.
Tema: mulher casada e com filhos, trabalhando fora de casa.

Redação



Avaliação
0 a 10 pontos

Título

Criatividade

Pontuação

Organização
de ideias

Concordância
gramatical

Ortografia

Caligrafia

Sua redação ficou _____, porém da próxima vez não

A professora pediu para observarem atentamente a sequência das cenas e para conversarem a respeito. Inicialmente, a professora perguntou aos alunos quantos e quem eram os personagens do primeiro quadro. Pediu para que observassem o cenário de cada quadro, que período do dia a figura indicava, o que estava acontecendo, como a personagem (a mãe) se sentia quando chegava em casa. Eles fizeram comentários pertinentes, demonstrando que tinham entendido a sequência das figuras.

Então a professora explicou que eles iam escrever para alguém ler, nem que fosse a professora, portanto que prestassem atenção aos critérios de avaliação (escritos na lateral da folha). Ela leu, explicou cada critério e finalizou solicitando silêncio, pois, a partir daquele momento, cada um ficaria consigo mesmo para escrever a história.

Cerca de vinte minutos depois, alguns alunos começaram a se manifestar dizendo que terminaram. Ela respondeu que já sabiam o que deveriam fazer: ler e reler o texto como se fosse outra pessoa.

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, todos tinham terminado, então, aleatoriamente, a professora trocou os textos entre os alunos e pediu para que cada

aluno lesse o texto do outro, orientando que se encontrassem algum erro, deveriam indicar com um risco embaixo.

Embora reclamassem da atividade, seguiram a orientação da professora que, após a leitura, pediu para falarem sobre suas dúvidas (com relação ao texto do outro).

Essas dúvidas foram escritas na lousa pela professora e estavam relacionadas principalmente à ortografia: “certo”, se escreve com s ou com c? “Bagunça” se escreve com ç ou ss? “Vassoura” se escreve com ss ou ç? “Bolsa” se escreve com ç ou s.? “Vez” se escreve com s ou z?

As produções foram destrocadas e lidas para toda a turma. Os alunos permaneceram atentos à leitura dos colegas.

Depois de destrocadas, cada aluno corrigiu no seu próprio texto o que o colega apontou e a atividade foi finalizada cerca de trinta minutos depois.

Não foi proposta a leitura do texto depois de finalizado.

ESCOLA 4

PERÍODO: manhã

TOTAL DE ALUNOS: 25

1º. Observação

Na sala, encontravam-se expostos um mapa-mundi e um do Brasil, Revistas Ciência Hoje para crianças, livros paradidáticos, alfabeto e tabuada nas paredes; na lateral da sala, um varal com cartazes sobre todas as modalidades esportivas dos Jogos Pan-americanos e seus nomes. Os alunos estavam organizados em duplas e em trios. Havia várias mesas vazias.

Os alunos estavam realizando atividades de matemática que constam no livro didático. Havia vários alunos conversando, discutindo sobre as atividades que estavam fazendo, alunos se deslocando para consultarem a tabuada que estava no fundo da classe.

Embora haja “movimento na classe”, os alunos pareciam atentos e concentrados com as atividades que estavam realizando.

A professora se deslocava o tempo todo entre os pequenos grupos, atendendo às solicitações de dúvidas dos alunos.

A observação dessa aula durou cerca de cinquenta minutos.

2º. Observação: PRODUÇÃO DO TEXTO

A partir da leitura de uma pesquisa feita em casa pela professora e lida com os alunos, foi feito um levantamento das palavras importantes que foram escritas na lousa com o título: “Banco com 32 palavras sobre os Jogos Pan-americanos”, sugerido pelos alunos e pela professora.

A partir daquela pesquisa e das leituras realizadas em sala de aula, os alunos deveriam produzir um texto sobre os Jogos Pan-americanos.

A professora perguntou onde estavam sendo realizados os jogos; os alunos responderam e ela localizou o país no mapa. Um aluno completou a informação dizendo que somente os países da América participavam daqueles jogos. Ela localizou no mapa onde fica a América. Em seguida, a professora distribuiu os dicionários que ficavam na prateleira da classe e a folha com a proposta de escrita de texto. A professora leu todos os tópicos da proposta de escrita.

Produção de texto:

Jogos pan-americanos de Guadalajara

Em duplas, escreva um texto em que apareçam informações dos jogos Pan-americanos de Guadalajara. Vocês podem escolher três ou mais itens abaixo para elaborar a produção.

1-Cidade – sede

2-Mascotes

3-Modalidades esportivas

4-Países participantes

5-Benefícios da prática esportiva, benefícios do Pan.

É importante que ao escrever o texto;

1-Faça um rascunho

2-Utilize parágrafos

3-Use letra maiúscula no início do parágrafo, em nome de pessoas e lugares

4-Faça uso da pontuação adequada

5-Procure escrever as palavras corretamente, utilizando, para tanto, o dicionário

6-Faça uso do vocabulário diferenciado

7-Coloque título

8-Evite repetições de palavras

9-Revise seu texto antes da produção final

10-Faça letra legível

Após a leitura houve um diálogo: por que é necessário fazer rascunho? Os alunos responderam: “porque é preciso discutir as ideias antes, corrigir e depois passar a limpo”.

No texto haverá travessões, por quê? Os alunos responderam que não haveria travessões, porque não era uma história narrativa. A professora continuava com as perguntas: quando devemos colocar o título? Os alunos respondiam: depois que acabar o texto, porque já saberemos como ficou o texto e assim é melhor para escolher um título.

Por que não podemos repetir palavras? Em vez de escrever Jogos pan-americanos, o que posso escrever? Perguntou a professora e os alunos sugeriram: jogos, pan, a competição.

A pesquisa que foi feita pode ser utilizada na produção de hoje? Os alunos responderam afirmativamente e em seguida a professora perguntou se poderia copiar da pesquisa. Diante da negativa dos alunos, ela questionou o porquê. Os alunos responderam que cada um devia escrever à sua maneira e a professora completou a explicação justificando que copiar um texto de outra pessoa e falar que era de próprio punho configura-se em plágio, dessa forma, era preciso que vocês lessem, entendessem e explicassem com as próprias palavras.

A professora se movimentava pela classe enquanto começavam as primeiras tentativas de escrita; era atenciosa com todos. Havia um grupo de alunos que queria copiar o banco de palavras no caderno; ela explicou que não havia necessidade, pois estava na lousa e ela não iria apagar.

Os alunos conversavam, discutiam sobre o quê e como iriam escrever, quais itens poderiam escolher e de que forma iriam começar o texto. Ela relembrou que, quando escreveram o texto sobre a importância dos esportes, eles tinham colhido muitas informações que poderiam ser usadas.

Os alunos interagiram uns com os outros, procuravam no dicionário palavras que causavam dificuldade quanto à ortografia, discutiam como cada frase seria escrita e organizada.

A professora lembrou que havia os cartazes das modalidades esportivas que podiam ser utilizados. Alguém perguntou se aqueles jogos eram como as Olimpíadas. Imediatamente outro aluno respondeu que não, porque nas Olimpíadas participam países do mundo todo e nos Jogos pan-americanos participam os países das Américas.

Sempre que surgia uma dúvida, a professora expunha para todos para que tentassem resolver juntos, dar ideia aos colegas. Isto ocorreu quando uma dupla escolheu falar sobre os mascotes, mas não fizeram nenhuma introdução. A professora perguntou aos alunos se a pessoa que fosse ler e, não tivesse feito nenhuma pesquisa sobre o assunto iria entender do que tratava o texto? Então era necessário fazer uma introdução sobre o assunto principal do texto: Jogos Pan-americanos.

A partir dos questionamentos feitos pelos alunos, era possível perceber que eles tinham a noção de estrutura de texto no que diz respeito à mudança de parágrafos e ao uso dos conectores.

Após a escrita de cada parágrafo, a dupla lia e, em seguida levava para a professora ler. Ela sempre elogiava e, quando necessário, pedia para repensarem essa ou aquela ideia, indicando o que poderiam melhorar. A professora chamou a atenção para a repetição de palavras, sugeriu outras que poderiam ser usadas como substitutos e ouviu sugestões dos alunos.

A produção começou a ser feita às 8:50 h e se estendeu até as 9:30h.

Pouco antes de soar o sinal para o recreio, a professora recolheu as produções, pois todos já tinham terminado.

A aula foi bastante dinâmica, de modo que não houve tempo ocioso.

3º observação: REESCRITA:

A professora diz que leu todas as produções e notou que havia alguns pontos que mereciam releitura e poderiam ser melhorados e notou que havia nomes de países escritos de maneira errada entre outras palavras.

Ela devolveu as produções e, grampeado a cada uma, colocou um bilhetinho digitado com o que deveria ser revisto no texto. Escreveu, também lembretes como: “esqueceu-se da letra maiúscula nos nomes; use m antes do p e do b; esta ideia não ficou clara, precisa explicar melhor; há palavras repetidas”.

Enquanto os alunos liam os recados deixados nos seus textos, a professora escreveu novamente na lousa o banco de palavras da aula passada. Os alunos continuavam formando a mesma dupla da aula da produção do texto. Atentos a leitura, procuravam os erros apontados pela professora e os mostravam ao colega com que fizeram dupla.

Tinham a liberdade de circular pela classe pedindo e dando sugestões para os colegas a respeito dos textos. Todos possuíam dicionário e a maioria o usava com autonomia, mas os que demonstravam dificuldade eram ajudados pelos outros, mesmo pelos que não pertenciam à dupla.

Depois de revisados os aspectos apontados pela professora, ela distribuiu um roteiro para a revisão:

Revisão de texto:

Jogos Pan-americanos

Agora chegou o momento da revisão da sua produção. Para tanto, observe se vocês:

1-Fizeram rascunho?

2-Utilizaram parágrafos?

3-Usaram letra maiúscula no início dos parágrafos, em nomes de pessoas e lugares?

4-Escolheram 3 ou mais itens para serem abordados durante a produção?

5-Procuraram usar a pontuação adequada?

6-Escreveram as palavras corretamente e usaram o dicionário quando encontraram dúvidas?

7-Colocaram título?

8-Evitaram repetição de palavras?

9-Fizeram letra legível?

Havia alunos necessitados de ajuda quanto à ortografia; a professora os orientou a buscarem as palavras no dicionário.

É importante notar o empenho dos alunos em reler e corrigir os próprios textos. Eles consultavam a escrita correta dos nomes das modalidades esportivas expostas na sala de aula.

Uma dupla discutia sobre como corrigir um item escrito; havia divergência, pois cada um tinha uma sugestão. A professora sugeriu que escrevessem das duas maneiras para que pudessem comparar qual das duas ficaria melhor. Nova discussão se estabeleceu entre a dupla até que fizeram a opção por uma das frases.

Outra dupla quis mudar o início do texto, pois verificou que faltou a introdução, uma explicação sobre o assunto do texto. Eles discutiram, mas não conseguiram chegar a um consenso, então perguntaram para a professora que lançou a questão para a turma: “Como podemos ajudar os colegas a melhorar a introdução do texto?” Várias opiniões foram dadas e eles optaram por uma e escreveram a sua maneira.

Após todas as correções, o texto foi reescrito em outra folha, mas agora cada aluno escreve o seu.

A atividade durou cerca de duas horas.

ESCOLA 4

PERÍODO: tarde

Alunos presentes: 20

1º. Observação

Ao entrar na sala de aula, os alunos rapidamente arrumaram as carteiras em forma de U. No centro da classe, dez mesas foram arrumadas em duplas e de frente uma para a outra formando uma grande mesa. Lá foram cuidadosamente dispostos livros de leitura que outro aluno retirou do armário. Na ponta da mesa, perto da porta, foi colocada uma caixa encapada em papel prateado. Enquanto isso, a professora distribuía fichas coloridas para a turma, cada aluno tinha direito a duas fichas. Então, ela fez a chamada.

Depois de tudo pronto, a professora distribuiu uma sequência de cinco figuras e perguntou aos alunos se naquelas figuras, havia uma história que poderia ser contada. Os alunos responderam afirmativamente; a professora solicitou a leitura oral da história e cada aluno poderia contar uma parte ou dar alguma sugestão.

A história foi contada oralmente, sem problemas, dada a facilidade das imagens: no primeiro quadro havia o desenho de uma menina, sentada em um banco localizado perto de uma árvore. A segunda figura mostrava um menino escondido com uma mangueira de jardim nas mãos, prestes a ligá-la. A terceira figura se compunha dos dois personagens: o menino perto da torneira e a menina perto da mangueira. A quarta figura mostrava a menina de posse da mangueira e

apontando para o garoto, que ficou todo molhado. A última figura mostrava os dois personagens brincando com a mangueira.

Terminada a leitura oral da sequência de imagens a professora pediu que pintassem as figuras e as recortassem, pois as usariam no dia seguinte. A atividade se estendeu por cerca de uma hora.

2º. Observação: PRODUÇÃO DE TEXTO

O início da aula aconteceu com a repetição da rotina de arrumação da classe. A professora pediu para pegarem a sequência de figuras pintadas no dia anterior, perguntou quais eram os elementos necessários a um texto e os elencou na lousa, conforme os alunos falavam: começo, meio e fim; parágrafos, letra maiúscula no início do parágrafo e em nomes próprios. A professora disse que não poderia faltar um título!

Explicou que o autor daqueles desenhos já tinha na cabeça uma história quando os desenhou. Então, a professora propôs a construção de uma história de forma oral e coletiva sobre aquela sequência de cenas e, enquanto isso, ela registraria na lousa.

A professora colou a sequência de figuras na lousa e questionou o que deveria ser escrito primeiro; os alunos responderam que era o título da história.

Ela pediu que comesçassem, “você vão falando e eu escrevo”, mas antes, lembrou a escrita do título. Depois de alguns minutos, um aluno se arriscou dizendo que o título poderia ser: “A brincadeira”. Ela perguntou para a turma se aquele título era adequado e todos concordaram.

A professora escreveu o texto na lousa, seguindo a sugestão dos alunos, sem considerar os parágrafos ou letra maiúscula quando necessário. Os alunos corrigiam e opinavam, inclusive sobre a ortografia das palavras. Quando não entravam em um consenso, a professora perguntava o que deveriam fazer. Eles eram unânimes: “devemos usar o dicionário”.

Eles utilizavam o dicionário com bastante habilidade. Embora alguns alunos permanecessem dispersos, a maioria participava da atividade.

Eles repetiam várias vezes a palavra “menino”; a professora solicitou procurar aquela palavra no dicionário para conhecer seus sinônimos. À medida que liam, a professora organizava, no canto da lousa, uma lista com os sinônimos daquela palavra.

MENINO:

Criança do sexo masculino

Guri

Rapaz

O trabalho de produção de texto esteve centrado na busca pela escrita correta das palavras, utilizando principalmente o dicionário. Embora todos participassem da atividade, o trabalho de produção de texto ficou restrito às questões ortográficas e gramaticais.

Dessa forma, podemos refletir: em que momento será feita a revisão do texto se, à medida que o escrevem, já corrigem? Em que momento haverá reflexão sobre a história uma vez que escrevem o texto e o corrigem sem que façam uma releitura?

Não é admitida a repetição de palavras, mesmo dos substantivos. A professora estimula o uso do dicionário para que haja opções de substituição por um sinônimo. Parece-nos que se gasta muito tempo discutindo o significado das palavras e seus usos e pouca importância se dá ao significado do texto, sua estruturação e ao processo narrativo. A atividade fica cansativa e há aqueles que se dispersam.

Os alunos mostram-se críticos quanto à organização do texto. Conseguem identificar os verbos no passado, sua concordância e a grafia correta. A professora retoma a leitura de um parágrafo várias vezes para que possam perceber se a sugestão dada se encaixa na frase *“é preciso fazer corretamente a ligação das frases desde o início, pois senão fica sem sentido”* ressalta a professora.

Cerca de duas horas depois, quando finalizaram o texto, a professora pergunta o que deve ser feito então (na expectativa de que respondessem que era preciso ler o texto). Eles respondem que era preciso escrever “FIM”.

A professora questionou a necessidade daquela palavra. “Será que não é possível ao leitor perceber que a história chegou ao fim?” “Como podemos saber disso?” Um aluno respondeu que, quando escrevemos, devemos fazer com que o leitor entenda que a história acabou.

Então, a leitura do texto inteiro foi feita e a professora pediu que o copiassem no caderno.

A atividade durou cerca de uma hora e quarenta minutos.

3º. Observação: REESCRITA DO TEXTO.

A professora digitou o texto produzido pelos alunos no dia anterior e distribuiu cópias. Após a leitura, explicou que aquele texto precisava de mais vírgulas e da substituição de algumas palavras.

A brincadeira (texto produzido coletivamente pelos alunos)

Em uma tarde ensolarada, Vitória estava lendo seu livro quando percebeu que Pedro queria molhar ela mas o menino não tinha aberto a torneira.

Enquanto o garoto saiu correndo para ligar a torneira, a menina aproveitou para pegar a mangueira.

Então a menina se aproximou do Pedro e mirou o tubo de borracha nas costas do guri.

Quando o menino ligou a torneira a menina molhou ele e o garoto se assustou e as crianças começaram a brincar com a água.

Na lousa, a professora escreveu:

Texto narrativo

Um texto narrativo precisa de:

Um narrador

Começo, meio e fim

Personagens

Fatos

Encontrando no texto:

Começo - azul

Meio - vermelho

Fim – verde

A professora perguntou quantos parágrafos tinha o texto (pediu para contarem baixo e guardarem o número na cabeça).

A pedido da professora, eles revelaram que havia quatro parágrafos; então, ela pediu para enumerarem os parágrafos e lerem a primeira palavra de cada um.

A professora perguntou se alguém tinha coleção de alguma coisa. Eles responderam de cards, bolinhas de gude, chaveiros. Ela perguntou se costumavam

misturar as coleções, por exemplo, de cards com a de bolinha de gude. Eles responderam que não se misturam coleções diferentes. Então ela pergunta o que era parágrafo? Eles responderam que é para dividir o texto, para separar as ideias.

E continuaram as perguntas feitas pela professora: o que os parágrafos têm a ver com as coleções? Um aluno responde que o parágrafo era uma coleção de palavras; a professora parabenizou o aluno e completou, dizendo que um parágrafo indica uma ideia; quando se muda a ideia, ou assunto, muda-se de parágrafo. A professora citou outros exemplos, dizendo que há parágrafos para descrever o lugar onde a história está acontecendo, para escrever como são os personagens, entre outros.

A professora fez uma ampla análise sobre a função dos parágrafos no texto. Juntos, começaram a identificar as partes do texto.

Ela perguntou por que eles achavam que aquele era o começo da história, e explicou que o começo deve conter a apresentação dos personagens e do lugar. Explicou que as demais informações estavam no lugar errado. Então propôs que mudassem aquele parágrafo. Para isso, pediu que cada um escrevesse três frases. Os alunos, em duplas, escreveram os novos parágrafos, sugeriram mudanças.

O primeiro parágrafo revisado foi escrito na lousa:

Um belo dia de sol Mariana estava no quintal lendo um livro. Julio, seu irmão, ficou escondido atrás da árvore segurando a mangueira, Os dois gostam de fazer bagunça, porém terminam se divertindo com isso.

Na sequência, pediu para pensarem no segundo parágrafo, indicando que devia estar interligado ao primeiro; poderiam falar sobre as características dos personagens. Cada aluno sugeriu novas possibilidades de escrita para o segundo parágrafo.

Sugeriram frases e a professora as registrou na lousa. Resolveram mudar o nome dos personagens. Eles adicionaram vários itens à descrição dos personagens e do cenário. Esse processo foi interrompido várias vezes para que eles procurassem palavras no dicionário, para tirarem dúvidas quanto à ortografia correta.

A professora enfatizou quais elementos deveriam aparecer no parágrafo introdutório. Ela os levou a refletir sobre a estrutura do texto. Um aluno disse que

poderiam falar do próximo personagem, colocando ponto final e continuando na mesma linha.

Segundo parágrafo reescrito:

Julio teve a ideia de pegar a mangueira que estava lá no quintal e fazer uma surpresa para a Mariana. Mas enquanto ele foi correndo ligar torneira, sua irmã pegou a mangueira primeiro e melhou o Julio inteirinho.

Após a escrita do segundo parágrafo, a professora solicitou a leitura dos dois reescritos. Finalizada a leitura, ainda perguntou se o texto tinha ficado bom ou se estava faltando mais alguma coisa. A essa altura os alunos já pareciam cansados, embora estivessem participando atentamente da atividade. Responderam que, daquela maneira, o texto tinha ficado bom.

Foi ressaltado que a leitura deveria ser feita sempre que o parágrafo se finalizasse, para visualizarem se o que tinham escrito estava de acordo com a figura, se não se esqueciam de alguma informação.

Após a escrita do último parágrafo, a professora fez a leitura do texto completo com todos os alunos.

A atividade durou cerca de duas horas e dez minutos.

ESCOLA 5

PERÍODO: manhã

Total de alunos 27

1º. Observação

As mesas dos alunos estavam organizadas em fileiras e individualmente. No alto da lousa havia um alfabeto (letra bastão e sinal em libras), livros didáticos expostos nas prateleiras, dois armários no fundo da sala e janelas amplas.

A classe era numerosa e realizava-se uma atividade do livro didático de Língua Portuguesa. Foi feita a leitura silenciosa do texto e havia questões relacionadas ao vocabulário do texto.

Os alunos se movimentavam bastante pela classe, perguntavam a resposta das atividades aos colegas. Um grupo de três alunas parecia ter terminado a atividade e estava confeccionando pulseirinhas feitas com miçangas coloridas.

A professora permanecia sentada em sua mesa, à frente da classe, corrigindo os cadernos dos alunos de outra disciplina, aparentemente de tarefa de casa.

A observação se estendeu por cinquenta minutos.

2º. Observação: PRODUÇÃO DO TEXTO.

A professora iniciou a aula dizendo que ia ler o texto “O dono da bola” de Ruth Rocha, e explicou que, naquele momento, iriam ouvir e prestar bastante atenção.

Após a leitura, conversam sobre os personagens, suas características e o que faziam na história. Foram feitas várias perguntas sobre o personagem principal. A professora chamou a atenção do aluno C, que estava distraído e conversando, e pediu para ele recontar a história. Os colegas ajudaram, continuando a narrativa e dando suas opiniões.

Os alunos conversavam muito, nem todos estavam atentos à atividade e reclamaram muito quando ela avisou que fariam a reescrita da história. Sem opção, concordam com a proposta da professora e tiraram dúvidas sobre os nomes dos personagens. Ela explicou que o personagem principal chamava-se CALOCA e não CALOTA, no entanto não escreveu na lousa.

Eles questionaram sobre o número de linhas que deveria ter o texto, a professora respondeu que não havia mínimo de linhas - o importante é que deveriam escrever o suficiente para contar a história.

O texto escolhido pela professora para a leitura era longo e os alunos pareciam não se lembrar da história toda. A leitura foi feita uma única vez, no entanto, nenhum aluno pediu para repetir a leitura.

A professora permaneceu sentada em seu lugar, durante a atividade. Alguns alunos foram a sua mesa e pegaram o livro na tentativa de copiar alguma parte, ela disse que não podiam copiar, o texto não precisava ficar igualzinho ao livro.

Os alunos conversavam ao mesmo tempo em que produziam ao texto. A professora se levantou e começou, a pedido de alguns alunos a ler seus textos ainda no início da produção. Enquanto ela conversava com um aluno, outro correu a sua mesa, abriu o livro e copiou uma frase. Sentou-se rapidamente no seu lugar e comemorou o feito!

A atividade durou cerca de duas horas, então ela recolheu as folhas à medida que terminavam.

3º. Observação: REESCRITA DO TEXTO.

Os alunos estavam organizados como de costume, sentados em carteiras enfileiradas e individuais.

A professora explicou que levou um dos textos para casa para fazer a leitura. Elogiou o texto e pediu ao autor para lê-lo em voz alta para toda a turma. O aluno se dirigiu à frente da sala, pegou o texto que estava com a professora e iniciou a leitura. Havia muita conversa, eram poucos os que o estavam ouvindo. A mestra permanecia atenta à leitura não se importando com o barulho.

Ao final da leitura, a professora elogiou o aluno e afirmou que seu texto ficou fiel à história lida, pois ele prestara atenção enquanto ela lia para a turma.

Pediu para outro aluno fazer a leitura de seu texto e, novamente, os colegas não se interessaram. Um aluno ouvia música no celular no momento da leitura, mas a professora procurou demonstrar que não a estava incomodando mesmo sendo nítida a música. O aluno abaixou o volume e colocou o aparelho mais perto do ouvido.

A pedido da professora, um terceiro aluno começou a leitura de seu texto, mas a turma continuou alheia à atividade. Ao final, a professora elogiou o texto escrito e perguntou se mais alguém gostaria de ler. Ninguém se manifestou, então ela perguntou se alguém queria contar a história. Um aluno se prontificou a realizar a atividade. A atividade foi interrompida várias vezes pedindo-se silêncio.

A professora questionou a turma sobre o que era mais difícil: contar a história ou escrevê-la. As opiniões divergiram. Uma parte acreditava que contar era mais difícil; a outra, acreditava que escrever era mais difícil. Não há um consenso da mesma forma que não há um objetivo claro para a questão.

A revisão do texto, então, consistiu na leitura de alguns textos escritos pelos alunos para que, supostamente, os demais encontrassem algo que julgasse errado ou que não estivesse de acordo com o texto que foi elogiado pela professora.

A atividade durou cerca de uma hora e quarenta minutos.

ESCOLA 5

PERÍODO: tarde

Total de alunos: 23

1º. Observação

As carteiras estavam organizadas em fileiras, com expositores de livros didáticos, paradidáticos e revistas Ciência Hoje. No fundo da sala havia dois armários para uso das professoras e, no alto da lousa, um alfabeto (letra bastão e sinal em libras).

A professora os saudou, desejando “Boa tarde a todos”, fez a chamada, escreveu a data na lousa e as atividades de matemática. Colocou várias contas envolvendo multiplicação e divisão para armarem e resolverem no caderno.

Os alunos sentaram-se em mesas individuais e conversavam enquanto copiavam a tarefa a ser realizada.

A professora permaneceu em sua mesa e pediu para levarem a ela os cadernos de tarefa de casa para fazer a correção.

Alguns alunos encontraram dificuldade em “armar as contas” e recorreram à ajuda da professora. Ela explicou aos alunos e pediu para que fizessem a atividade em silêncio.

A observação se estendeu por cerca de cinquenta minutos.

2º. Observação: PRODUÇÃO DO TEXTO

Após a chamada, a professora explicou que fariam a correção de uma atividade realizada no dia anterior. A atividade consistia em procurar palavras no dicionário para construir vocabulário do texto lido - a fábula: “A raposa e as uvas”.

A professora copiou na lousa:

Morta de fome, a raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra havia sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas, eu não comeria.

Moral: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

(Esopo: Fábulas de Esopo. São Paulo, Companhia das letrinhas, 1994).

Após escrever o texto na lousa, a professora aguardou alguns minutos até que todos copiassem; enquanto isso preparou folhas de almanaque, cortando-as ao meio. Então, pediu para começarem a leitura.

Explicou que cada aluno leria até o ponto final. O tempo todo, a professora auxiliou mostrando onde cada um deveria ler. Após a leitura a professora explicou que fariam a reescrita do texto, mas com suas palavras. Eles reclamaram da atividade proposta, mas a professora justificou que já estavam acostumados a fazer essa atividade, então seria fácil!

A professora leu novamente e perguntou qual o significado da moral da história? Um aluno respondeu de maneira incompleta e a professora completou a resposta dada pelo aluno.

Distribuiu as folhas e disse que deveriam escrever o nome e a data. Pediu para guardarem os cadernos embaixo da mesa e avisou: “eu já expliquei várias vezes. Reescrita não é cópia do texto; vocês devem reescrever da maneira como entenderam a história”. Então apagou a lousa.

Os alunos começaram a produzir o texto e fizeram várias perguntas a respeito da ortografia das palavras. A professora avisou que, caso precisassem consultar o dicionário poderiam pegá-los no armário.

A turma permaneceu em silêncio; no entanto vários alunos, não fizeram a atividade proposta, brincando com o dicionário, com o material, tentando copiar o texto do caderno. A professora permaneceu em sua mesa preparando atividades, escrevendo no diário. Havia vários alunos ociosos.

Passados trinta minutos, a pedido da professora, os alunos começaram a leitura de seus textos. Um aluno começou a leitura, no entanto, o tom de voz era baixo demais; a professora pegou o texto para fazer a leitura e, no final, perguntou se a história era assim mesmo. Em seguida, solicitou a leitura de outro aluno. Todos prestaram atenção.

O segundo texto lido foi elogiado pela professora. Alguns alunos disseram que não colocaram a moral da história e perguntaram se era necessário. A professora respondeu que sim, pois toda fábula tem moral da história. Após a leitura de alguns textos, a professora explicou que a atividade seguinte consistia em aproveitar uma parte da história de cada aluno para construírem uma reescrita coletiva, e dessa forma, o texto ficaria melhor. Após a reescrita, todos deveriam copiar no caderno. Eles voltaram a reclamar, pois escreveriam três vezes o mesmo texto!

Cada aluno leu um parágrafo de seu texto. A professora justificou que dessa forma seria possível realizar uma reescrita na qual todos os alunos pudessem

colaborar com uma parte de seu próprio texto. No entanto alertou que o trabalho de corrigir o que estivesse errado seria dela.

Reescrita coletiva

Uma raposa morta de fome foi ao vinhedo. Ela encontrou muitas uvas e ficou lambendo os beijos.

Mas as uvas estavam verdes e azedas.

Então a raposa saiu reclamando e dizendo que não queria mais comê-las.

Moral: Não se deve desprezar aquilo que não consegue conquistar.

As palavras grifadas foram questionadas quanto à ortografia. À medida que escrevia, a professora perguntava qual a maneira correta de escrever; vários alunos apresentavam sugestões até que ela dissesse que deveriam procurar no dicionário. Sob muita reclamação e protesto, cinco ou seis alunos procuravam.

A professora ressaltou que o texto ficou bem pequeno, mas tinha começo, o meio e o final, que era o mais importante. Pediu para copiarem no caderno.

As folhas que fizeram individualmente foram recolhidas, pois a professora faria a correção ortográfica.

Essa atividade se estendeu por cerca de uma hora e quarenta minutos.

ESCOLA 1**PERÍODO: manhã****1º. Sessão: Produção de texto**

A oficina ocorreu na sala de Leitura da escola. A sala era grande, com várias estantes, brinquedos e jogos, e mesas para uso coletivo. Os alunos participantes se organizaram um em cada mesa.

Após a explicação dos procedimentos gerais, foi dado início ao “Intercâmbio de ideias” sobre textos narrativos. A pesquisadora elencou na lousa as respostas dos alunos:

Começo, meio e fim; letra maiúscula no início do parágrafo.

Diante da limitação de sugestões oferecidas pelos alunos a pesquisadora perguntou se aqueles eram os itens necessários à produção de um texto narrativo; então completaram que era necessário um título.

A pesquisadora entregou uma folha com a sequência de figuras para dar início à leitura silenciosa individual e à leitura oral coletiva. Sem demonstrar dificuldades, perceberam os aspectos relacionados à sequência de figuras: os personagens, a dinâmica do texto, o cenário onde tudo aconteceu e que se tratava de uma fábula. A produção do texto individual começou.

Eles produziram o texto sem demonstrar dúvidas. O ambiente onde ocorreu a oficina favoreceu a busca de informações nas capas dos livros dispostos nas prateleiras. Ainda que timidamente, consultaram a capa de uma “Revista Ciência Hoje para crianças” que trazia uma reportagem sobre formigas.

Nenhum aluno solicitou o uso do dicionário. Apenas uma aluna leu o texto antes de entregar. A atividade durou cerca de 30 minutos.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

A pesquisadora devolveu os textos e solicitou a leitura silenciosa. Em seguida, explicou que fariam a correção do texto, considerando os itens do roteiro de revisão, devendo grifar o que considerassem errado ou que poderiam melhorar.

Ao iniciarem a leitura, sugeriram as primeiras dúvidas. Não solicitaram o uso do dicionário, embora todos tivessem admitido não tê-lo usado no momento do preenchimento do roteiro de Reescrita do texto.

Os alunos pareciam tímidos e pediam para fazer perguntas: Caçador é com ss? E passarinho, também se escreve com ss?

A pesquisadora lançava as perguntas para a turma, na tentativa de se estabelecer um diálogo sobre o que escreveram e como. Um aluno perguntou se podia procurar a palavra “caçador” no dicionário. A pesquisadora respondeu que poderia uma vez que não tinham chegado a um consenso sobre a escrita daquela palavra.

Encontraram a palavra e a pesquisadora a escreveu na lousa.

À medida que surgiam mais dúvidas, após solucionadas as palavras eram registradas na lousa e, assim, foi construída a primeira ferramenta:

Caçador – assim – certa – riacho – terra – chão – correu – pedaço – pisou – de repente – muito.

Um aluno perguntou se poderia modificar um pouco seu texto. A pesquisadora respondeu que poderia.

Os alunos, embora tímidos, começam a interagir com a atividade demonstrando curiosidade e empenho em realizá-la.

Outro aluno perguntou para o colega se “a formiga dele tinha nome” (referindo-se à personagem do texto). O colega respondeu que não. O aluno perguntou para a pesquisadora como poderia resolver o problema de repetição de palavras. Ele notou que em seu texto havia várias vezes a palavra “ela” para se referir a “formiga”.

A pesquisadora perguntou para os demais participantes da oficina como eles procederam nos seus textos ao se referir àquele personagem. Uma aluna disse que escreveu “ela” e, às vezes “formiga”.

A professora registrou na lousa:

Formiga, ela.

A pesquisadora perguntou se poderiam utilizar essa estratégia em outros casos, mas nenhum aluno reconheceu que poderia usá-la com os demais personagens.

A pesquisadora, como mediadora do processo, explicou que poderiam usar aquela mesma estratégia no caso dos outros personagens também. Eles gostaram da ideia e sugeriram o uso de sinônimos e pronomes. A sugestão foi registrada na lousa:

Pássaro, ele

Caçador, ele, o homem.

Foi a segunda ferramenta construída para consulta da turma.

Nova leitura foi feita antes de começarem a reescrever o texto e fazer as devidas correções. A atividade durou cerca de uma hora e trinta minutos.

ESCOLA 2

PERÍODO - Manhã

1º sessão: Produção do texto

A oficina aconteceu na sala de informática da escola. Só havia mesas coletivas, então os alunos se sentaram em duplas. Participaram quatro alunos: três meninas e um menino.

Após a explicação dos procedimentos gerais, foi dado início ao “Intercâmbio de ideias” sobre textos narrativos. A pesquisadora elencou na lousa as respostas dos alunos:

Título; começo, meio e fim; letra maiúscula no início do parágrafo e em nomes de personagens; parágrafo.

A pesquisadora perguntou se aqueles eram os itens necessários à produção de um texto narrativo; então completaram: pontuação.

A pesquisadora entregou uma folha com a sequência de figuras para dar início à leitura silenciosa individual e à leitura oral coletiva. Os alunos perceberam os personagens envolvidos na sequência de figuras, bem como a dinâmica da história. A produção do texto individual começou.

Eles escreveram rapidamente, sem demonstrar problemas ou dúvidas. Nenhum aluno solicitou o uso do dicionário. Apenas uma aluna leu o texto antes de entregar. A atividade durou cerca de 30 minutos.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

A pesquisadora entregou os textos e pediu que lessem silenciosamente. Após a leitura, explicou que fariam a correção do texto, considerando os itens do roteiro de revisão, devendo grifar o que considerassem errado ou que poderiam melhorar.

Foi nesse momento que as dúvidas começaram, sobretudo as relacionadas à ortografia correta das palavras; então, solicitaram o uso de dicionários.

Após a leitura do texto, o aluno M. notou que algumas palavras estavam repetidas e perguntou se poderia mudar a maneira como escreveu. “Evitar a

repetição de palavras” era um dos itens do roteiro de reescrita do texto, o que certamente o motivou a ter um olhar mais atento às repetições.

A pergunta de M. motivou os demais alunos a buscar por repetições de palavras no texto. A pesquisadora perguntou como pensavam fazer as substituições e responderam que podiam fazer perguntas entre eles. Sugeriu-se a construção de uma lista para a qual todos os alunos poderiam opinar e poderiam consultá-la no momento de reescrever o texto. Eles gostaram da ideia e a primeira ferramenta foi construída:

Pássaro: passarinho, ele, bichinho.

Formiga: ela

E quando: então, assim, depois que.

Nova leitura foi feita antes de começarem a reescrever o texto. Esta atividade durou cerca de uma hora e vinte minutos.

ESCOLA 2

PERÍODO: Tarde

1º sessão: Produção do texto

A oficina dos alunos da turma da tarde aconteceu sob as mesmas condições e no mesmo local que da turma da manhã. Participaram dessa oficina três alunos e sentaram-se em mesas individuais.

Após a realização dos procedimentos gerais, a pesquisadora iniciou o “Intercâmbio de ideias” sobre os textos narrativos e elencou na lousa as respostas dos alunos.

Começo, meio e fim; título; letra maiúscula e Parágrafo.

A pesquisadora questionou se aqueles eram os itens necessários para escrever um texto e eles responderam afirmativamente.

Os alunos preparam-se para os procedimentos de leitura individual silenciosa, leitura coletiva oral e produção do texto.

A história foi contada pelos alunos de maneiras diferentes: um aluno entendeu que o pássaro era desastrado e empurrou a formiga para dentro do rio, outro aluno entendeu que a formiga escorregou quando se aproximou do rio e o terceiro afirmou que a formiga escorregou no mar quando passeava pela floresta.

Não houve discussões quanto às diferenças entre as versões. Cada aluno parecia satisfeito com a própria versão apresentada. A produção do texto foi iniciada.

Eles escreveram rapidamente, sem demonstrar problemas ou dúvidas. Nenhum dos alunos leu o texto antes de entregar, tampouco solicitou ajuda da pesquisadora ou o uso do dicionário. A atividade durou cerca de 30 minutos.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

A pesquisadora entregou os textos produzidos na primeira sessão e solicitou a leitura silenciosa. Explicou que fariam a correção do texto considerando os itens que compõem o roteiro para revisão, de acordo com os procedimentos gerais adotados.

Foi a primeira leitura que fizeram do próprio texto. À medida que liam, preenchiam o roteiro de releitura do texto. As dúvidas concentravam-se sobre a ortografia e a maneira como organizaram o texto. As perguntas começaram e a pesquisadora propôs que poderiam fazer uma lista dos itens sobre os quais apresentavam dúvidas para consultarem durante a reescrita do texto. Os alunos aprovaram a ideia e a pesquisadora elencou as dúvidas na lousa.

Uma aluna sugeriu um nome para aquele procedimento: “como se escreve?”. Começou, assim, a confecção da ferramenta composta por palavras em que os alunos apresentavam dúvidas quanto a ortografia: caçador, certa vez, passear, passar, escorregou, caiu, riacho saiu, correndo, atirou, distraída, empurrou.

Os alunos fizeram grifos em alguns trechos e um aluno pediu para fazer uma pergunta. Ele queria saber se a formiga caiu no rio ou no mar. Perguntamos aos colegas o que achavam. Outra aluna respondeu que a formiga caiu no rio ou poderia ser lagoa ou ainda lago *“porque na floresta não tem mar”*. O terceiro aluno disse que escreveu riacho em vez das outras opções. Então, o aluno perguntou à pesquisadora se poderia mudar essa parte no texto, pois acreditava que ficaria melhor. A pesquisadora respondeu que o momento da reescrita serve para pensarem e refletirem: o que se pode fazer/mudar para tornar o texto melhor.

Outra aluna perguntou se ela poderia mudar algumas coisas no texto, pois a professora nunca deixava modificar seu texto quando ela queria. A pesquisadora disse que poderia, sim.

Os alunos utilizaram a ferramenta de sistematização durante a reescrita do texto. Houve momentos de troca de ideias entre os alunos sobre a composição do parágrafo. A preocupação dos alunos era fazer parágrafos muito pequenos e buscavam sugestões com os colegas sobre detalhes que poderiam escrever.

A integração entre os alunos foi importante para o enriquecimento do texto. A atividade de releitura e reescrita durou cerca de quarenta minutos.

ESCOLA 3

PERÍODO - Manhã

1º sessão: Produção do texto

A oficina aconteceu na brinquedoteca da escola. Havia oito mesas arrumadas em forma de círculo no centro da sala. Os quatro alunos participantes se organizaram mesas individuais. Após a explicação dos procedimentos gerais e do “intercâmbio de ideias”, a pesquisadora elencou na lousa as sugestões dos alunos quanto aos textos narrativos: título; começo, meio e fim; letra maiúscula no início do parágrafo e em nomes de personagens; existência de personagens e necessidade de escrever sobre eles; parágrafo; pontuação; deve ter coerência; não poder fugir do tema; não poder repetir palavras; organizar bem os fatos, na sequência certa; descrever o cenário.

Os alunos pensaram sobre outras possibilidades que poderiam acrescentar à lista, mas repetiram o que já estava descrito, por exemplo, ponto final e vírgula que fazem parte do item Pontuação. Um aluno finalizou dizendo: “isso é tudo!”.

A pesquisadora prosseguiu com a oficina, ouvindo atentamente a leitura coletiva dos alunos. A história foi contada sem problemas, de maneiras diferentes; cada um colaborou explicando uma cena de maneira organizada.

Um aluno perguntou se a palavra caçador era escrita com ss ou ç. Não houve consenso entre eles, então solicitou-se o uso do dicionário. A dúvida foi resolvida e a pesquisadora propôs a construção de uma lista das palavras que apresentavam dúvidas na lousa. Os alunos, habituados a essa prática, sugeriram outras palavras: pássaro, riacho, passear, de repente, vez, caiu.

A primeira ferramenta de sistematização foi elaborada logo na primeira sessão da Oficina e antes da escrita do texto. A pesquisadora perguntou se havia

outras dúvidas. Diante da resposta negativa, começou o trabalho de escrever o texto.

Todos os alunos leram seus textos antes de entregar deixando claro que esta é uma prática que já faz parte do cotidiano deles. A atividade durou cerca de 50 minutos.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

Os textos escritos pelos alunos foram entregues e foi dado prosseguimento à segunda sessão da Oficina conforme o padrão de procedimentos adotado.

Os alunos reconheceram a estratégia de reescrita de texto, pois é a mesma que a professora utiliza em suas aulas, então, sem precisar de mais explicações, começaram a ler o texto e observar os itens do roteiro.

Um aluno perguntou se poderiam modificar o texto e a pesquisadora responde afirmativamente. Outro disse que gostaria de mudar um parágrafo, pois precisava encontrar uma maneira de não repetir o pronome “ela” quando se referia à formiga. A colega ao lado sugeriu que ele nomeasse o personagem ou escrevesse a palavra formiga. A pesquisadora elogiou a ajuda da colega e registrou na lousa os substitutos, conforme sugestões dos alunos:

Formiga: ela, nome da formiga.

Passarinho: ele, nome do passarinho, pássaro.

Foi construída a segunda ferramenta de sistematização para a reescrita. Depois da leitura e de esclarecimentos das dúvidas os alunos começaram a reescrever o texto e a consultar a ferramenta de sistematização construída. A atividade durou cerca de 50 minutos.

ESCOLA 3

PERÍODO - Tarde

1º sessão: Produção do texto

A oficina aconteceu na brinquedoteca da escola sob as mesmas condições da oficina do período da manhã. Após os procedimentos gerais e o “intercâmbio de ideias” sobre o texto narrativo, a pesquisadora elencou na lousa as sugestões dos alunos: título; parágrafo; pontuação; organizar bem os fatos, na sequência certa, com começo, meio e fim; letra maiúscula no início do parágrafo e em nomes

próprios; personagens; usar dicionário quando houver dúvida; não mudar a história; não repetir palavras; local em que a história acontece; dar nome aos personagens.

É possível perceber a diferença entre as turmas participantes das oficinas a respeito dos conhecimentos sobre os elementos necessários à escrita de uma narrativa. A turma do momento, por exemplo, sugeriu itens que não apareceram em oficinas realizadas em outras escolas.

A pesquisadora procedeu conforme o padrão de realização das oficinas, ouvindo a história contada pelos alunos, e uma discussão começou a respeito do cenário: era mata? Floresta? Poderia ser um bosque, afirmou um aluno. Outro aluno perguntou o que era um bosque. Sua colega esclareceu que era parecido com uma floresta, mas bem menor. Perguntaram à pesquisadora como poderiam nomear o cenário; ela respondeu que se todas as opções se encaixarem com a cena, cada um pode escolher o que julgar melhor.

Outra discussão foi estabelecida sobre o “rio”. Um aluno disse que podia ser lago ou lagoa. Outro disse que podia ser um riacho. Novamente perguntaram para a pesquisadora o que deveriam escrever e ela procedeu da mesma maneira; orientando que escrevessem como quisessem, pois todas as sugestões estavam de acordo com o cenário da história.

Foi possível perceber certa insegurança na tentativa de escrever da melhor maneira possível desde a primeira vez. Embora houvesse discussão, sempre procuraram uma resposta final.

A pesquisadora perguntou se havia outra dúvida. Um aluno perguntou se poderiam usar o dicionário, e ela respondeu afirmativamente; então deixaram de apresentar suas dúvidas e começaram a produzir o texto. Todos os alunos leram o texto antes de entregar.

A atividade durou cerca de uma hora.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

Os textos foram entregues e a pesquisadora seguiu o procedimento padrão. Um aluno perguntou se poderia mudar o nome dos personagens, e ela respondeu afirmativamente.

Após a leitura, os alunos procuraram esclarecer as dúvidas, principalmente a respeito da ortografia. No entanto, usaram o dicionário com bastante autonomia.

Eles conversaram bastante sobre os nomes que deram aos personagens e sobre como designaram o cenário: mata, floresta, bosque. Não houve necessidade de construir ferramentas de consulta dada a integração e autonomia dos alunos em utilizar o dicionário. A atividade foi realizada sem problemas e durou cerca de 50 minutos.

ESCOLA 4

PERÍODO - Manhã

1º sessão: Produção do texto

A oficina aconteceu na sala dos professores que não estava sendo utilizada naquele momento. A coordenadora orientou os funcionários a não entrarem na sala enquanto estivéssemos lá. Havia uma mesa longa no centro da sala, com várias cadeiras ao redor e um vaso no meio. Participaram quatro alunos.

Dando início ao procedimento padrão, a pesquisadora registrou em uma folha de sulfite as sugestões dos alunos no “Intercâmbio de ideias”: título; parágrafo; começo, meio e fim; letra maiúscula no início do parágrafo e em nomes de personagens; pontuação e cenário.

Foi entregue uma folha com a sequência de cenas e após a realização do procedimento padrão, a história foi contada sem problemas. Todos perceberam a presença dos personagens e a dinâmica da história, afirmaram se tratar de uma fábula e perguntaram se era necessário escrever a moral da história.

Um aluno perguntou sobre o limite de linhas para o texto, e a resposta foi que não havia limites, mas deveria como eles mesmos falaram, ter começo, meio e fim.

Eles escreveram textos longos e se orgulharam por isso, mostrando para a pesquisadora a folha. Apenas dois alunos leram o texto antes de entregar. A atividade durou cerca de 30 minutos.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

Os textos foram entregues em prosseguimento à Oficina, de acordo com o padrão de realização. Os alunos perguntam o que era reescrita. Uma aluna respondeu que era “escrever de novo”. A notícia não agradou à turma, pois entenderam que deveriam copiar o texto novamente. A pesquisadora explicou que a reescrita tinha como objetivo a releitura da história como oportunidade de corrigir ou

modificar o que julgassem necessário e que, para isso, teriam o auxílio de um roteiro de reescrita de textos.

A pesquisadora apresentou o roteiro de reescrita de texto, continuando a Oficina. Um aluno, enquanto lia o roteiro de reescrita, disse em voz alta que ninguém usaram o dicionário e todos concordaram acenando com a cabeça.

Os alunos pareciam impacientes com a proposta da atividade, pois escreveram textos longos e deveriam lê-los. Nenhum questionamento foi feito pelos alunos, então a pesquisadora perguntou se havia dúvidas e todos acenaram negativamente com a cabeça. Teve início a reescrita do texto.

As dúvidas começaram a surgir à medida que as leituras avançavam: Perguntou-se se a palavra “caçador” era escrita com “ss” ou “s”, “pássaro” com “s” ou “ss”, “riacho” com “x” ou “ch”. A pesquisadora lançava as dúvidas para a turma e quando acertavam a resposta, escrevia a palavra correta na lousa e buscava refletir com eles sobre a ortografia, questionando como poderiam ter certeza daquela resposta. As justificativas para a ortografia basearam principalmente na afirmação de já terem lido aquela palavra em uma história, ou na capa de um livro, por exemplo. Foi a única ferramenta construída para a reescrita de texto.

Riacho, caçador, pássaro, floresta, de repente, certa, vez.

À medida que terminavam perguntavam se podiam entregar a folha e a pesquisadora insistia para que fizesse a leitura do texto todo antes de entregá-lo. A atividade durou cerca de uma hora.

ESCOLA 4.

PERÍODO: Tarde

1º sessão: Produção do texto

A oficina aconteceu na própria sala de aula, pois a professora concordou em participar da pesquisa, contanto que fosse realizada com toda a turma. A pesquisadora propôs, então, que a oficina fosse realizada com a turma toda, mas somente analisada uma amostra de 20% do total de alunos. Participaram da Oficina 23 alunos, sentados em mesas individuais.

A pesquisadora iniciou a Oficina de acordo com o procedimento padrão. Alguns alunos gostaram da ideia, outros não pareciam entusiasmados com a atividade.

Foram elencadas na lousa as sugestões propostas pelos alunos no “Intercâmbio de ideias”: título; parágrafo; pontuação; começo, meio e fim; letra maiúscula no início do parágrafo e em nomes próprios; não pode fugir do tema; coerência e coesão; personagens.

Embora a turma fosse maior, os alunos pareciam colaborativos, respeitavam a pesquisadora e chamavam a atenção dos colegas quando começavam a conversar. A professora da classe esteve presente o tempo todo, sentou-se no fundo da sala e não interferiu durante a Oficina.

A pesquisadora deu sequência à Oficina, ouvindo a história contada pelos alunos considerando a sequência de figuras distribuídas.

A história foi contada de diferentes maneiras, com muitos detalhes; havia mais alunos e todos queriam participar. Houve discussões sobre o cenário, sobre as ações dos personagens, sobre o objeto que o pássaro lançou na água para ajudar a formiga. Enquanto um grupo de alunos afirmava ser um galho de árvore, outro grupo insistia que se tratava de uma corda. Um aluno discordou perguntando onde o passarinho encontraria uma corda no meio da floresta e outro aluno respondeu que ele deveria usar a imaginação.

Um aluno perguntou à pesquisadora se poderiam dar nomes de gente para os personagens. Antes que a resposta pudesse ser dita, uma aluna interferiu, dizendo que poderia, sim, pois se tratava de uma fábula, um tipo de texto em que os animais agem como gente. Um aluno perguntou quantas linhas deveria ter o texto e a pesquisadora respondeu da mesma maneira que nas outras oficinas: não havia limites de linhas.

A pesquisadora perguntou se havia alguma dúvida, então, sem nenhuma timidez, um aluno perguntou se a palavra “de repente” se escrevia junta ou separada. A turma se encarregou de responder e a pesquisadora registra a resposta na lousa. Várias outras perguntas foram feitas: *certa vez se escreve com s ou z? resolveu termina com u ou l? longe é com g ou j? passou, termina com u ou l?* A turma respondia às dúvidas e a pesquisadora as registrava na lousa. Foi feita a primeira ferramenta de sistematização para consulta dos alunos.

Diante das dúvidas persistentes quanto à escrita correta dos verbos no passado, a pesquisadora interferiu, perguntando se a professora já havia explicado o que era verbo e os alunos alegaram que sim. A pesquisadora então explicou que todo o verbo na terceira pessoa do singular, no passado, se escreve com u no final.

Pediu exemplos para a turma e eles falaram: achou, escreveu, passeou, caiu, resolveu, encontrou, atirou, picou, voou.

Essa foi a segunda ferramenta construída com os alunos para a escrita do texto. A atividade durou cerca de uma hora e dez minutos. A pesquisadora insistiu para que lessem os textos antes de os entregarem.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

Os textos foram entregues aos alunos, dando início à segunda sessão da Oficina, conforme o procedimento padrão. Eles parecem surpresos com a proposta da pesquisadora e perguntaram o que era reescrita. A pesquisadora explicou que fariam a leitura do texto e as correções, considerando os itens do um roteiro de reescrita do texto.

Eles, prontamente, começam a ler o roteiro; alguns alunos se mostram confusos e a pesquisadora propôs a leitura coletiva.

Todos admitiram não ter usado o dicionário. Outros constataram a ausência do título e uma aluna ficou surpresa ao perceber a repetição do pronome “ele” e “ela” para identificar os personagens principais. A pesquisadora perguntou como ela poderia mudar aquilo, pedindo sugestões à turma. Outra aluna respondeu que deu nome aos personagens e, outras vezes, escreveu formiga e pássaro para não repetir. A pesquisadora escreveu as sugestões na lousa:

Formiga – ela – nome do personagem

Pássaro – passarinho – ela – nome do personagem

Caçador – ele – nome do personagem

Foi à terceira ferramenta construída na oficina. Alguns alunos pareciam impacientes com a atividade, no entanto realizaram-na.

A atividade durou cerca de uma hora.

ESCOLA 5

PERÍODO - Manhã

1º sessão: Produção do texto

A oficina aconteceu na biblioteca da escola. Havia duas mesas redondas no centro da sala. Os cinco alunos participantes se organizaram em uma dupla e um trio.

Seguindo o procedimento padrão, a oficina de produção de texto teve início. Depois de realizado o “Intercâmbio de ideias”, as sugestões dos alunos foram registradas em uma folha de sulfite, pois na biblioteca não havia lousa: começo, meio e fim; letra maiúscula; parágrafo; pontuação; personagens.

A pesquisadora apresentou a sequência de figuras conforme o procedimento padrão.

A história foi contada sem muitos detalhes, com pouca descrição dos personagens e do cenário.

A pesquisadora propôs a escrita da história e um aluno perguntou quantas linhas deveria ter. A pesquisadora respondeu que não havia um limite, mas a história deveria estar bem explicada para que pudesse ser entendida. Outro aluno perguntou se deveria escrever uma frase para cada *quadrinho*, referindo-se a cada cena da figura. A pesquisadora explicou que o conjunto das cenas compunha uma história, as frases deveriam estar ligadas e, antes que pudesse concluir, outro aluno interrompe esclarecendo que se fossem escritas frases, não seria uma história, ficariam só frases!!

A atividade foi realizada rapidamente como se estivessem com pressa de finalizá-la. Apenas dois alunos leram antes de entregar. A atividade durou cerca de trinta minutos.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

A pesquisadora deu início à oficina de reescrita, seguindo o procedimento padrão.

Foi a primeira leitura que fizeram do próprio texto e prosseguiram com o preenchimento do roteiro de releitura do texto. Um aluno perguntou sobre o que deveria marcar no item “Evitei a repetição de palavras”, não ficou claro para o aluno em que situações ocorria a repetição das palavras, então, a pesquisadora pediu para ler o primeiro parágrafo.

Outro aluno alertou para a escrita repetida da palavra formiga. O aluno demonstrou que entendeu, mas não sabia como resolver aquela questão. A pesquisadora perguntou como o poderiam fazer. Diante da ausência de sugestões, a pesquisadora explicou que a palavra poderia ser substituída por “ela”, ou em alguns casos, poderia ser omitida, já que estava claro que fazia referência ao mesmo personagem.

A pesquisadora propôs que construíssem uma lista de substitutos e registrou em folha de sulfite:

Formiga – ela – dela – nome para a personagem.

Perguntou se havia outra situação em que se poderia usar essa mesma estratégia. Uma aluna respondeu que poderia usar também no caso do “pássaro” e a pesquisadora registrou:

Pássaro – ele – passarinho – nome para o personagem.

Outras dúvidas quanto à ortografia surgiram. Os alunos começaram a se mostrar menos tímidos e deram mais sugestões para as dúvidas que surgiram:

Caçador – riacho – margens – ensolarado – árvore – passeava – caiu - escorregou.

Essas foram as ferramentas de sistematização construídas para a reescrita do texto. Sem mais dúvidas, começaram o trabalho que durou cerca de uma hora. A pesquisadora insistiu para que fizessem a leitura antes de entregar a atividade.

ESCOLA 5

PERÍODO -Tarde

1º sessão: Produção do texto

A oficina aconteceu na biblioteca da escola, sob as mesmas condições que a Oficina da turma do período contrário. Seguindo o procedimento padrão para a realização da oficina, a pesquisadora registrou em uma folha de sulfite as sugestões vindas do “Intercâmbio de ideias”: começo, meio e fim; letra maiúscula; parágrafo; pontuação; lugar onde a história acontece; personagens.

Dando prosseguimento conforme os procedimentos gerais, a história contada pelos alunos revelou poucos detalhes sobre os personagens e o cenário. A escrita dos textos foi iniciada com a pergunta de um aluno sobre o limite de linhas. A pesquisadora respondeu que não havia limites. Um aluno perguntou se deveria escrever a moral da história e a resposta foi que poderiam, caso julgassem necessário.

A turma pareceu bastante tímida. Realizaram a atividade sem perguntas, questionamentos e rapidamente. A atividade durou cerca de trinta minutos. Nenhum aluno realizou a leitura antes da entrega do texto.

2º. Sessão: Reescrita do texto.

A pesquisadora entregou os textos aos alunos e, conforme o procedimento padrão, apresentou o roteiro de reescrita. Os alunos se mostraram surpresos e confusos com a proposta e perguntavam se deveriam copiar o texto novamente. A pesquisadora explicou que, após a releitura e a correção, considerando os itens do roteiro, reescreveriam o texto.

Foi a primeira leitura feita do próprio texto para a maioria dos alunos. O roteiro foi preenchido com o auxílio da pesquisadora, pois não entendiam o significado dos itens: “repetição de palavras, descrever com clareza, limpeza ortográfica” eram termos que não estavam habituados a ouvir.

Uma aluna achou engraçado haver no roteiro o uso do dicionário e disse: *“mas o dicionário não serve só pra procurar palavras”*? Essa afirmação demonstra a ausência do uso do dicionário em sala de aula para outros fins que não fosse pela procura de sinônimos.

A pesquisadora insistiu na leitura do texto. Eles ficaram surpresos ao perceber que não tinham dado um título ao texto e começaram a perceber o que estava faltando nele.

Podia-se notar que retomar a leitura do texto escrito os auxiliou a perceber suas falhas. No entanto, a leitura concentrou-se na busca pelos erros ortográficos. Começaram as perguntas sobre a escrita correta das palavras e a pesquisadora procurava discutir a dúvida com os alunos; quando tinham a resposta correta, a palavra era registrada em uma folha de sulfite; caso contrário, verificava-se no dicionário.

Construção da ferramenta:

Caçador – pássaro - salvou – pegou – derrubou – lagoa – mato – agradeceu – passear – viu.

No caso dos verbos no passado cuja terminação deveria ser com “u”, os alunos notaram que não era possível encontrar aquelas palavras no dicionário e nova discussão foi estabelecida entre a pesquisadora e os alunos. A pesquisadora explicou que aquelas palavras - salvou, derrubou, agradeceu e viu - indicavam ações realizadas pelos personagens da narrativa. Pediu para localizarem as palavras no texto do aluno que apresentou a dúvida e procurou mostrar a ligação entre o verbo e o personagem. Explicou também que aquelas ações indicavam o que já acontecera, e se chamava tempo passado. A conclusão foi que os verbos no passado apresentavam terminação em “u” e não com a letra “l”.

Nova ferramenta foi construída seguindo as sugestões dos alunos: salvou, derrubou, agradeceu, viu, caiu, empurrou, ajudou, atirou.

Um aluno perguntou se poderia mudar um pouco a história, do jeito que ele escreveu. A pesquisadora respondeu que poderia haver correções, sim, desde que ele respeitasse o último item do roteiro “fiel ao tema”.

Depois de solucionadas as dúvidas, eles começaram a reescrever o texto. A pesquisadora insistiu para que realizassem a leitura antes de entregar os trabalhos. A atividade durou cerca de uma hora.

Anexo 5- Textos produzidos pelos alunos

A FORMIGUINHA É O CASADOR

É UM DIA A FORMIGUINHA ESTAVA PIZANDO TRAIÇÃO -
 UMETE NA BEIRA DO RIO ELA ESCOREGOU -
 O PASSARINHO FOI PARA AGUDAR A FORMIGUINHA O PASSARINHO
 PEGOU CALHO E SAUVOU A FORMIGUINHA.
 O PASSARINHO É A FORMIGUINHA VIRARÃO A MIGUINHA
 O CASADOR FAI A TIRANO PASSARINHO A
 A FORMIGUINHA VOI MO TÔ O PÊ DO CASADOR É O CASADOR
 A TIROU O RADO.

ESCRITA DA ALUNA 1A

A FORMIGUNHA E A PASSARINHO

ÉRA UMA DIA A FORMIGUNHA ESTAVA PASSEANDO -
 DE REPANTA A FORMIGUNHA ESCORREGOU.

- O PASSARINHO FOI A TUBAR A FORMIGUNHA -
 A PASSARINHO PEGOU UMA CORDA E TALOU.

- ESCORUA NA CORDA.

A FORMIGUNHA

A FORMIGUNHA É O PASSARINHO VIRARÃO -
 AMIGAS

TAVA QUENDO DE REPONTE O CAÇADOR
 A JAI A TIRA NO PASSARINHO.
 A FORMIGA VIU O CAÇADOR A FORMIGA
 MODEU O PÊ DO CAÇADOR.

REESCRITA ALUNA 1A

uma formiguinha que estava imbuída
do: então ele estava vendo o rio. a
formiguinha caiu no rio e a passarini-
nha pegou uma corola e a passari-
nha puchano eles ficaram amigos
um homem a pendo por passa-
rinha e a formiguinha. ele e
pico o pé do homem o passa-
rinha fugiu eles ficaram muito
amigo.

ESCRITA ALUNA 1D

A formiguinha e a passarinha
Uma formiguinha estava imbuída
do modo ela estava vendo o rio.
A formiguinha caiu no rio e a passari-
nha viu.
A passarinha pegou a corola e puchou
a formiguinha.
Eles ficaram muito amigos.
Um caçador apertou uma arma na
passarinha e a formiguinha viu.
A formiguinha pichou o pé do ca-
çador.
A formiguinha e a passarinha fica-
ram amigos para sempre.

REESCRITA DA ALUNA 1D

A formiga e o passarinho

Certo dia, uma formiga estava em um rio para beber água. Quando de repente tropeçou e começou a se gaguejar e apareceu um patibazinho para ajudar a formiga dar do rio.

O passarinho veio com uma corda para ajudar a formiga. O passarinho disse:

— Venha segurar na corda para eu pular.

A formiga segurou-se na e o passarinho pulou.

A formiga agradeceu tanto por o passarinho ter ajudado ela.

O patibazinho foi ruondo para o seu nome, quando ignorou um coisado que queria matá-lo.

O passarinho que ficou assustado ficou tremendo de medo na formiga

que não queria mais pular o pé do coador e o passarinho foi embora. E o coador aprendeu a lição que nunca mais iria matar um passarinho.

A formiga e o passarinho

Certo dia uma formiga estava em um rio para beber água.

Quando de repente tropeçou e começou a se afogar e apareceu um passarinho para ajudar a formiga e disse:

- Venha segure nesta corda para eu tirar você do rio!

A formiga desesperada segurou firme na corda e o passarinho a puxou.

A formiga muito agradecida falou para o passarinho:

- Muito obrigado meu amigo, passa de pressa de alguma coisa e de falar.

No outro dia o passaro estava em seu rio tranquilamente quando de repente um caçador veio com uma espingarda para matar o passarinho.

A formiga estava vendo tudo e ela pensou:

Eu vou ajudar o meu amigo de levar do caçador.

Então a formiga foi ajudar o seu amigo, e puxou o caçador. O caçador aprendeu a lição que nunca mais iria mata bicos e animais.

O passarinho e a formiga

Um belo dia avia uma formiga bebendo água. Ali que chegou e disse: — Socorro, socorro me ajudem: a vejo um passarinho, que falou: Espere vou pegar um barbo depois de alguns minutos o passarinho voltou trazendo um barbo e tirou a formiga do rio, a formiga disse: Se um dia você precisar eu te ajudo. Depois de 2 dias o passarinho tranquilo na árvore, apareceu um caçador que tentou matar o passarinho, mas a formiga foi lá e picou o pé do caçador. O passarinho saiu correndo do pé da formiga e os dois foram melhores amigos e se ajudaram e outros.

ESCRITA DA ALUNA 2A

O passarinho e a formiga

Um belo dia avia uma formiga bebendo água. Ali que chegou e disse: — Socorro, socorro me ajudem: a vejo um passarinho que foi ao rio e voltou trazendo um barbo.

Depois de alguns minutos o passarinho voltou trazendo um pedacinho de barbo e tirou a formiga do rio a formiga disse:

Se um dia você precisar eu te ajudo.
Depois de 2 dias o passarinho tranquilo na árvore e apareceu um caçador que tentou matar o passarinho, mas a formiga foi lá e picou o pé do caçador e ele saiu correndo.
Depois daquele dia os dois foram melhores amigos e se ajudaram e outros.

REESCRITA DA ALUNA 2C

Éra uma vez uma formiga chamada Cesar.

Cesar era muito brincalhão e muito esportivo. Um dia Cesar quis ir até a beira do lago para apreciar a paisagem, sem querer o passarinho Kiko vinha com muita velocidade até o mesmo lugar, ele se descontrolou e impulsionou a formiga no rio, pedindo desculpas o passarinho tornou ele de lá.

Mais tarde eles se encontraram e viraram amigos de verdade.

Os dias se passaram e a formiga pensando como ia retribuir essa ajuda do passarinho. No mesmo dia o passarinho estava tranquilo cantando em um galho, um caçador estava caçando e achou aquele passarinho muito bonito, tentou cogalhe mas para retribuir a ajuda a formiga picou-o e livrou o seu amigo. O passarinho agradeceu muito e eles viveram felizes para sempre.

ESCRITA DO ALUNO 3A

A formiga e o passarinho.

Era uma vez uma formiguinha chamada Gera.

Ele era muito brincalhão e muito esportivo.

Um dia Gera quis ir até a beira do lago para apreciar a paisagem, sem querer, o passarinho Kiko vinha com muita velocidade até se desequilibrar e empurrar a formiga no lago, pedindo desculpas o passarinho tirou ele de lá.

Mais tarde eles se encontraram de novo e viraram grandes amigos.

Os dias se passaram e a formiga pensando como ia retribuir essa ajuda do passarinho, poucas horas se passaram e a formiguinha foi visitar seu amigo, ele estava tranquilo cantando em um tronco de árvore, de repente apareceu um caçador e o viu, aquele pássaro muito bonito, tentou cogalo mas, para retribuir a ajuda a formiga pichou o caçador e livrou o seu amigo.

Ele agradeceu muito a formiga e nunca mais viu um caçador por lá.

REESCRITA DO ALUNO 3A

ERA UM VEZ UMA FORMIGA ELA ESTAVA OLHANDO O RIO, QUANDO A FORMIGA ESCORREGOU

UM PASSARINHO QUE ESTAVA VOANDO VIU O FORMIGA NO RIO ENTÃO RESOLVEU AJUDAR. A FORMIGA

O PASSARO PEGOU UM PEDACO DE CORDA LANÇOU PARA A FORMIGA, ENTÃO A FORMIGA PEGOU A CORDA E O PASSARO PUXOU QUANDO SAIU DA AGUA A FORMIGA DISSE:

— MUITO OBRIGADO! SE NÃO FOSSE VOCÊ EU ESTARIA MORTO AGORA, O PASSARO DIS:

— NÃO FOI DE NADA

UM DIA O PASSARO ESTAVA CANTANDO QUANDO APARECEU UM CAÇADOR QUERENDO PEGAR O PASSARO QUANDO A FORMIGA ENPEDIU E

DANDO UMA PICADA NO PÉ DO CAÇADOR.

ESCRITA DO ALUNO 3B

TÍTULO: A FORMIGA E O PASSARINHO

ERA UMA VEZ UM FORMIGA ELA ESTAVA OLHANDO O LAGO, QUANDO A FORMIGA DESEQUILIBROU E CAIU NO LAGO,

UM PASSARINHO QUE ESTAVA, VOANDO VIU A FORMIGA NO LAGO ENTÃO RESOLVEU AJUDAR A FORMIGA.

O PASSARO PEGOU UM PEDAÇO DE CORDA LANÇOU PARA A FORMIGA, ENTÃO ELA PEGOU A CORDA E O PASSARO PUXOU.

QUANDO SAIU DA ÁGUA A FORMIGA DISSE: — MUITO OBRIGADO! SE NÃO FOSSE VOCÊ EU ESTARIA MORTO AGORA, O PASSARO DISSE:

— NÃO FOI NADA.

UM DIA O PASSARO ESTAVA CANTANDO DE REPENTE APARECEU UM CAÇADOR QUERENDO CAÇAR O PASSARO QUANDO A FORMIGA IMPEDIU.

E DEU UMA PICADA NO PÉ DO CAÇADOR.

U formiguinha Tátá e o passarinho Bidu

Um dia, estava esolado, a formiguinha Tátá, foi até o lago para beber água.

Dai, o passarinho Bidu foi pegar um peixe para se alimentar e de engulir, durubiu a formiguinha Tátá.

Depois o passarinho Bidu foi pegar um pedaço de colóia também tida da floresta!

A formiga ficou bem agradecida com a ajuda do passarinho Bidu.

Depois apareceu o Caçador que é inimigo dos animais, atirou na asa do passarinho Bidu, mas a bala passou de raspão então

o passarinho ocorreu, tudo bem.

Já que o passarinho Bidu salvou a formiguinha, a formiguinha ajudou o seu amigo mordendo o dedão do caçador, o caçador saiu correndo.

E os dois amigos viveram felizes para sempre.

Fim.

ESCRITA ALUNA 4A

A formiguinha Tátá e passarinho Bidu.

Um dia, na floresta, estava ensolarado, a formiguinha Tátá, foi até o lago para beber água.

Dai, o passarinho Bidu foi pegar um peixe para se alimentar e de sem querer, derubou a formiguinha Tátá no rio.

Depois o passarinho Bidu foi pegar um pedaço de corda arrebentada da floresta.

A formiguinha, ficou bem agradecida com a ajuda do passarinho Bidu.

Depois apareceu o caçador que o inimigo dos animais, atirou na asa do passarinho Bidu, mas a bala passou de raspão então o passarinho acorreu, tudo bem.

Já que o passarinho Bidu salvou a formiguinha, a formiguinha ajudou o seu amigo mordendo o dedo do pé do caçador e o caçador saiu correndo. E os dois amigos viveram felizes para sempre.

A amizade

Era um belo dia no campo a formiga gostava de ir ao pé do rio e de repente ele caiu no rio. Então um passarinho que gostava de ajudar as pessoas, ele pegou um pedaço de corda e ajudou.

Como a formiga disse: — Obrigado como que é o seu nome respondendo o passarinho: — é Fernando e o seu nome é Gabriel.

Outro dia o caçador queria matar o passarinho e a formiga pegou: —

Ele ajudou
ele ajudou
quando eu
caí no lago

Então com seu pedaço de dor deu ao caçador uma bela mordida e libertou o passarinho. E o caçador quitava como uma mulher.

Então os dois foram amigos para sempre.

A amizade

Era um belo dia no campo a formiga gostava de ir lá para do rio e de repente ele caiu no rio. Então um passarinho que gostava de ajudar as pessoas. Ele pegou um pedaço de corda e ajudou. Como a formiga disse: — Obrigado como que é o seu nome responde o passarinho: — Fernando e o seu nome é Gabriel. Outro dia o caçador queria matar o passarinho e a formiga pensou: —

DEFO AJUDA
ELE AJUDA
QUANDO É
O ÚNICO
LAGO

Então com seu pedaço de dor deu ao caçador uma bela farsada e libertou o passarinho. E o caçador quitava como uma mulher. Então os dois foram amigos para sempre.

Jim.

reescrita aluna 4B

De ajudar um dia como passar
de ajuda

Um dia uma formiga chamada Liane, que estava se olhando no rio, da floresta, quando ela escorregou, e caiu no rio como um passarinho. Chamado Lucia estava passando por ali. Lucia estrou um galinho e puxou a Liane de dentro do rio. Ai Liane falou:

— Obrigada por me salvar! mas como é o seu nome?

E ela respondeu:

— Meu nome é Lucia! e o seu?

Ela respondeu:

— Meu nome é Liane!

E elas foram amigas!

depois de uma semana:

A Liane estava indo a casa de sua amiga Lucia. Quando ela chegou lá viu um caçador que estava tentando matar a Lucia mas, a Liane viu e pegou o pé do caçador e Lucia viu porque o caçador gritou bem alto ela estremeceu e saiu, e depois ela e Liane foi brincar com a Lucia.

FIM

Escrita da aluna 5B

Se ajudar um dia vamos
precisar de ajudar!

Um dia uma formiga chamada
Liane que estava se banhando no rio,
quando ela foi beber água e caiu,
no rio como um passarinho estava
passando por ali viu a formiga
catou um graveto para ajudar
a Liane de dentro do rio, e Liane
falou:

— Obrigada por me salvar! Mas
qual é o seu nome?

Ela respondeu:

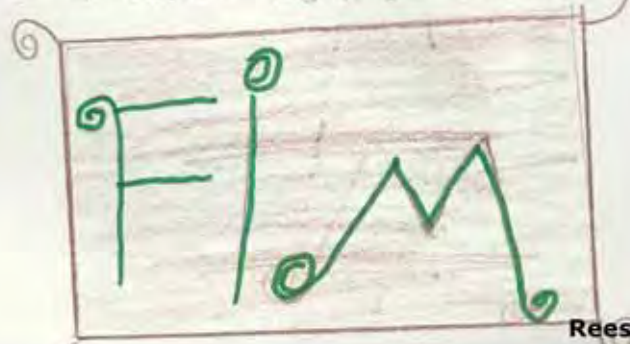
— Meu nome é Lucio, e o seu?

Ela respondeu:

— Meu nome é Liane,
E elas foram amigas!

Depois de uma semana a Liane
estava indo a casa de sua amiga
Lucio.

Chegando lá a Liane viu a Lucio
cantando e um caçador apontando
a arma para Lucio, mas a Liane viu
e picou o pé do caçador e Lucio
curtiu o jeito bem dulto ela saiu
saltando, depois ela a Liane
foi brincar com a Lucio.



Reescrita da aluna 58

O dia da caça, o dia do caçador

Em um belo dia a formiguinha foi ao lago para pescar algumas larvas e outros insetos, ela se sentou e começou a pescar.

Então de repente um pequeno passarinho empurrou a formiga e ela caiu no lago, o passarinho disse:

— Não sabia isto, eu voltei aqui!

Ele pegou um pedaço de cipó e disse:

— Rapaz, o que você está fazendo?

Depois começaram a conversar:

— Me desculpe dona formiga, não voltarei lá agora.

— Não precisa se desculpar, aconteceu o que aconteceu.

Um pouco mais tarde o passarinho Koroto passou por um rio. Estava tão distraído que não viu o caçador, a formiga pulou e começou a picar o caçador. O passarinho Koroto percebeu o caçador e não pôde fazer nada com aquilo.

Moral da história: Uma mão lava a outra.

Escrita do aluno SC

O dia da lagoa, o dia do casalar.

Em um belo dia a formiguinha foi ao lago para pescar algumas e outras insetos, ela se sentou e começou a pescaria.

Então de repente, sem querer um pássaro a formiga e ela caiu no lago, o pássaro disse:

- Não zica daí eu volto logo!

Ele pegou um pedaço de cipó e disse:

- Rapido pegue esse cipó!

Depois correu rápido a pegar o cipó;

- Me desculpe dona formiga não volutaria a acontecer.

- Não precisa se desculpar acidentem aconteceu.

Um pouco mais tarde o pássaro levou para o galho. Estava tão distraído que não viu o capado, a formiga

coçou e começou a partir para cima do O pássaro levou o capado, sendo picado e conseguiu fugir.

Moral: Uma mão lava a outra.

② Passive companies

Éa um vez uma briga que aconteceu lá longe
No meio do Brasil.

El Ojedo muchis raras en agua, quando de raras batens
um raras muito forte que ela come no agua.

Elle tente mainte route. Parque bem no NNE atrevesado um barragem.

Il Narrante tiene in delle labbra e fuma, pensa e tiene un
sigaro.

Die Frage um Rechte der modernen Literatur ist nicht die Frage
des Rechts des.

Este formigo tem muito gosto de ser usado.

A Baniya ogradine iz 1900. do 1905.

- Noe manarado Ba no uot quito de Iuvro.

Ente radio segnate il sito centrale alquanto più vicino al
toro di rodo e l'altitudine o una per il sito o meno.

- Express your thanks in a letter with a copy to the newspaper

Elle lui fit remarquer en parlant de l'homme de bien qu'elle ne l'avait
pas vu.

Este o brânză naturală și foarte bună și recomandăm tuturor
turismenilor să o încerce.

Reescrita do aluno 6A

1114 LO. O cadaver e, o Passaro
Era uma vez a formiga que estava o Shardo
do o Rio. e a formiga caiu na agua e reapareceu
passarinho e ajudou ela a sair do mar a formiga
licku o bichado para o passarinho.

Um dia o Passaro estava no rancho da Avô. Quando veio o Casador para matar ele a formiga viu e foi pica o pé de ele e o Casador caiu dentro da lagoa e deu Ter a Espingarda da mãe e falou ai ai ai a formiga começou a dar risada do Casador.

Escrita do aluno 6D

Escrita do aluno 6D

6 O Cogedor e o Passarinho

Era uma vez a formiga que estavaalhando o rio e a formiga caiu na fogueira e viu um Passarinho e ajudou ela a sair do mar a formiga pediu obrigado para o Passarinho.

Um dia o Passarinho estava em um galho da árvore quando viu o Cogedor para matar ele e a formiga viu e foi ficar o lado dele e o cogedor caiu dentro do esqueleto e quando a formiga chegou da mãe e falou a. a. a. e a formiga começou a dar risada do Cogedor. e de pois foi um barulho estranho.

Reescrita do aluno 6D

O passarinho e a formiguinha

Em uma tarde ensolarada, a formiguinha Sili estava na beira do rio.

Quando de repente ela caiu dentro do rio e o passarinho que estava passando por ali viu a formiguinha se afogando.

Então resolveu ir ajudá-la pegando um pedaço de pal e então a formiguinha agarrou no pal e o passarinho puxou ela para cima. E a formiguinha agradeceu para o passarinho por ter ajudado ela.

No outro dia a formiguinha estava ouvindo o passarinho cantar quando apareceu um caçador quando o caçador ia atirar no passarinho a formiguinha mordeu o pé do caçador e o passarinho voou.

Escrita do aluno 7A

O pássaro e a formiga
 A formiga ~~se~~ resolveu dar um
 passeio na beira do rio.

De repente ela caiu lá no rio
 e o pássaro que estava passando por ali viu a
 formiguinha se afogando.

Então ele resolveu ir ajudá-la pegando um
 pedacinho de pau, então a formiguinha
 agarrou e o pássaro puxou ela
 para cima.

Ela agradeceu o pássaro por ter
 salvado ela.

Outro dia a formiguinha estava olhando
 o canto do pássaro quando apareceu um
 um caçador. Quando o caçador ia atirar
 no pássaro, ele mordeu o pé do caçador
 e o pássaro conseguiu fugir.

Reescrita do aluno 7A

A formiga e o pássaro

Num belo dia a formiga Luana resolveu passear pelo riacho e a formiga Luana caiu nesse riacho e um pássaro que estava passeando cando viu a Luana.

Foi aí ajudala e o pássaro pegou um pedaço de madeira para a formiga sair do riacho.

A formiga Luana agradeceu o pássaro num belo dia o pássaro estava gontando e um caçador queria pegar o pássaro e a formiga viu.

A formiga Luana morreu o caçador e o pássaro saiu voando e a uzegada gaio no chão.

Escrita da aluna 7B

Fim da história

A formiga e o pássaro

Num dia a formiga Luana foi passear pelo riacho e caiu nesse riacho. Um pássaro estava passeando e viu a Luana lá.

Foi aí ajudala e o pássaro pegou um pedaço de madeira para a formiga sair do riacho.

A Luana agradeceu ao pássaro que se chamava Beto.

Num belo dia o Beto estava gontando e um caçador queria pegar o pássaro e a formiga viu.

Luana morreu o caçador e o caçador e o Beto saiu voando e a uzegada gaio no chão.

Reescrita da aluna 7B

Fim da história

O caçador e os Bichos

Em um dia esbelado, uma formiga estava na beira de um riacho, quando percebeu que se escorregou da, formiga, gritou socorro!

Depois de cair no rio, viu um passarinho para te ajudar.

O passarinho pegou uma corda e puxou a formiga, depois de te puxado a formiga agradeceu o passarinho.

Quando o passarinho estava cantando distraído, logo veio um caçador que queria matar o passarinho a formiga cuidou dele, a formiga picou o caçador e o passarinho saiu voando.

Escrita do aluno 7C

O caçador e os Bichos

Em um dia esbelado, uma formiga estava na beira do riacho, e se escorregou. A formiga, gritou socorro!

Depois de cair no rio viu um passarinho para ajudá-lo.

O passarinho pegou uma corda e puxou a formiga, depois de te puxado a formiga agradeceu ao passarinho.

Quando o passarinho estava cantando distraído, logo veio um caçador que queria matar o passarinho. A formiga cuidou dele, a formiga picou o caçador e o passarinho saiu voando.

Reescrita do aluno 7C

U Cacador
 numma linda manha uma formiga estava
 passeando pela margem de um riacho estava
 feliz alegre e cantando.

Quemelo de repente ela se distraiu e caiu
 no riacho e rapidamente começou a gritar
 socorro, socorro, socorro ou gem me ajude
 chorando falou o cara dela. Um passaro que estava
 passando pelo rio viu ele caindo e pegou
 uma corda e se girou no seu bico a for
 miça pegou a corda e falou:

— Bugado mesmo dona mãe de você
 ter me ajudado.

Tra manha seguinte tubaram tentou pegar
 pegou a espingarda mirou no passaro para
 atirar a formiga muito esperta picou o pé do
 tubaram e ele caiu lá fel com que a espingarda
 caiu e respirasse e o passaro viveu e os dois
 viveram felis para sempre.

Escrita do aluno 7D

O caçador

Numa linda manhã uma formiga estava passeando pela margem de um riacho estava feliz, alegre e cantando.

Quando de repente ela se distraiu e caiu no riacho e rapidamente começou a gritar: socorro, socorro, me ajudem.

Um pássaro que estava passando viu ele quando ele pegou uma corda e se segurou no seu bico a formiga pegou a corda e falou:

— Brigada mesmo dona pessa de você ter me ajudado.

Na manhã seguinte tiveram tentos pegou a espingarda mirou no pássaro para atirar a formiga muito esperta pichou o pé do tubarão e ele caiu. Isso fez com que a espingarda caísse e resparrasse e o pássaro viu e os dois viveram felizes para sempre.

reescrita do aluno 7D

sinto que a formiga estava indo para beber água e caiu e o pássaro foi ajudar a formiga e ele disse obrigado. Por favor e ele saiu correndo e levou um galho e ele jogou e aí ele conseguiu e ela agradeceu e ele tentou matar o caçador a chame o pássaro e queria matar a formiga disse não mata ele ela foi e picou o pé dele e ele saltou.

Escrita da aluna 8A

A formiga e o Passaro.

Certo dia a formiga estava indo para beber água e caiu na rua. O Passaro foi ajudar a formiga. Ela disse:

— me ajuda Por favor.

Ele saiu correndo e pegou um galho e jogou e conseguiu salvar a formiga.

A formiga agradeceu o Passaro.

O caçador achou o Passaro e queria matar e a formiga disse:

— não mata ele.

Ela foi e picou o pé dele e ele conseguiu fugir.

Reescrita da aluna 8A

O pombo e a formiga

Num certo dia uma formiga estava tomando água em um lago, e de repente ela escorregou e caiu.

Um pombo viu de aquele troféio que estava acontecendo com a formiga resolveu ajudá-la.

Então pegou um galho e jogou para a formiga, mas um caçador estava passando por lá e o pombo fez isso sem perceber.

E o caçador com o seu quimo matou o pombo mas a formiga deu um picado no pé do caçador que ele começou a gritar e largou o arma.

moral: Uma boa ação se paga com outra.

Escrita da aluna 8C

O pombo e a formiga

Em um belo dia uma formiga estava tomando água no lago.

Quando de repente escorregou e caiu dentro do lago. Uma pombinha vindo a formiga se afogou resolveu ajudar então foi correndo pegar um pedaco de gallo e jogar para a formiga.

E a formiga falou:

- Muito obrigada amiga.
- Dinado tá a pomba

No outro dia a pomba estava cantando no seu gallo quando um caçador passou por ali e quis matar a pomba, mas a formiga pulou no pé dele.

E ele começou a gritar.

Moral: Uma boa ação se paga com outra.

Reescrita da aluna 8C

A formiga e o passarinho

Em uma vez uma formiga que estava indo ao rio e de chagou num poço e escorregou, e um passarinho que estava passando e viu a formiga pedir socorro foi ajudar, e pegou um pedaco de gallo e deu para a formiga, e a formiga pegou o pedaco de gallo e se segurou, falou para o passarinho, pucheu e quando a formiga estava em terra falou obrigado ao passarinho.

E o passarinho foi embora e quando ele voltou no outro dia um homem e apontou uma arma para o passarinho e a formiga foi ajudar o passarinho ele pichou com toda a sua força e o pe dele e o passarinho foi embora.

Escrita do aluno 8D

A formiga e o passarinho

Era uma vez uma formiga que estava muito fria e do chover muito perto e escuras dentro de casa.

Um passarinho que estava parando na formiga pediu socorro. Ele foi ajudar a formiga e pegou um pedaço de galho e deu para a formiga. A formiga pegou o galho e a formiga pichou o galho e quando a formiga estava em terra firme.

A formiga agradeceu ao passarinho e o passarinho foi embora e quando o passarinho estava cantando viu um coqueiro e apanhou uma arma para o passarinho. E a formiga foi ajudar, e a formiga foi e deu uma picada no pé do coqueiro e o passarinho fugiu.

Reescrita do aluno 8D

A formiga e o passarinho

Num certo dia o formigo da belva água, do estomago muito perto do ar; quando ele foi beber água do exatagão uma pontar que estava perto viu o formigo e depois entre o ponto, pegou um pedaço de pau e colocou no ar para o formigo beber.

A formiga falou

- O formigo foi no ponto:

2 o ponto ~~pendeu~~

- Então eu que estou uma coisa certa

Logo depois disso o formigo viu um coqueiro quando muito o ponto, o formigo tinha lembrado que o ponto tinha chutado ali.

Então o formigo deu uma picada no pé do coqueiro que ele não gostou e o ponto tinha ouvido e saiu correndo.

Escrita da aluna 8E

O ponto e o formigo

Nem neste dia o formigo faz bico, como no dia.

Ele estava muito triste de contrair o bico.

- Então, antes de ir embora, ele falou para o ponto:

• Um ponto que poderia parecer não o formigo no

afegano não o ponto para um ponto de cada lado

• O ponto e o formigo riram.

O formigo falou:

— O ponto não me ajudou

E o ponto respondeu:

— Quando eu não ajudo, não me ajuda.

Algum tempo depois, o formigo viu um coelho querendo

• O ponto.

O formigo falou que o ponto tinha ajudado ele.

gratidão, então o formigo deu uma picada no pé do coelho dele.

e o ponto riu e se riu.

Reescrita da aluna 8E

Em um lago apareceu uma formiga e ~~ela ficou~~ ficou alhando. e logo ali chegou um passarinho e viu a formiga no lago e o passarinho falou espero e que eu vou salvar da lago.

E o passarinho pegou um pal e deu para a formiga pegar e a passarinha conseguiu puchar a formiga e a formiga agradeceu a passarinha e a passarinha estava cantando.

E apareceu um caçador que matar um passarinho e a formiga estava de alha na caçador e com a botana aberta e foi em cima da caçador e mordida e tr da caçador e ele saiu o sono e a passarinha correu.

Escrita do aluno 9A

A formiga e a passarinha.
Em um lago apareceu uma formiga que ficou toda feliz alhando a lago de repente a formiga estava se alegrando com a cara para fora e ali um passarinho alha a formiga e a passarinha pegou uma fita e travou a formiga falou.

Para a passarinha muito abrigada - porque me salvou de repente apareceu um caçador que matar a passarinha e a formiga estava de alha no caçador e com a botana.

E a formiga quede em cima da boca do caçador e a formiga amassou a boca e ali o caçador se convulsa e a passarinha voltou no lago.

Reescrita da aluna 9A

Em um dia muito ensolarado como
 formiga, estava de bota de um rio
 a formiga se deitou-se e criou no
 rio e um pássaro que estava de
 passagem acabou, a formiga a partir
 do rio, e ficou obrigado o pássaro falou
 também não foi nada, o pássaro que
 tinha, passou em um galho de árvore e a
 formiga estava voltando para o formigueiro
 viu um caçador apontando a arma
 para o pássaro a formiga saiu
 correndo e enfiou o pé no pé do
 caçador e o pássaro saiu correndo.

Escrita do aluno 9B

Título: A formiga e o pássaro

Em um dia muito ensolarado
 uma formiga, que estava a beira de
 um rio e se deitou e criou.
 Um pássaro que estava de passagem
 viu que ele estava se aproximando
 e foi, salvou a formiga que
 quase se afogou e deu
 muito obrigado por ele a formiga
 perguntou a ele qual era o nome.
 Pássaro, eu me chamo João. disse
 a formiga e o pássaro falou meu
 nome é João a formiga João
 de repente, os formigueiros e o pássaro
 voltou para o formigueiro e o pássaro
 que foi para um galho a formiga.
 viu um caçador querendo atirar
 no João. João pediu que isso acontecesse
 a João enfiou o pé nele.
 E o pássaro que era muito
 esperto saiu correndo.

Reescrita do aluno 9B

Era uma vez uma formiga que estava passando pela mata, e de repente escorregou e caiu no rio.

Um passarinho que estava passando viu ela e foi ajudar, ele pegou uma corda que estava jogada na mata, e a formiga pegou e subiu.

A formiga falou obrigada e ficaram amigos e o passarinho foi embora.

Um belo dia um caçador apareceu e queria matar o passarinho, de repente a formiga apareceu e pensou, eu tenho que ajudar o meu amigo ele salvou a minha vida e eu vou salvar a vida dele.

A formiga foi lá e picou o pé dele e disse:

- fuja ou ele vai matar você, então o passarinho fugiu e a formiga também e ficaram felizes para sempre.

Escrita da aluna 9C

A formiga e o passarinho

Era uma vez uma formiga que estava passando pela mata, e de repente escorregou e caiu no rio.

Um passarinho, que estava passando viu ela e foi ajudar, ele pegou uma corda que estava jogada na mata, e a formiga pegou e subiu.

A formiga falou obrigada e ficaram amigos e o passarinho foi embora.

Um belo dia um caçador apareceu e queria matar o passarinho, de repente a formiga apareceu e pensou, eu tenho que ajudar o meu amigo ele salvou a minha vida e eu vou salvar a vida dele.

A formiga foi lá e picou o pé dele e disse:

- fuja ou ele vai matar você, então o passarinho fugiu e a formiga também e ficaram felizes para sempre.

Reescrita da aluna C